

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E TERRITORIALIDADES

Maria da Conceição Teixeira de Lima (Mona Lima)

“OS NÊGO DA MINERVINA E A REDE DO CARUÁ”:
confluências da memória e biointeração no Quilombo São João
do Jatobazinho/Piauí

Niterói
2021



Maria da Conceição Teixeira de Lima (Mona Lima)

“OS NÊGO DA MINERVINA E A REDE DO CARUÁ”: confluências da memória
e biointeração no Quilombo São João do Jatobazinho/Piauí

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades, do Instituto de Artes e Comunicação Social, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Cultura e Territorialidades. Linha de pesquisa: Fronteiras e produção de sentidos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Janaína Damaceno Gomes.

Niterói
2020

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

L732" Lima, Maria da Conceição Teixeira de. (Mona Lima)
"Os Nêgo da Minervina e a rede do caruá" : confluências da memória e biointeração no Quilombo São João do Jatobazinho/Piauí / Maria da Conceição Teixeira de. (Mona Lima) Lima ; Janaina Damaceno Gomes, orientadora. Niterói, 2020.
136 f.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPCULT.2020.m.03987512342>

1. Biointeração. 2. Quilombo São João do JatobazinhoPi. 3. Caroá. 4. Oralidade. 5. Produção intelectual. I. Gomes, Janaina Damaceno, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD -

Maria da Conceição Teixeira de Lima (Mona Lima)

“OS NÊGO DA MINERVINA E A REDE DO CARUÁ”: confluências da memória
e biointeração no Quilombo São João do Jatobazinho/Piauí

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades, do Instituto de Artes e Comunicação Social, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Cultura e Territorialidades. Linha de pesquisa: Fronteiras e produção de sentidos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Janaína Damaceno Gomes.

APROVADA EM: 28 de julho de 2020

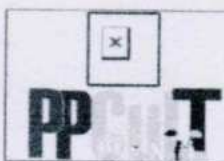
BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Janaina Damaceno Gomes (Orientadora) — UFF

Prof.^a Dr.^a Maria Sueli Rodrigues Sousa — UFPI

Prof.^a Dr.^a Neusa Maria Mendes de Gusmão — Unicamp

Prof. Dr. Júlio César de Souza Tavares — UFF



Nº 120

Ata de Defesa de Dissertação de Mestrado

Aos vinte e oito dias do mês de julho de dois mil e vinte e um às 10:00, em sessão remota (on-line), excepcionalmente, em decorrência da Portaria n.º 36 de 19 de março de 2020 da CAPES, reuniu-se a Comissão Examinadora designada na forma regimental pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação / Mestrado Acadêmico em Cultura e Territorialidades, para julgar a dissertação, orientada pelo(a) professor(a) Janaina Damaceno, apresentada pelo(a) aluno(a): *Maria da Conceição Teixeira de Lima*, sob o título: **“OS NÊGO DA MINERVINA E A REDE DO CARUÁ”: confluências da memória e biointeração no Quilombo São João do Jatobazinho/Piauí**. Requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Cultura e Territorialidades, área de concentração em Cultura e Territorialidades. Aberta a sessão pública, o(a) candidato(a) teve a oportunidade de expor o trabalho. Em seguida, o(a) candidato(a) foi arguido oralmente pelos membros da Banca, que, após deliberação, decidiu pela:

- Aprovação.
- Aprovação “com restrições”; “com exigências”; “com sugestões da banca”; “condicionada” (vide verso).
- Reprovação.

Nos termos do Regulamento Geral dos Cursos de Pós-Graduação desta Universidade, foi lavrada a presente ata, lida e julgada, conforme vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Banca Examinadora:

Profª. Drª. Janaina Damaceno - (Orientadora - Presidente da Banca)
(UERJ e PPCULT/UFF)

Prof. Dr. Júlio Cesar de Souza Tavares
(UFF)

Profª. Drª. Neusa Maria Mendes de Gusmão
(UNICAMP)

Profª. Drª. Maria Sueli Rodrigues de Souza
(UFPI)

AGRADECIMENTOS

"Vivo o infinito, o instante não conta."

(Maria Bethânia)

Agô,

A bença, Mokuiu, Motumbá, Kolofé, a benção às mais velhas, às mais novas, desta e d'outra temporalidade, e aos visíveis e invisíveis, em orum e em ayé.

Laroiê, Saravá, Mojubá.

Mãe, a menina que um dia foi acusada, aos 10 anos de idade, de roubar uma biblioteca da escola do Lindolfo Uchôa está concluindo o Mestrado!

Gratidão é a palavra mais presente na minha caminhada. Peço licença para agradecer por todas as sabenças encontradas ou reencontradas. O ano de 2019 foi um divisor de águas para mim, quando muitas rupturas se fizeram presentes e os caminhos que foram abertos me possibilitaram voltar a caminhar dentro de mim, dentro de nós. Desde a residência em pesquisa social, em 2017, no Observatório de Favelas, quando me reencontrei com Nego Bispo, bem como com todas as confluências e irmandades de Cabo Verde, Guiné Bissau, Portugal, Colômbia, além de jovens pesquisadores de São Paulo, Minas Gerais e Pernambuco.

Nós pudemos pesquisar e morar no Complexo da Maré. Foi uma experiência sem igual, vivenciar o cotidiano daquele grande quilombo urbano. Estar ali me trouxe a vontade do retorno ao sonho do Mestrado, tantas trocas e indignações faziam parte de nossa rotina na Maré e no colo um e do outro encontramos formas de re-existir no território e em sua territorialidade cheia de atravessamentos.

Sonhar um sonho coletivo é esse que se faz presente nessa escrita. É um retorno pra casa e tenho ouvido muito o quão importante é não esquecer o caminho de volta pra casa. Quando li sobre o Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, meus olhinhos brilharam e fiquei muito animada por entrar numa proposta de mestrado transdisciplinar. Quando vi que uma das questões da prova tinha ligação direta com a residência em pesquisa da Maré, tive certeza que o meu lugar era ali.

Cheguei no programa e tive uma das poucas sorte na vida acadêmica, uma ORÍentadora preta, Janaína Damaceno Gomes, a quem agradeço por demais, demais mesmo, sempre me provocando sobre a pesquisa, me apoiando sobre o campo, dando liberdade ao meu pensar existencial e intelectual. Agradeço pela confiança mas, principalmente pelo afeto, pelos sorrisos, por acreditar, por defender a nossa forma de criar e recriar possibilidades, assinando sempre embaixo todas as idéias partidas de nossa essência. Sem dúvida alguma fez toda diferença tê-la junta, conversar com ela pela lua, pelo céu estrelado dos quilombos, pelos momentos que pensava que não conseguiria e seu rosto vinha em minha mente, suas palavras que me encorajavam. Estava ali, sempre presente. Gratidão demais, por ser colo de afeto, de força e de puxar a orelha quando necessário. Foram muitas conversas, se fazia presente sua presença-essência.

Agradeço a minha Mãe Maria do Socorro, pelas promessas, pelas rezas, por todo amor e dedicação, por ser sempre colo e apoio. Também a minha avó e meu avô por estarem sempre presentes em minha caminhada, sempre presentes, a me mandar orações e amor, sempre se preocuparem.

Agradeço demais à irmã de trajetória Iliriana Fontoura, preta quilombola do Rio Grande do Sul, por todas as trocas, por todo apoio, afeto e coragem, pelas diversas trocas boas, conversas, debates e irmandade.

Agradeço ao meu Pai de Santo, João de Odé, e às minhas irmãs e irmãos de santo do Ilè Asè Odé Obatafá, a flecha de meu Pai Odé sempre certa, motumbá, Okê Okê!

MOTUMBÁ minha Mãe Oyá, Eparrey! Motumbá Pai Omolu, Atôô!

Agradeço ao meu ex-companheiro, que continuou na parceria e na irmandade, Marco Aurélio, que junto de sua Mãe, Dona Rosa, Mãe Rosa, foram e são minha família no Rio de Janeiro, Magé! Gratidão por tudo, por tanto!!

Agradeço à Maré por ter sido encruzilhada de encontros tão potentes e necessários para o meu amadurecimento.

Agradeço aos encontros do grupo de pesquisa Afrovisualidades, encontros esses que foram muito importantes para idéias e amadurecimento da pesquisa.

Agradeço aos encontros do Laboratório de Pesquisa GERU MAA: Laboratório de Africologia e Estudos Ameríndios da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Núcleo de Subjetividade e Ancestralidade e o Núcleo de Filosofia Política, foram por demais importantes esses encontros.

Agradeço com toda a força de meu coração ao Mestre Nêgo Bispo, pelas provocações, pelos conselhos, pelo sopro de suas palavras cheias de axé.

Agradeço também a grandes referências do meu Piauí, território pindorâmico, com matriarcas afropindorâmicas que abençoam suas aprendizes, Maria Sueli Rodrigues, Lucineide de Barros Medeiros, guiam e transmitem axé ao Orí de suas aprendizes, Artenilde Soares da Silva e o grupo Afoxá e a Sexta Nagô, Coletivo Zumbidos do Memorial (importante demais demais demais em minha formação enquanto sujeita negra em diáspora).

Agradeço às irmandades negras, Carmen Kemolly, Carô Carol, Alline, Maria Aline, Fabi, Mariano, Verônica, Denise de Oyá, Vera de Odé, Katiuscia Ribeiro, Jonas, Natasha Karenina, Verônica Viana, Josi, Brenda, Cris Ribeiro, Alexssandro, Geovanni, Drica, Marcelo, Geisa, Antônia Gabi, Clementino Jr., Daniel, Lucas Araújo, Thábata, Aliliny, Day, Tainá, Martina, Carol, Tereza Onã, Débora, Daniela, Phelipe Cunha, Celso Sanchez, e tantas outras que encontrei no caminho e na caminhada.

Agradeço minha família amor, Rayka, Laiz, Mandioca, Maria Antônia, Maria do Rosário, Rayssa, Isael, Francisco, Nenem, Pai Adalto, Miiiiinha amor da minha vida todinha.

Agradeço o abraço apertado cheio de axé no Pré-vestibular Quilombo Kilombá, no Ilé Asè Ogun Alakorò, na pessoa do Babá Paulo de Ogun e Geraldo Bastos, grandes aprendizados!

Agradeço enormemente à Joana D'arc e Milena por serem realizadoras audiovisuais e acreditarem na construção coletiva junto aos sujeitos e sujeitas.

Agradeço o fortalecimento energético e ancestral encontrado na Aldeia Vertical, onde encontrei mais uma família e uma Mãe Niara do Sol, da Horta Vertical. Lá me recarreguei e fui acolhida.

Agradeço com o coração quentinho à todes pelo apoio e movimento (Laroiê) para realização de um sonho ancestral que foi a viagem para Nigéria, para apresentação de um ensaio sobre essa pesquisa na 1ª Conferência Internacional "África/Brasil: compartilhando entendimentos sobre a diáspora negra no Novo Mundo", do Centro de Estudos Afrobrasileiros da Universidade do Estado de Lagos, em Lagos, Nigéria. Foi, sem dúvida, um reencontro ancestral e divisor de águas Transatlânticas dessa corporalidade afropindorâmica em diáspora.

Agradeço a mim, a nós, às que habitam em mim, às matriarcas invisíveis, visíveis nas águas, no vento, no céu, na chuva e nos sonhos. Sou só gratidão à

guiança das ancestrais de minha linhagem ancestral. Modupé! Motumbá, minha Mãe Oyá, dona de meu Orí. Vento ancestral que guia a folha que vive mesmo longe de casa! Ubuntu!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), a quem agradeço e saúdo à educação pública e de qualidade das universidades públicas brasileiras.



Recordação. Fonte: Joana D'arc (2020).

RememOría¹ é uma encruzilhada cheias de performances, cosmossensações, sentições diversas. É se encantar à cada flecha disparada pelo tempo para se alembrear, no ato dos “olhinhos fechados”. Do cumémesmo? Remorainda? Mésquitavenu, xô rê. O som emitido pelos dizê, os dizê enfeitiçado, que caça o/no tempo, aquele tempo pra se alembrear, pra enfeitiçar ele e conseguir entrar dentro da espiral temporal... Que só quem entende, quem entra nela, Bem dizê que “só quem veve sabe, sente”. É quem se encanta. Cuma? se juntando com o nós que nos habita. Te Orí.entes, que vieram antes.

Onde se encantar? se não nos portais, protegidos, defendidos pelas existências, re-existências, das comunidades, afropindorâmicas ...

Flechada se deu pr'eus fazer o “caminho de casa”, achei que fui em busca de algo, que acabei foi sendo encontrada, bem na encruza do cerrado e da caatinga! E foi eus sendo nós, que assim tive per.missão de tocar num Orí ancestral – Orís encantado, inscrito aqui no portal imagem.

...Buscando fechar um ciclo, fazer uma travessia entendi que não é um ciclo que fecharei, quero mesmo é est.ar dentro dele espiral, sendo e estando sempre no começo, meio e começo.

Quem é de vento sabe dançar na espiral dos tempos... Eparrey!²

Bença Dona Didi. Bença Dona Minervina. Bença Dona Rosa. Bença Dona Marta. Bença às Marias e às Flor.

(Mona Lima, 2020)

¹ Trazer a memOría ancestral, por isso o Orí inserido.

² Saudação à Orixá Oyá ou Iansã, representada pelo vento. É dona do nosso Orí.

“A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente”.

Tierno Bokar

RESUMO

“OS NÊGO DA MINERVINA E A REDE DO CARUÁ”: confluências da memória e biointeração no Quilombo São João do Jatobazinho/Piauí

Esta dissertação se propõe a olhar para a encruzilhada da memória com a Biointeração, expressa no trançado da rede de caroá no Quilombo São João do Jatobazinho, situado no Município de Dom Inocêncio, sul do Estado do Piauí, região do semiárido nordestino, encruza da caatinga com o cerrado. A pesquisa se tornou possível após o reencontro entre duas afropindorâmicas (Matriarca Dona Didi e eu) no verão intenso da caatinga, num riacho entre enormes lajeiros. A metodologia que está sendo praticada é a orgânica, a compartilhada, a do ouvir, pedir bença e participar de alguma tarefa quando se é convidada. Portanto, para confirmação da re-existência quilombola através da recriação de tecnologia orgânica ancestral da rede, buscaremos identificar os atravessamentos de identidade e território no trançado. Pois, assim como a “lida” do caroá tem algumas etapas, Jatobazinho tem várias circularidades. O presente ensaio se dá a partir da reconexão dessa mais nova com a Matriarca Didi, os mais velhos e as Orais memórias territorializadas. Para a construção coletiva dessa narrativa-vivida-sentida, chamaremos para a gira orgânica da formulação teórico/metodológica dessa prosa, falas dos mais novos, dos jovens e dos mais velhos do quilombo, além de escritas teóricas, tendo como interlocutoras a epistemologia contracolonialista de Antonio Bispo dos Santos e da Yalorixá Vanda Machado, além de nossa matriarca da oralidade Conceição Evaristo. Em relação ao uso da encruzilhada em temporalidades, encontraremos Leda Maria Martins, dialogando sobre imagem e identidade do território ancestral quilombola com Beatriz Nascimento. As confluências interativas para escuta atenta e participativa das oralidades entre os sujeitos dessa construção narrativa descritiva se deu em diferentes espaços e formas, sendo todas circulares, seja embaixo do pé de wifi, bem na horinha do café da tarde na casa dos mais velhos, seja na umbuzada, na maxixada, na colheita do mel e, em especial, no cine quilombo, onde ao fim ocorria a partilha das memórias quilombistas, sendo o diálogo a base de encontros com o passado transformado pelo presente futuro, mas nunca esquecido. No desenrolar dessa escrevivência estamos gestando um filme das memórias, além de poesias em formato de lembrança no tempo espiralar. O texto ora apresentado tem como resultado um filme dessa história oral das sementes do quilombo de Jatobazinho.

Palavras-Chave: Biointeração; Quilombo São João do Jatobazinho-Pi; Caroá. Oralidade; Memória; Metodologia orgânica.

ABSTRACT

“MINERVINA’S BLACK PEOPLE AND THE CARUÁ TRADITIONAL HAMMOCK”:
confluences of memory and biointeraction in the Quilombo São João do Jatobazinho/
Piauí.

This dissertation aims to look at the crossroads of memory with Biointeraction, expressed in the weaving of the caroá traditional hammock in the Quilombo São João do Jatobazinho, located in the Municipality of Dom Inocêncio, south of the State of Piauí, northeastern semiarid region, crossing the caatinga with the savannah. The research became possible after the reunion between two Afropindorâmicas (Matriarca Dona Didi and me) in the intense summer of the caatinga, in a stream between huge slabs. The methodology being used is organic, shared, listening, asking for a blessing and participating in some task when invited. Therefore, in order to confirm the quilombola re-existence through the recreation of the network's ancestral organic technology, we will seek to identify the crossings of identity and territory in the braided, because just as the “read” of the caroá has some stages, Jatobazinho has several circularities. This being an essay based on the reconnection of this youngest with Matriarch Didi, the elders and the Oral territorialized memories. For the collective construction of this narrative-lived-felt, we will call for the organic turn of the theoretical/methodological formulation of this prose, speeches of the younger, younger and older people of the quilombo, in addition to theoretical writings, having as interlocutors, epistemology against colonialist Antonio Bispo dos Santos and Yalorixá Vanda Machado, in addition to our matriarch of orality Conceição Evaristo and, in relation to the use of the crossroads in temporalities, we will find Leda Maria Martins, dialoguing about image and identity of the ancestral quilombola territory with Beatriz Nascimento. The interactive confluences for attentive and participative listening of oralities between the subjects of this descriptive narrative construction took place in different spaces and forms, all of which were circular, either under the foot of the wifi, right at the afternoon coffee break at the elders' house, or in the umbuzada, in the maxxada, in the honey harvest and, in particular, in the cine quilombo, where, in the end, quilombist memories were shared, with the dialogue being the basis of encounters with the past transformed by the present, future, but never forgotten. And in the course of this writing, we are creating a film of memories, as well as poems in the form of remembrance in spiraling time. The text presented here results in a film of this oral history of the seeds of the quilombo of Jatobazinho.

Keywords: Biointeraction; Quilombo São João do Jatobazinho-Pi; Caroá; Orality; Memory; Organic methodology.

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1 – A pedra.....	15
Imagem 2 – O encontro.....	19
Imagem 3 – Porção.....	22
Imagem 4 – Cine Afroquilombola.....	26
Imagem 5 – Trocas.....	28
Imagem 6 – Pé de wi-fi.....	30
Imagem 7 – Olhim fechado.....	36
Imagem 8 – Piranhas.....	41
Imagem 9 – Encruzilhada Quilombista.....	43
Imagem 10 – Celebração dos encontros em que me encontro, nos encontramos. Encontro. Reencontro. Encontro.....	46
Imagem 11 – Pôr do sol no Calango.....	54
Imagem 12 – Indo nascer no Jatobazinho.....	57
Imagem 13 – Re-Encontro. Dona Didi e o Coroá, no rio Porção, com as netas Carla e Angélica.....	60
Imagem 14 – A terra que tudo dá.....	62
Imagem 15 – Performar memOrías.....	63
Imagem 16 – Pisa ligeiro.....	64
Imagem 17 – Molho.....	65
Imagem 18 – O jucá dá voltas.....	67
Imagem 19 – Calambolas.....	69
Imagem 20 – Débora.....	70
Imagem 21 – Cunversa de cerca.....	72
Imagem 22 – Cerca.....	73
Imagem 23 – Biointeração.....	75
Imagem 24 – Bater roupa.....	76
Imagem 25 – Roupas.....	77
Imagem 26 – Rádial.....	79
Imagem 27 – Águas de raízes.....	80
Imagem 28 – Águas de março.....	82
Imagem 29 – Sankofa.....	83
Imagem 30 – OI NÓIS.....	85

Imagem 31 – Time	86
Imagem 32 – Cine Quilombo.....	87
Imagem 33 – Kiriku	88
Imagem 34 – Quilombos	89
Imagem 35 – Cabras.....	90
Imagem 36 – Rosilda	91
Imagem 37 – Oficinação	92
Imagem 38 – Umbuzada	93
Imagem 39 – Chão de Preto	94
Imagem 40 – Artesanias	96
Imagem 41 – Escola.....	97
Imagem 42 – Abandono	98
Imagem 43 – Zoropa	101
Imagem 44 – Cosmuniidade	102
Imagem 45 – Ancestralidade.....	103
Imagem 46 – CorpasOralidades.....	123
Imagem 47 – Destrançar.....	124
Imagem 48 – Pendrives	125
Imagem 49 – Ora iê iêu	128
Imagem 50 – Coroá.....	129
Imagem 51 – A bença	132

SUMÁRIO

BENÇA AOS REENCONTROS	17
“SOMOS O COMEÇO, O MEIO E O COMEÇO”: INÍCIO DE UMA PROSA.....	19
1 “EXTRAÍMOS OS FRUTOS DAS ÁRVORES”: O TRANÇADO DA MEMÓRIA IMPRESSO NA ALMA	35
2 SER-TÃO QUILOMBO NA ALDEIA PIAUHY.....	50
2.1 Confluências Cosmoorgânicas com “Os Nêgos da Minervina” no Jatobazinho	57
3 MEMORÍA E ANCESTRALIDADE NAS BIOINTERAÇÕES	75
4 CULTIVAR A PRÓPRIA MEMÓRIA É COMO IMPRIMIR O PRÓPRIO MUNDO: AUDIORALIDADE COM A MESTRA DIDI TECELÃ DO COROÁ NO QUILOMBO DAS MINERVINAS	102
4.1 Confluência geração avó e geração neta: início, meio e início	104
REFERÊNCIAS.....	133

Imagem 1 – A pedra



Enquanto estávamos esperando o sol esfriar para irmos na casa de Joana, aproveitamos para brincar de quem conseguia acertar com a pedra o pau que estava fincado ali. Na foto, Júlia, segundos antes de acertar o pau e ganhar a brincadeira. Fonte: Mona Lima (2020).

— Marminino, deixa eu te perguntar um negócio: Qual nosso mior jeito?

— ... Hummmm, Criança!!!

— E o que você quer ser quando crescer?

— Criança!!!

— Mais será purquê, que o céu sempre se muda?

— Ele gosta de passear puraí também, ué!

— Avi Maria nam... resposta na ponta da língua! Kkkkkk

Somos respondão sim, mahrrapah!

...
Mudamos com o tempo, Mas como se muda o tempo, se ele é Rei?

Só o tempo sabe de tudo

O tempo é uma encruzilhada O tempo é a memória

Pois se a memória não tem tempo

É o próprio tempo

Circular

O céu é o tempo A pedra que se atirou ontem

É O céu O tempo O círculo

É Exú

Salve Mestre Nêgo Bispo por ser encruza em nosso tempo E que bom que o seu/nosso tempo é

circular Encontro - Reencontro - Encontro

Encontrei Bispo Reencontrei o Quilombo

Encontrei a mim

Quilombo São João do Jatobazinho

Caatinga Piauiense Na encruza do Norte com o Sul do Estado,

duas afropindorâmicas se re-conheceram e são amigas.

Bença Dona Didi Matriarca do Jatobazinho

Mestra do Caroá e da Oralidade, na fronteira com a Caatinga da Bahia Irmã.

Mona Lima, 4 de julho de 2020 - Laroyê Exú

BENÇA AOS REENCONTROS

*Bença aos mais novos, bença aos mais velhos,
bença a quem encanta e a quem é encantado.
Pra falar de Quilombo é preciso pedir Licença!*

É que quando a gente acorda cedinho da manhã, mal levanta e a Mãe já olha e diz: “não vai me dar a bença, não?” Sim, tomar a bença é a primeira coisa que a gente deve fazer quando acorda, depois disso é permissão pra ir tomar banho de rio. Vários encontros se fazem num rio, aprendizados, fofocas e encantamentos. “Nunca nos banhamos na mesma água de um rio que corre pro Mar”, cada dia é um dia e o tempo é tão grande que, mesmo estudando de manhã, conseguia ir banhar e voltava com a garrafa cheia de piabas. Depois desse ritual é que ia pra escola, na verdade, a primeira importância era ir mesmo pro rio, porque pra escola eu era obrigada.

Sou ribeirinha, da região norte do Piauí, cidade de Barras, dita terra de poetas e governadores. Mas sua principal característica são os rios: Marathoan e o Longá, onde tem grande plantação de melancia, de caju e manga e outras frutas. Convivi com muitas árvores, passava o dia catando frutas com minha irmã. Por isso, casa de vovó sempre, porque lá tinha muitas árvores, poucas casas. Quando éramos avisadas de que iríamos levar uma pisa, logo subíamos na árvore mais alta até nossas matriarcas se acalmarem e a gente poder descer. Aquele pé de tamarindo nos salvou bastante!

Além dos rios, tinha vários riachos, poções que apareciam em época de chuva, vivenciada intensamente, por sempre morar ao ladim do rio, onde uma cerca se tornava fronteira de encontro. Reencontros com esses parentes, essa Biointeração (SANTOS, 2015) na qual a rotina, a vida, é completamente atravessada pelos viventes parentes da natureza, transformando nosso “ser”, “estar”, “pensar do mundo”. Entendi isso quando, ao entrar na Universidade, fui tida como “selvagem” por não aceitar ser adestrada, me tornando ali uma *outsider within*, para o usar o termo cunhado por Patricia Hill Collins (2016). Mas, mesmo essas fronteiras tiveram sua contribuição para essa caminhada que se encruza no aqui, através de reencontros. Afinal, se nossas vidas são em espiral, nesse movimento já viemos aqui e retornamos e nos reencontramos. “Nada é por acaso”.

Sempre falei para minha Mãe que escreveria a história dela. Isso me motivou muito a entender as palavras. Daí, um dia depois de reencontrar um Mestre, Nêgo Bispo, conheci uma Mestreira, Dona Didi, filha de Dona Minervina. E nesse reencontro o

que mais me emocionou foi Dona Didi, nos seus mais de 81 anos, trazer lucidamente na oralidade toda a memória engasgada, avexada para falar tudo que lembra, porque ela queria contar a história da Mãe dela e das que a antecederam. Guerreira como a minha, sua mãe criou dezesseis fi na caatinga, na mata, jovem e sem companheiro.

E ela, Dona Didi, única filha viva, vai à lida do caroá — às vezes escondida, porque lhe dizem que ela não pode mais carregar o brilho no olhar e o grito de agradecimento à caatinga por sua existência e de todes³ “Nêgo da Minervina”, nomeação dada a eles pelas pessoas de outras comunidades próximas. E a “pele cor da noite”⁴, de traços pindorâmicos⁵, é atravessada pelo Caroá, uma planta resistente e típica das áreas de caatinga, cujo nome vem do tupi *kara wã*, que significa talo com espinhos. Ele possui fibras com as quais se produz a rede de caroá, que em cada trançado re-existe a memOría⁶ de Minervina, que guardou na rede a história das matriarcas do Quilombo São João do Jatobazinho. Dona Didi diz que é o caroá que dá saúde pra ela, que quando fica longe dele, ela esmorece.

Territorializados fazem encruzilhada nas fronteiras das memOrías. Sendo eu ribeirinha, na caminhada do tor-nar-ser negra, quando chego a um lugar que faz conexão de minhas memórias, estabeleço reencontro. É que quando o cruzo se faz entre parentes, as palavras criam imagem e a imagem é portal das confluências.

É que tem que ter presença, saber chegar e saber sair. São os nossos modos e significados.

Saudações aos reencontros que me trouxeram aqui. Não chego só, sou nós.

³ Usaremos o “e” nos pronomes, tratando-se de uma forma de linguagem neutra, usada para se referir a pessoas sem delimitar o gênero.

⁴ Título que leva o livro da Ìyá Vanda Machado.

⁵ O termo **pindorâmicos**, encontrado no livro de Nêgo Bispo, está ligado ao nome dado a sua terra – Pindorama – por povos tupis, substituindo o empregado pelo colonizador.

⁶ Usarei em alguns momentos o termo **MemOría**, conforme Francisco Phelipe Cunha Paz (2019) em “MemORÍa, a flecha que rasura o tempo: reflexões contracoloniais desde uma filosofia africana e a recuperação das memórias usurpadas pelo colonialismo”. Faço referência também ao documentário “Orí”, de Beatriz Nascimento, no qual ela compreende que a linguagem do transe é a linguagem da memória. “Orí se projeta a partir das diferenças, dos rompimentos numa outra unidade, na unidade primordial que é a cabeça, que é o núcleo, o quilombo é o núcleo.” (NASCIMENTO, 1989).

“SOMOS O COMEÇO, O MEIO E O COMEÇO”: INÍCIO DE UMA PROSA

Imagem 2 - O encontro



No dia 7 de agosto de 2019, chegamos pela primeira vez ao Quilombo São João do Jatobazinho, no intenso verão da caatinga. Essa é a primeira imagem com que nos deparamos. Uma verdadeira Biointeração inscrita ou performada nessa foto, pois foi exatamente no intuito de amenizar o calor que se levantou um cantinho ao lado de uma pequena árvore que vão esperar crescer para ser a sombra, a guarda do lugar que é usado para a espera/partida da van, do ônibus ou do Carro que vai para a Escola ou para a Cidade. Lugar de encontro, de prosa ou de romance ao luar. A colheita que se aguarda aqui é a sombra da árvore, essa que espera pelo tempo.

“Nós! Caminhando pelos penhascos... Atingimos o equilíbrio das planícies!

Nadando contra as marés... Atingimos as forças dos mares! Edificando nos lamaçais ...

Atingimos a firmeza dos lajeiros! Habitando nos rincões....

Atingimos as proximidades das redondezas! Somos o começo o meio e o começo. E por isto
existiremos sempre!

Sorrindo nas dificuldades...

Para comemorar as vindas das alegrias! Nossa trajetória nos move...

Nossa ancestralidade nos guia!”

(Nego Bispo)

Por onde começaremos? Acho que o começo é com minha Vó Odília, pois de acordo com a ancestralidade que tanto está em África quanto em nossas Aldeias, a circularidade da vida do povo afropindorâmico⁷ se expressa pelas suas gerações. Nêgo Bispo, filósofo quilombola, afirma que a geração avó é o começo, a geração mãe, o meio e a geração neta o começo novamente.

E foi esse começo, como netas, que possibilitou o encontro de nossas memórias. Dona Didi começou rememorando a Bisavó e a Avó, buscando as lembranças delas através de sua Mãe, Dona Minervina. Em alguns momentos tornando o invisível, visível; aquele momento que a memória, em meio ao seu território, se mostra através do olhar que resgata as lembranças no fundo da memória cardíaca⁸. Trazendo pro centro da prosa o elo de ligação entre as gerações, a tecnologia da rede de caroá, na qual o tecer é performar, se inscrever e guardar no ritual a memória e as histórias, incorporando e fazendo a guarda e o compartilhamento do trançado, ensinado pela oralidade e pela observação. E como Mestre Nêgo Bispo sempre fala, o povo afropindorâmico é proprietário da própria história que é guardada nas cantorias, nas rezas, nas danças e em seu artesanato.

Essa escrevivência⁹ partilhará da encruzilhada¹⁰, de onde deriva a oralitura¹¹ da Mestra e artesã Didi, que faz a guarda de memórias e técnicas de sobrevivência de sua comunidade. Ela é a matriarca do quilombo e inicia a transmissão de seus conhecimentos às mais novas com histórias, conselhos e com saudades. Baseamos nosso trabalho em uma escuta atenta que busca confluências com as trocas ancestrais e contemporâneas, com o propósito de se nascer uma escrita que se faz em conjunto, compartilhando, assuntando os encontros e os atravessamentos das

⁷ Nomeação resgata por Nêgo Bispo, para se referir aos povos negros e ameríndios / indígenas; Pindorama é o nome dado a todo território americano.

⁸ O filósofo e escriba egípcio Amenomope cria o conceito de coração ou cardiografia e fala sobre o papel do coração no pensamento. Aqui tento estabelecer o conceito de “memória cardíaca.”

⁹ Escrita que nasce com-vivendo, trocando, compartilhando o cotidiano, fazendo conexões experienciadas pelas afropindorâmicas – conceito criado por Conceição Evaristo no livro “Ponciá Vicêncio” (2003).

¹⁰ Utilizaremos do termo encruzilhada como uma chave teórica, que usa a ancestralidade como filosofia orgânica, que experiência, vivência no e com. Termo cunhado epistemologicamente por Leda Martins no livro “Afrografias da Memória” (1995).

¹¹ Trazemos para a gira o termo Oralitura também pautado por Leda Maria Martins (1995).

corpas¹² em performance que servem para a guarda através do tecer. Como afirma Leda Martins: “a palavra proferida grafa-se no corpo, lugar da sabedoria” (MARTINS, 2003). Esse mesmo corpo que tem uma percepção de si e contra o “olhar do outro” que produz múltiplos estereótipos que sobrecaem aos “Nêgo da Minervina”, como “um elemento chave no exercício da violência simbólica” (HALL, 1997). A palavra é um verdadeiro feitiço para sobrevivência da comunidade, dos territórios existenciais quilombolas, uma vez que eles não travam apenas uma luta por terra, mas pela própria existência.

O que guarda a memória quilombola é o fazer orgânico, quando a memória ganha também uma corpa, ela consegue sobreviver pela imagem que se tem daquele modo de fazer e viver. Assim é o trançar do caroá: se ensina o trançado e se tece a história de como aquela mais velha aprendeu, quem a ensinou e sua gratidão. Sim, pois o existir dessa comunidade¹³ só existe pela conexão com a Biointeração¹⁴, que guarda e é guardada por uma planta que só existe (no mundo) naquele território existencial da caatinga.

Além da performance ritual do trançar a rede do caroá, se inscreve naquele “modo de fazer” o local da memória. Essa oralitura tem um corpo ancestral no passado e ao mesmo tempo no presente e no futuro, pois só morre quem não é lembrado, como Amadou Hampatê-ba (2010) observa e acrescenta: “na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”. Da mesma forma é Jatobazinho, que hoje tem na Matriarca Didi, a última filha viva de Dona Minervina, Mestre da oralidade e do artesanato de caroá, e que faz do trançado uma epistemologia de passar a história, a memória, o conselho, a reza e o afeto.

O encontro se apresenta encantado e a narrativa não poderia ser outra que não a do encantamento, do envolvimento e da partilha. Com isso, teremos a presença do sentir que “...vai além do visível, do pensável e do dizível”, como nos mostra Vanda Machado (2006), e então ela também foi convidada a conversar com a gente. Vale sublinhar que o tecer dessa prosa orgânica terá presença da ancestralidade como

¹² A corpa como território de multiplicidade de ser e de essências.

¹³ Aqui parto do termo pensado por mim, onde junto o cosmo+comunidade, onde a comunidade contém em si já o seu cosmo, sendo então a representação do território espiritual existencial. Entrarei em detalhes no decorrer do uso deste conceito.

¹⁴ Conceito de Nêgo Bispo. A metáfora será explicada mais adiante: “O melhor lugar pra guardar o peixe é no rio.”

método, pois a temos como fonte de epistemologias re-criadas, agência e construção de uma identidade existente nos territórios existenciais quilombolas como propunha Beatriz do Nascimento.

Por isso a visão de Leda Maria Martins será explorada. O que ela apresenta no texto “Performances da oralitura; corpo, lugar da memória”, nos conecta com a metodologia da Mestra e dos Mestres da oralidade, no caso de Jatobazinho – na transmissão da história de sujeitos territorializados no tecer a rede de caroá.

Imagem 3 – Porção



Quando chegamos à Jatobazim, conversamos com Genivaldo, que é um dos sobrinhos de Dona Didi. Quando fui apresentada à ele por Genival, que é amigo de Nêgo Bispo, disse à ele que tinha ouvido falar muito sobre a comunidade e que tinha ficado curiosa por saber mais. Logo ele respondeu que eu precisava conhecer a Tia dele, Dona Didi. Disse que ela, de todos os filhos da Vó Minervina, era a única viva e que se lembrava das histórias tudo. Falei que minha vontade em ter ido ali era justamente conversar com os mais velhos. E então ele me devolve: “Ah! pois então já deu foi certo porque a Didi é a mais vêia. Vamos lá que ela tá na luta do Caruá no Porção”. E lá fomos. Ele na frente com seu primo Ivon, de moto, e eu com Genival, de carro. Chegando lá vejo que ali onde estávamos é um rio, que estava no tempo das baixas, devido à ausência de chuva e por ser época de verão, perto do início do Br-o-bró¹⁵. Era incrível e absurdamente linda a cor do céu, um intenso azul em contraste com a cor vegetação da caatinga. E bem ali no meiozím de um pequeno riacho de nome Porção encontramos Dona Didi com suas duas netas, Maria e Angélia, que estavam juntas na lida do Caruá. E de novo a água doce promovendo vida e resistência em meio ao ser-tão - não Mar... por enquanto que não chegam as fortes chuvas. As três estavam ali já nos finalmente de uma das etapas, que era puxar as tiras e colocar de molho ali mesmo. Fomos recebidas com um certo espanto e muita simpatia e o olhar de curiosidade. Ali dois rios mulheres se reencontraram. Fonte: Mona Lima (2019).

¹⁵ Refere-se aos meses de temperaturas mais elevadas do ano, de setembro a dezembro.

Bispo sempre fala que são os povos originários, quilombolas, xamãs e comunidades tradicionais os que mais ameaçam o sistema mundo colonialista atual (SANTOS, 2015). Quando se atacam esses povos em seus territórios, não se ataca somente a terra, o foco desse ataque é o modo de vida, de ver e viver o mundo, no mundo e com o mundo, sem hierarquia e com Biointeração, mantendo respeito pelo tempo das coisas e das vidas.

Povos afropindorâmicos guardam e re-transmitem no território as suas histórias, no modo de fazer, assim preservando a memória de sua própria história. Os colonizadores veem no território somente a terra que deve ser exterminada, física e epistemologicamente. Já as nossas mestras a re-nomeiam como território ancestral, que faz a guarda da resistência do “ser”, dos “signos”, dos “rituais”, dos “símbolos”, dos “significados” e das “tecnologias” acessados a partir da oralidade.

Por aqui teremos a audácia de com essa escrevivência sermos rio. Então você me pergunta: “como assim rio? o que tem a ver?” Quando evoco o rio de Mãe Oxum¹⁶, vejo que não só duas afropindorâmicas se encontraram — reencontraram. Nossos rios também se encontram, pois ambas nasceram rente a um rio, sendo atravessadas por eles, rio Porção e rio Marathaoan, ambos se encontram em nosso reencontro.

Esse rio, com sua pequena nascente consegue ser barragem, ser riacho, lagoa, até chegar na Atlântica. Como não nos banhamos na mesma água, o rio representa sempre um primeiro encontro. E se pensarmos o rio em espiral, de acordo com o saber orgânico, se explica o seguinte: independentemente do que cai no rio, sempre se formam vários círculos. O Rio seria travessia para possibilidades, trocas, transformações, magia. Assim, há diversas vivências orgânicas sendo descritas a partir da ida ao rio ou pelo rio, a roça, a escola, a associação, a casinha pro curandeiro, as gravações, os cines, os cafés da manhã, os almoços, o café da tarde, o pé de wi-fi, o caroá, o feijão verde, o gallo, confluências possíveis para o resgate da trança da memória, escrevivendo a metodologia na troca, assim, saindo da lógica do comum.

Dividiremos esta dissertação em quatro momentos, espelhados em cada processo da lida com a planta do caroá. O primeiro momento estará atravessado pela transmissão de um testemunho memorial de uma Mestra da oralidade e artesã. Se tratará de uma encruzilhada, como um rio que tem vários caminhos e esses caminhos se encontram, e quando se encontram é pra fazer algo juntas; conexão mesmo, através

¹⁶ Oxum é um orixá da Religião Afro-Brasileira, vive na água doce, é mãe ancestral, princípio da concepção, liderança e da solidariedade na família. Matriarcado.

de atravessamentos orgânicos, havendo a partir do encontro, a narrativa de começo dessa prosa.

O segundo fará uma costura da memória e da sobrevivência através da biointeração, pois somaremos à confluência os viventes parentes da natureza. As tecnologias de sobrevivência fazem cruço com a natureza, onde o corpo performa a memória no trançar e, através dela, demonstra o jeito de ser e praticar o quilombismo. Rede é o símbolo e ao mesmo tempo o significado. A base dessa escrita é a ancestralidade, pois falar de passado é estar em trânsito com o presente e o futuro, ou seja, é estar na encruzilhada, onde há constante movimento e coletivo.

No terceiro momento abordaremos essa identidade quilombo e seus cruzamentos. Quem é quilombo? O que é quilombo hoje? Para Beatriz Nascimento, a poesia era um espaço de quilombo, por exemplo. É uma comunidade, território espiritual existencial — território-defesa. Traremos a identidade que Bispo reivindica, qual seja, a de afroquilombola. Já no quarto momento, faremos uma análise da representação do Jatobazinho, suas circularidades contracolonizadoras e atravessamentos colonizadores.

Por fim/início, iremos apontar a epistemologia quilombista na práxis orgânica da comunidade. Sendo essa pesquisa compartilhada, um capítulo da mesma será a personagem principal, a copesquisadora Dona Didi, que estará se comunicando conosco e com suas memórias, confluindo entre ancestralidade, biointeração e memória.

Nesse ensaio, dialogamos com a ancestralidade, sendo essa uma ponte chave para o encontro com narradores narrados pela força da lembrança, da memória, dos rastros, do clima, da performance corporal reproduzida, como guarda de um segredo, responsável pela existência daquele território quilombola. Quero aqui informar que quando trouxermos a ancestralidade para conversar, não será somente por vozes, da palavra dita, será também pela imagem, pelo silêncio, pelos sons, pelas rotinas e pelo ritual.

“O território tem espiritualidade, por isso o sistema utiliza do conceito ‘terra’, por que a terra é neutro e território tem identidade”. Nessas palavras de José Carlos dos Anjos (2013) se expressa o que pontua Beatriz Nascimento (1975), que via quilombo para além da experiência territorial: como forma também subjetiva, existencial, que recria, refaz e tem a ver com o modo de vida africano, uma identidade cultural atravessada por esse território ancestral. Como quilombo é forma de defesa e ataque

e guarda, Beatriz Nascimento (1975) nos indica que a poesia é também um espaço de quilombo, que narra a subjetividade da corporalidade negra em performance, que liberta da mera descrição sem profundidade. Que ao ler, você se transporta ao sentir imagético.

Viver a poesia de certa forma, é assegurar o direito à fala, pois pela criação poética pode-se ocupar um lugar vazio apresentando uma contra-fala ao discurso oficial, ao discurso do poder (EVARISTO, 2007).

O chão do território guarda o axé de nossos antepassados, que continuam presentes. Não é só chão. Como afirma Santos: “O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre as quais ele influí”. (SANTOS, 2000, p. 96).

Essa escrevivência busca compartilhar de uma forma de escrever / narrar contra-colonialista (SANTOS, 2015), em que as conversas, depoimentos e escutas se fizeram trocas de histórias, confluências de memórias. Trocamos histórias, conversas animadas ao fim do dia ou bem no início dele.

O partilhar de memórias, esse resgate e exercício do lembrar que nossos grãos fazem, demonstra que ainda não fomos vencidos por esse sistema colonial. E não houve derrota porque nas comunidades se vivencia outro tempo, se vivencia os tempos. Como já diz nosso provérbio quilombista, “o apressado come cru”. Acho que assim também seja o escrever, o chegar em campo. A escrevivência é um encontro na encruzilhada das vidas que caminham conosco, que se encontram e ou voltam a reencontrar-se. Como bem descreve Beatriz Nascimento (1992):

Sinto-me sempre escrevendo de mim, mas esse *mim* contém muitos, então escrevo de um coletivo sobre e para essa coletivização. Disto me vem um grande arder que às vezes paralisa a produção, sem a interlocução do outro. É um momento de alteridade muito sólida, a solidão do Pantera Negra ou de Biko. É também como aquela inquietação descrita por Félix Guattari/Guattari e Deleuze, “*falar e sobretudo escrever é jejuar*”.

Da mesma forma se faz essa escrita, que se propõe a tecer as memórias, seja do cotidiano do trabalho, dos atravessamentos dos corpos descendentes de Dona Minervina. É quase como se fosse uma grande colcha de retalhos das memórias, na qual, por sorte, ainda se encontra a memória vívida, guardada pela mais velha, Mestre da Oralidade e artesã do Caróá Dona Didi no Jatobazinho. Em um primeiro re-

encontro, ela apressou-se a fazer o exercício de rememorar, entre o apertar de olhos para lembrar, até o buscar planta para resgatar significados. Ela carrega tantos “outres” em sua memória, que o exercício principal de não esquecer é performar a oralidade no artesanato. É que o trançado é o portal de entrada ao passado guardado e performado no presente pela Griô. Respeitar esse território é tecer a narrativa como escrita nas redes.

Nosso ponto de partida é quem somos, nossas trajetórias, que no encontro se fazem confluência. O confiar aparece pela troca de memórias. Minha escuta atenta e, às vezes, impaciente tentou me pregar peças, ao mesmo tempo que o conforto daquele lugar me fazia estar em casa, recebida na grande família, aqueles que foram nomeados de “Nêgos da Minervina”.

Imagem 4 – Cine Afroquilombola



Quando chegamos ao território, umas das ideias colocadas em prática foi a exibição de filmes, curtas, longas e documentários, com temáticas referentes ao existir e reexistir quilombola, principalmente, das regiões da caatinga e do cerrado. Então, todas as noites, às 18h30 na Associação do Quilombo São João do Jatobazinho realizamos as exibições. Fazíamos uma roda de conversa para trocas de sentidos despertados e das lembranças adormecidas. Foram vários os momentos de emoção e de aprendizados, de vida e de lida naquele lugar tão amado pelos que lá estão e permanecem. Fonte: Mona Lima (2020).

De maneira geral, a memória africana registra toda cena: o cenário, os personagens, suas palavras, até mesmo os mínimos detalhes. Todos os detalhes possuem sua importância para a verdade do quadro. Ou narra o

acontecimento em sua integridade ou não se narra. Se lhe for solicitado resumir uma passagem ele (o tradicionalista) responderá: Se não tens tempo para ouvir-me, contarei um outro dia. (BÃ, 1982, p. 215).

Na Associação do Quilombo São João do Jatobazinho, no exercício da memória, as performances, gestos e palavras vivas e emocionadas se fizeram presentes, como num engasgo que já estava quase esquecido pelo tempo. Nessa comunidade, o passado foi reacendido pela ancestralidade no tempo espiralar. A possibilidade de construção desta pesquisa acadêmica através da escrevivência contra colonial é viável, pelo trânsito de mestras e mestres griôs estarem reivindicando a força de sua oralidade, adentrando em espaços acadêmicos para compartilhar suas epistemologias, a exemplo do intelectual orgânico quilombola Nêgo Bispo que conflui saber orgânico e saber sintético. Além disso, as cotas estão possibilitando a entrada de negras e negros, pindorâmicos, pessoas oriundas de comunidades tradicionais nos programas de pós-graduação, e estarmos disputando em como contar a nossa história, em tinta preta, para assim evitar “o perigo da história única”.

Utilizamos neste trabalho de metodologia compartilhada, feita junto, com a lembrança, a memória e o tempo espiralar sendo revisitados para que tentemos transcrever nessa língua colonial o vivido-sentido-dito-escutado. Tendo como base o compromisso como missão, nesta pesquisa tenho o maior cuidado, afinal as memórias são as riquezas de um quilombo. Tudo que foi ouvido/ visto, no âmbito de história, de reza, de receita e tudo mais, será medido na dosagem que me permitirem narrar e descre**Ver**.

Imagem 5 – Trocas



“Eu sozinha ando bem, mas acompanhada ando melhor”. E nesse ritual que é o de construir a muitas mãos uma escrevivência dissertativa, fiz convite à uma amiga, Joana D’arc, maranhense da Comunicação Social, que lá em 2019, assim que cheguei do Jatobazinho, estava fazendo um laboratório de narrativas no Rio e ficando lá em casa. Perguntei-lhe se ela queria participar desta jornada comigo. E lá fomos, nas águas de março, pro Quilombo São João do Jatobazinho, com vários equipamentos emprestados, pois tínhamos a vontade de também fazer trocas, como oficinas de comunicação, câmera e acabamos realizando um ensaio fotográfico com produções feitas com caroá por Dona Deuzuíte. Assim surgiu também a ideia de produzir um filme com a geração neta, como uma forma de contrapartida à comunidade. Fonte: Mona Lima, 2020.

Pessoas que ensinam fazendo...

Outras que fazem aprendendo...

Lá no meio do Cerrado!

Ninguém proíbe uma cópia...

Aqui tem escola própria...

E o saber é compartilhado.

Com grande sabedoria...

Construindo autonomia...

E se livrando do Estado.

Salve, essa linda labuta!

Salve, o quilombo Mumbuca!

Salve, o capim dourado. (Nego Bispo)

Como caminhada dessa construção conjunta, além do cine afroquilombola, trocamos conhecimentos em oficina de comunicação/câmera, além de nos reunirmos em momentos chave de encontros com as diversas gerações pra prostrar, passear, estar juntas embaixo do pé de wifi, na casa de Genival, presidente da Associação do Quilombo, na única quitanda que havia ou nas roças dos mais velhos. Diversos foram os encontros, a cada dia que ficávamos as trocas eram mais afetuosas. Tivemos momentos de trocas cuidadosas prostrando ali durante o cafezinho após o almoço, sobre temas como a presença feminina no quilombo, pois notamos a ausência das mulheres jovens na comunidade assim que chegamos e, com alguns dias, descobrimos onde algumas delas realmente estavam, à medida que os laços iam se firmando e a confiança sendo conquistada.

Houve momentos de tecer inclusive análise coletiva do porquê do fechamento da única escola do quilombo, do porquê do apelido “Nêgo da Minervina” que um dia foi motivo de vergonha, de opressão e que com o tempo foi ressignificado pelos descendentes. Tentamos também fazer uma árvore genealógica tímida, já que o fato de que há tantas pessoas com cegueira total ou de baixa visão na comunidade, dava a entender as duras estratégias de sobrevivência da comunidade. Fizemos leituras das falas, dos gestos, das performances e das defesas. Dos eventos, desde a criação de um grupo no *WhatsApp*, idealizado e criado no momento de uma dessas prosas de café, até a cobertura do jogo de futebol, depois cine com exibição do jogo e troca de músicas no pendrive.

Imagem 6 – Pé de wi-fi



Em frente à casa de Genival, Presidente da Associação do Quilombo São João do Jatobazinho. Autodenominado pé de wi-fi porque em frente tem a casa de Ivon, onde tem um ponto de wi-fi, que mal e mal carrega o *WhatsApp*. Fora esse meio de comunicação não existe outro, pois não há rede telefônica no local. É um dos lugares de maior confluência, é a primeira casa quando se chega na comunidade. Abriga durante todos os horários do dia as diversas gerações, seja com prosas, com brincadeiras, com fofocas, com muitas trocas de saberes, de gostos com o café, e até mesmo o lidar com o material da zoropa (abelhas), um verdadeiro lugar de comunicação e biointeração. Fonte: Mona Lima (2020).

A vida não é para ser útil. Isso é uma besteira. A vida é tão maravilhosa que a nossa mente tenta dar uma utilidade para ela. A vida é fruição. A vida é uma dança. Só que ela é uma dança cósmica e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária, a uma biografia: alguém nasceu, fez isso, fez aquilo, fundou uma cidade, inventou o fordismo, fez a revolução, fez um foguete, foi para o espaço... Tudo isso, gente, é uma historinha tão ridícula! A vida é mais do que tudo isso. [...] Nós temos de ter coragem de ser radicalmente vivos. E não negociar sobrevivência. (AILTON KRENAK, 2020).

O encontro, a chegada, a conexão, as partilhas, o cuidado, o afeto, os rituais, as performances, o corpo, a leitura da voz e do canto, tudo que se vive ou veve na comunidade, levaremos em consideração, afinal são conexões da com-vivência com a comunidade.

Partimos do entendimento de valores comuns, ou, melhor dizendo, “modos e significados”, relações na criação, na vivência, elementos comuns que ligam pelas lembranças trocadas, de um modo de vida com elementos sagrados, orientado pela força cósmica rente à natureza. Consideramos a ancestralidade como fonte de epistemologia, agência e construção da identidade, en-sinadas através da oralidade, em seu ato performático de tecer, redes e palavras; uma artesanaria da historiografia de uma comunidade. E a imagem será fundante deste processo, pois foi meio de encontro, de aproximação e de entendimento.

Pensar dessa forma é trazer para nosso encontro a filosofia *UBUNTU*. De acordo com Ramose (1999), *ubu* evocaria a ideia do Ser, indicando tudo que está ao nosso redor, tudo que temos em comum, anterior às manifestações particulares ou modos de existências, enquanto o termo *ntu* significa a parte essencial de tudo que existe, tudo que está sendo e se transformando (movimento diaspórico por exemplo), já indica toda manifestação particular, os modos distintos de existência. Segundo Noguera (2012, p. 148):

Ubuntu pode ser traduzido como “o que é comum a todas as pessoas”. A máxima zulu e xhosa, *umuntu ngumuntu ngabantu* (uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas) indica que um ser humano só se realiza quando humaniza outros seres humanos. O que significa que uma pessoa precisa estar inserida numa comunidade, trabalhando em prol de si e de outras pessoas.

Quando se nasce em comunidade/cosmuniidade, e por comunidade, entendemos todos os seres vivos, visíveis e invisíveis, somos atravessados por conselhos e modos de ser, antes do “adestramento”, da ida à escola, essa instituição colonial de adestramento dos povos, como nos lembra Santos (2015). Tecer essa colcha de retalhos, de memórias/lembranças em tempo espiralar e conectar vidas, a minha, a sua, a da Comunidade tem sido um desafio.

Recordar é preciso

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos
A memória bravia lança o leme: Recordar é preciso.

O movimento vaivém nas águas-lembranças dos meus marejados olhos
transborda-me a vida,
salgando-me o rosto e o gosto. Sou eternamente naufraga,
mas os fundos oceanos não me amedrontam e nem me imobilizam.
Uma paixão profunda é a bóia que me emerge. Sei que o mistério subsiste
além das águas.
(CONCEIÇÃO EVARISTO, 2008)

Os nossos encontros de recordações, se deram em dois momentos: no ano de 2019 e no ano de 2020. Quanto às confluências teóricas, como a com Antônio Bispo dos Santos, se deu por encontros, muitos diálogos, palestras, ligações telefônicas, leitura de seu livro, visitas e videoconferências. As demais aqui trazidas se deram por referenciais orgânicos que, para além da escrita, tem uma trajetória nesse espaço, também escrevivenciaram, com-vivendo e compartilhando de sujeita para sujeita.

Além dos métodos de pesquisa já desenhados, houve a participação na escola que atende os jovens e crianças do Quilombo, momento importante de troca com grupos das comunidades vizinhas e observação de como a escola lida com a presença da identidade quilombola em sala e seus atravessamentos. Vale destacar que além da metodologia compartilhada, esta pesquisa adotou a pesquisa ação participativa, pois o meu Mestre de Orientação deste trabalho sempre pontua a importância do retorno à/para a comunidade, no sentido de articular saber orgânico e saber sintético, caminhando, principalmente, pela epistemologia quilombola contracolonialista e dialogando com o conhecimento científico, sendo essa uma ação descolonial.

Uma preocupação deste trabalho é me manter fiel à memOría, entendendo que mesmo embaralhada ela segue um ritmo, um ritual, ou, por assim dizer, percorre seu próprio tempo, e sempre falamos de tempo, pois partir de um tempo no nordeste é diferente de partir de um tempo no sudeste. Ainda mais quando se está em um território sagrado, numa encruzilhada de saberes.

Como se nomeou recentemente Nego Bispo, gostaria de também referenciar como a afroquilombola e intelectual Beatriz Nascimento foi importante nessa confluência, pois fala de identidades, imagem, território, memória, do Orí e sua relação com o território, quilombo como território existencial. Beatriz Nascimento inaugurou um campo para nós, nosso território, que carece de proteção. E trazê-la é me identificar com sua trajetória e angústias, afinal, somos corpos-trânsito se encontrando na encruzilhada de sentidos e discurso, o que Dubois (1970) nomeou de dupla fala ou consciência: a academia e a ancestralidade.

Essa escrevivência se dá como forma de compromisso com quem me confiou suas memórias, suas rezas de proteção e o afeto. Não se trata somente de um campo, mas sim de uma missão de continuidade de lutas travadas por Povos (Afropindorâmicos) há mais de 500 (quinhentos anos). Entendemos que a epistemologia desenvolvida nos territórios quilombolas são armas de defesa, e nada

mais justo que essa narrativa-oral-existencial de uma comunidade poder vir a servir para batalhas contra os aparelhos coloniais do Estado. Quando fomos atrás do único material escrito que descreve a comunidade, um livro da extinta Empresa de Assistência e Extensão Rural (EMATER)¹⁷, não o encontramos. A instituição do Estado ainda fiscaliza, ou melhor, monitora as Comunidades Quilombolas e rurais da região, desenvolvendo projetos junto a instituições internacionais. Também chegou até nós um pequeno vídeo com a irmã de Dona Didi, Luzia, que infelizmente mostrava uma narrativa empobrecida e estereotipada tanto des sujeitos como do território, partindo da ausência, aquele discurso do “sertão nordestino e pobreza”.

Tentamos aqui criar uma narrativa espiralada, na qual os pontos sempre estarão ligados, ou deixados no modo *start* para você refletir. A ideia surgiu porque os mais velhos sempre dizem, quando perguntados de alguma reza, que o segredo não se conta. Por isso, temos de fazer metáforas e estratégias de revide, como Santos (2015, p. 91) nos en-sina: “Temos de transformar as armas deles em defesa e tomar cuidado para que eles não capturem nossa defesa e a transformem em armas para nos atacar”, pegou a visão?

Dito isso em nossa escrita ensaiaremos a performance da escrevivência atravessada em nossa trajetória, se utilizando das epistemologias orgânicas, e assim lhes convidaremos a um passeio por suas memórias em conexão com as que traremos aqui para confluenciar, sem sobreposições. Utilizaremos também da tática de diálogo pela poesia, que estará inserida no texto e optamos por trazer à autoria, Dona Didi, também através do diálogo e, assim, compartilhar essa escrita com ela.

Devem se perguntar qual a relevância desse instrumento oral escrito aqui, né verdade? Acreditamos que os povos afropindoâmicos são os guardiões de sua própria história e estratégias de sobre-viver e cosmoviver, sendo assim escrever no papel pode ser uma proposta de inscrever em outro formato algo que já tá simbolizado e imortalizado, e aqui eu exemplifico no caso dessa rede de coróa como prova da vida e vivência desses sujeitos, pensando que essa população trazida aqui é na verdade uma grande parcela de um povo, esse que luta pelo não apagamento de sua história,

¹⁷ Atual Instituto de Assistência Técnica de Extensão Rural do Piauí, responsável por projetos de erradicação da “pobreza” nas comunidades rurais do semiárido. “A partir do ano de 2003, iniciou-se a Reestruturação do Serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural no Estado do Piauí, priorizando - se a Agricultura Familiar, a Reforma Agrária, a inclusão dos Afrodescendentes e Quilombolas, dos Ribeirinhos e residentes no entorno de barragens e Ações específicas para a convivência no Semiárido.” (PIAUI, [s.d.]

de sua memória - povo afroquilombola, afropindorâmico. Queremos ainda pontuar que aqui não se trata somente de uma pesquisa acadêmica, acreditamos que seja um resgate de presenças ancestrais atravessadas nas duas sujeitas.

1 “EXTRAÍMOS OS FRUTOS DAS ÁRVORES”: O TRANÇADO DA MEMÓRIA IMPRESSO NA ALMA

Extraímos os frutos das árvores
Expropriam as árvores dos frutos

Extraímos os animais da mata
Expropriam a mata dos animais

Extraímos os peixes dos rios
Expropriam os rios dos peixes

Extraímos a brisa do vento
Expropriam o vento da brisa

Extraímos o fogo do calor
Expropriam o calor do fogo

Extraímos a vida da terra
Expropriam a terra da vida

Politeístas! Pluristas! Circulares!

Monoteístas! Monistas! Lineares!

(Nego Bispo)

Você já tentou segurar a água ou o vento? Já tentou descrevê-les? Mesmo não vendo a gente sente, não é? Agora imagine descrever as memórias. Acredito que deva ser de uma responsabilidade sem tamanho, uma escrita que antes de tudo foi sentida, que para ser traduzida ganha corpo, ganha performance. É assim que acho que deva ser a oralitura, quando se torna portal do imagético, como a poesia que é flecha da temporalidade espiralar, tem movimento e sensações.

Mas como fazer isso, você deve estar se perguntando. Para isso preciso lhe convidar a estar nessa leitura de corpo presente, como eu estive no meu encontro, ou melhor, quando fui encontrada por Dona Didi e a Comunidade São João do Jatobazinho. Aqui repito o que disse na introdução, o começo, antes de tudo, é com a geração avó, já estávamos com ela e ela está em nós. Trago essa escrevivência à medida que faço a performance do “*olhim fechado*”, que é quando buscamos em nossa memória a imagem que tá lá no cérebro cardíaco. É que antes de tudo somos os nossos sentidos, à medida que são atravessados por coisas, reconectando assim com as imagens faladas.

Imagem 7 – Olhim fechado



Dia de exibição e confluência com as crianças da Escola Manoel Auto de Souza, com o tema Inclusão, Localizado na Zona Rural do Município de Dom Inocêncio, Bairro rural Lagoa dos Currais, a uma hora mais ou menos da Comunidade Quilombola. Dinâmica do sentir como o outro se sente. Passamos dois filmes para as crianças entre 5 a 8 anos do ensino básico, sendo que um dos curtas era inclusivo para pessoas de baixa visão, optamos por essa temática por ter pelo menos 2 (duas) crianças que têm esse problema. Foi um momento de todas crianças sentirem como é assistir um filme sem poder ver ou ver perfeitamente. Todas de *olhim* fechado. Foi a primeira vez que as duas crianças viram um desenho pensado para elas. As demais crianças, acharam interessante ver imaginando. Fonte: Mona Lima (2020).

Bateu novamente no peito, é a morada da terra. Mora aqui em meu peito porque dela se fez minha vida, com meu povo todinho. No meu peito mora a Água Negra, não no documento da fazenda da senhora e seu marido. Vocês podem até me arrancar dela como uma erva ruim, mas vocês nunca irão arrancar terra de mim. (ITAMAR VIEIRA JUNIOR, 2020, p. 229-230).

E como isso é possível? Será através do encontro na encruzilhada, de territórios e memórias. Só que até chegarmos nele, nesse momento chave que me trouxe aqui, é necessário falar da caminhada e do caminho e dos outros encontros, que me conectou com o Quilombo São João do Jatobazinho.

Como Mona chegou até São João do Jatobazinho, ainda mais estando morando no Rio de Janeiro? Sempre quando vou iniciar uma fala sobre qualquer temática que me convidam, e atualmente, para falar sobre essa pesquisa ou sobre o

pensamento de Nêgo Bispo, inicio por quem sou, como me identifico, de que território eu venho. Falo sobre meu corpo trânsito que adentra ao “não lugar” de Fanon ou corpo em performance. Dessa forma, me faz recordar o percurso de pessoas negras dentro das Universidades, pessoas que tinham Orí e, como acrescenta Beatriz Nascimento, esse Orí tinha relação com o território. Ou, como é falado lá no Piauí, “tu sai do mato, mas o mato não sai de ti”, uma relação forte de ligação com nossa identidade.

Sou automeada Mona, de nome Maria, costume dizer que nasci no rio, que me acompanhou a vida toda, e ainda acompanha. Dizer isso, me reporta às minhas lembranças, não só minhas, mais também as que cresci ouvindo minha Mãe falar, minha avó e avô e outros mais velhos. E por nascer no rio, rio Marathaoan, mas especificamente, sou ribeirinha, pois sempre morei do lado do rio, às vezes o tendo ele atrás, não tão longe do quintal, a pesca sempre esteve também presente em minha criação, meu avô trocava peixes por farinha, uma das histórias que minha Mãe contava, e quando falava isso trazia na conversa imediatamente outra sujeita, minha bisavó, Dona Jovelina Flor, primeira coisa era falar as características dela, que segundo minha Mãe, Maria do Socorro, era pindorâmica, às vezes achava que talvez fosse do Ceará. Sei que dizia que foi criada por uma mulher valente e que até usava calça, caçava, pescava e tudo mais.

Gostava muito de ouvir as histórias de Mãe, até hoje, ali tem história demais. Ela sempre fala do dia que correu da onça, ou da lida de quebrar coco um dia e no outro ir para a escola, revezando os dias. Várias das histórias usava para aconselhar, sempre repetia e ainda repete para motivar. Trago-a aqui como referência dos meus primeiros contatos com a palavra viva, com a oralidade, minha Mãe, Avós, Tios-Avós dos interiores de minha família, a farinhada também, o lugar de visibilização da biointeração, hábito recorrente pelos interiores, inclusive narrada no livro do Mestre Nego Bispo e os festejos de minha cidade, dos bairros e até das cidades vizinhas, já que nossa fonte de renda advinha da barraca armada nesses festejos, tanto os de Barras, como os das Cidades. Todes que em nossa barraca chegavam tinham comida e prosa. Enfim, nasci e cresci em Barras, em vários pontos da extensão do rio Marathaoan, interior do Estado do Piauí, região Nordeste do País — distante 120 quilômetros ao norte de Teresina, capital.

Em 2010, fui para Teresina, fazer Curso de Direito na Universidade Estadual do Piauí. Imergi minha corpa negra naquele espaço, com meu sotaque mais arrastado, por ser do interior, fui inclusive chamada de “selvagem”, como tentativa de me

inferiorizar, notando por vezes o incômodo por minha corpa ali, naquele “não lugar”¹⁸, sem dúvida que o envolvimento com o movimento estudantil, social e a extensão foram determinantes para sobrevivência naquele lugar. E foi na caminhada do “tornar-se negra”, como bem apontou Neusa Santos (1983), que me demonstrou onde residia o incômodo. Eu, por ser cotista, ocupava um lugar, “o não lugar”, naquele curso e mais tardiamente no movimento negro, quando vi necessidade de racializar meu ponto de partida.

O contato com o orgânico foi determinante na caminhada, desde antes de eu entrar na instituição colonial do Estado, essa que adestra, que silencia e apaga os referenciais negros (pindorâmicos e também femininos). Falo do epistemicídio, termo cunhado por Sueli Carneiro (2005) e os instrumentos coloniais do Estado. Nós negras, quando adentrarmos nesse lugar, todo cuidado é pouco para não se embranquecer, pois o saber eurocêntrico já faz sua parte adestrando, colonizando as mentes. Sobrevivemos nos aquilombando. Dito isso, é a comunicação entre os quilombos que mantém nossa sobrevivência.

Os encontros nas encruzilhadas foram o ponto principal para nossa chegada no agora. Experiências com os movimentos, os encontros da extensão CORAJE — Corpo de Assessoria Jurídica Popular e pesquisação e ativismo em territórios urbanos como em Movimento Hip Hop, nas periferias de Teresina e da Zona Rural, atravessados por investidas coloniais, além da ida para territórios quilombolas, Barro Vermelho e Contente, localizados na região Sul do Estado piauiense, no semiárido nordestino, atravessados por uma ferrovia, a transnordestina, que no dizer das pessoas de lá e no meu dizer: “acabou com o sossego da comunidade”.

Através da conexão com o Movimento Cultural Negro, no Memorial Zumbi dos Palmares, em que, junto com algumas amigas, organizávamos o Projeto Audiovisual Tela Preta, que fazia exposições somente de peças audiovisuais com temáticas negras, em uma sessão foi nos possibilitado um encontro potente entre Mestres e Mestras quilombolas, Nego Bispo e Rosalina, ambos militantes da causa.

O primeiro quilombo que nos apresentado foi o do Rosário, em Oeiras, terra de Esperança Garcia. Foi sim o contato com a organicidade da luta, seja pelo território, seja por suas tecnologias criadas, essas de sobrevivência, seja via oralidade — e aí falo da função do Rap, bem como com Mestres quilombolas, que carregam na fala um

¹⁸ Rememoro aquele não lugar de Fanon (1981).

povo e sua história, que é nossa também. Estar na Universidade Estadual do Piauí, no curso de Direito e na execução de ações orgânicas que atravessam meu corpo, me dava a sensação de mundos paralelos, mas todos atravessados por eu ser negra e ser do interior. De fato, me sentia nesse “não lugar”. Também sentia esse trânsito e incômodo do outro com meu corpo no estágio, na Defensoria Pública do Estado do Piauí, fazem nos sentirmos longe, mesmo estando dentro da sala de aula. Não fosse estar em trânsito nas encruzilhadas, não teria persistido.

E a ideia dessa escrevivência é mostrar essa travessia, construí-la, caminhando e vendo aonde chegamos. Nossa corporalidade carrega todas as experiências que nos atravessaram, nos constitui e reconstitui à medida que as escrevo aqui, que troco com vocês, alguns momentos confusos, mas é assim o nosso pensar circular. Como já sinalizado por Beatriz Nascimento: “Sinto-me sempre escrevendo de mim, mas esse mim contém muitos outros, então escrevo de um coletivo sobre e para essa coletivização” (2018, p. 420). É assim a caminhada coletiva, quando atravessadas por identidades que nos atravessam, somos então travessias, somos corpos duplo, que carregam dupla fala/dupla consciência.

Considero que seja isso, por achar que devemos valorizar nossa ciência-ancestral, portanto epistemologias orgânicas, que trazemos de dentro, de nossos quintais, de nossas mais velhas, que tem nas encruzilhadas a guarda e a proteção desses conhecimentos, que chegamos à escola colonial já com eles.

Pois, infelizmente, somos acometidos pelo epistemicídio, o qual limita a grandiosidade de nossa história e da resistência e suas técnicas. Uma invisibilidade e apagamento que traz inclusive perdas no tocante a outras possibilidades do pensar e ver o mundo, assim como fazer o giro à sankofa¹⁹. Ou seja, as Universidades e a sociedade como um todo perdem ao não permitir esses diálogos orgânicos, dos sujeitos que são tratados como objeto de pesquisa.

Falar desse entrave, da entrada dessas epistemologias quilombistas, faz com que nós intelectuais orgânicos que entramos na “catédra do saber” soframos e não nos sintamos pertencentes àquele lugar, que não cede lugar. É necessária uma

¹⁹ Sankofa: Sanko = voltar; fa = buscar, trazer. Provérbio tradicional dos povos de língua Akan da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Em Akan “se wo were fi na wosan kofa a yenki”, tradução: “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”. Simbolizado também por um pássaro ou galinha mítica que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro.

descolonização²⁰ do saber para que epistemologias contracoloniais, guardadas pelas comunidades e ou sujeitos territorializados, sejam vistas. Assim traremos a visibilidade das humanidades e suas constituições.

Albert Memmi, em “O retrato do colonizado: precedido do retrato do colonizador” (2007, p.14), demonstra bem os males das instituições colonizadoras do saber: “se a colonização destrói o colonizado, ela apodrece o colonizador”. Aqui temos exemplificação das instituições e suas velhas normas e cânones eurocêntricos defasados, com suas análises rasas que não respondem, pontos de partidas e vistas de reinvenção de um povo ou povos, a melhor forma seria o diálogo na encruzilhada desses saberes, e deixar cair a crença de que só a forma colonial tem civilidade, cultura, arte e epistemologias. A colonização afeta a todos os agentes.

O mais engraçado é que quanto mais nos afastamos do nosso território, mais somos meio que puxado por eles. Acredito que isso é o cosmo sentido de que fala a socióloga nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí (1997), para quem, por exemplo, os sentidos são os gatilhos da memória.

A memória que é desperta pelas relações afetivas. Sem dúvida o paladar vive me fazendo lembrar e tecer retalhos narrados de minha história coletiva. Nisso vim parar no rio, saio do rio para o Rio de Janeiro, saí de meu território, mas ele não saiu de mim, nem tem como retirar o que já nasce em nós, sempre esteve lá, em nossa memória cardíaca. Acho que por isso, nossa escrita em tinta preta é complexa, porque ela tem dois fluxos, híbridos, afinal nosso corpo é muita coisa.

²⁰ Acabar com a situação de colonização de um povo, corporalmente e, nesse caso, mentalmente.

Imagem 8 – Piranhas



Em uma das noites do Cine ganhamos uma pratinha de piranhas fritas, pescada no rio porção, muito bom. Cosmossensação ativada, ribeirinha como sou, neta de pescador e que sabia fazer rede de pesca, tendo eu também já pescado de garrafa, pra comer piaba frita, lazer das crianças que moravam rente ao rio. O peixe nessas comunidades tradicionais carrega histórias de herança pindorâmica, como variados nomes de Cidades no Estado do Piauí, costumes e sua historiografia. A função da pesca e do fazer rede de pesca (tarrafa) é uma riqueza dentro desses espaços. Lembrei, quando recebi o prato de peixes, de Genival falando como ele se orgulhava de ter aprendido a fazer a rede só de olhar o Tio fazendo, e que quando mais jovem sonhava em aprender a pescar, função valorizada ali.

O termo "cosmovisão", que é usado no Ocidente para resumir a lógica cultural de uma sociedade, captura o ocidental privilégio do visual. É eurocêntrico para usá-lo para descrever culturas isso pode privilegiar outros sentidos. O termo "Cosmossensação" é mais um modo inclusivo de descrever a concepção do mundo por diferentes grupos. Neste estudo, portanto, "cosmovisão" só será aplicada Para descrever o sentido cultural ocidental, e "Cosmossensação" será usado ao descrever os iorubas ou outras culturas que podem privilegiar os sentidos além do visual ou mesmo de uma combinação de sentidos. (OYĒWÙMÍ, 1997, p. 2-3).

Nossa caminhada é coletiva, atravessada desde sempre pelo matriarcado²¹ e ancestralidade. É um caminho que começou no Piauí, e seguiu-me até o Rio de Janeiro. Encontros diversos sempre me levaram pro "caminho de casa"²². Encontros

²¹ O forte exercício de comando das mulheres em uma família, grupo e ou comunidade.

²² Referenciando o romance de estreia da escritora Yaa Gyasi, que conta história de duas descendentes, que através de gerações atravessam caminhos desde a escravidão e o colonialismo.

como o que tive com a ancestralidade do Axé, em meu barracão Ilé Asè Odè Obatafà, junto à Mãe Rosa e Pai João, aos reencontros com Nego Bispo em suas confluências sobre o Saber/Epistemologia Quilombista Contra Colonialista, aprendido com as mais velhas do Quilombo Saco Curtume, encontros com a Mestre Fulniô Kariri-Xóco Niara do Sol na aldeia vertical, somando também o Pré-vestibular Comunitário Quilombo Kilombá, no território Quilombola do Distrito Bongaba, em Magé - RJ.

Não deixarei de citar a Especialização em Inventividades Socioculturais nas Periferias, que me possibilitou morar por 5 (cinco meses) na Maré, um quilombo urbano na Cidade do Rio de Janeiro. Ali teci pontes com pessoas de África, Europa e América Latina, com sujeitos da organicidade. Ali se fez outro reencontro com Bispo (não nos víamos desde 2015), de muitos outros que aconteceram após aquele ano de 2017, em outubro. Com sua vinda constante ao Rio e minha disposição para auxiliá-lo em parcerias para realização de palestras, vendas de livros e espalhar a palavra afroquilombola, me dando ânimo para quem sabe um mestrado, o início do agora que se fez no passado, que nessa dissertação se faz super presente nesse presente que escrevo aqui pra vocês, conosco. Um verdadeiro suleamento, já que o Quilombo São João do Jatobazinho fica no Sul do Piauí, e eu sendo do Nordeste, do mesmo Estado, faço essa encruza na encruzilhada da caatinga com o cerrado.

Imagem 9 – Encruzilhada Quilombista²³

Quando imagináramos que no meio da caatinga, em Dom Inocêncio, extremo Sul do Piauí fossemos conseguir alguém com drone para tirarmos foto do Quilombo por cima, imaginando ali na possibilidade de uma cartografia do Ser-tão quilombola em plena cheia do porção? Ver aquilo tudo que primeiro fui, agora, tomado pela água... Quantas temporalidades essa paisagem não se inscreveu e reescreveu? E quão emocionados não ficamos ao ver ali o tempo inverno verde na foto do Quilombo São João do Jatobazinho? Encruza de tempos, num agora capturado. Essa imagem é das andanças de um dia pelo território para pegar as melhores poses do Jatobazinho. Na foto está Dentyinho e Carlos, eu e Genival estávamos na outra moto fazendo esse percurso participativo e de muita emoção. Fonte: Mona Lima (2020).

[...] cada performance ritual recria, restitui e revisa um círculo fenomenológico no qual pulsa, na mesma contemporaneidade, a ação de um pretérito contínuo, sincronizada em uma temporalidade presente que atrai para si o passado e o futuro e neles também se esparge, abolindo não o tempo, mas a sua concepção linear e consecutiva. Assim, a ideia de sucessividade

²³ Aqui trazemos o termo como esse conceito vivo no território-lugar-cosmo. No livro “A Cena em Sombras”, Leda Maria Martins conceitua encruzilhada: os deslocamentos simbólicos matizados pelos Reinados, em que suas linguagens performáticas produzem sentidos móveis e dinâmicos; os processos trans e interculturais que subjazem as relações semióticas e discursivas entre as cosmovisões bantós/africanas e católicas/europeias; as especificidades históricas da formação espetacular, filosófica e social dos Reinados, para os quais a noção de sincretismo é insuficiente na apreensão de seus elementos culturais moventes e duplos.

temporal é obliterada pela reativação e atualização da ação, similar e diversa, já realizada tanto no antes quanto no depois do instante que a restitui, em evento (LEDA MARIA MARTINS, 2003, p. 79).

Mesmo após muito tempo de adestramento acadêmico, chegamos aqui e buscamos nos inspirar na escrita contracolonialista da Jalapoeira Ana Claudia Matos da Silva (Ana Mumbuca, do Quilombo Mumbuca), também Orientada por Bispo, e Mestre pela UNB, pelo Programa de Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais. Quando pensei em escrever um projeto, Mestre Bispo foi uma das primeiras pessoas que busquei me referenciar, por sua trajetória também e por sentir a importância do eco dessa epistemologia quilombista que ele traz, resgate de suas mais velhas, ou como ele diz, traduz — sendo também eco de suas matriarcas, como a Vó Joana.

Acho que o incômodo do adestramento de um curso tão colonial, como o Direito, foi tanto que fui conduzida a fazer essa caminhada interna e intensa, pois precisava também buscar curar os traumas proporcionado por aquele “não lugar”, igualmente tóxico. Imergir na reinvenção de mim, de nós, renovação das águas minhas e suas, indo à nascente para daí transbordar. Pontuo que nesse primeiro momento, busco fazer uma relação de minha trajetória até o encontro mais importante dessa escrita e ou oralitura, jogando também o meu corpo em performance.

O corpo em performance, ..., é o lugar do que curvilinearmente ainda e já é, do que pôde e pode vir a ser, por sê-lo na simultaneidade da presença e da pertença. O evento encenado no e pelo corpo inscreve o sujeito e a cultura numa espacialidade descontínua que engendra uma temporalidade cumulativa e acumulativa, compacta e fluida. A performance atualiza os diapasões da memória, lembrança resvalada de esquecimento, tranças aneladas na improvisação que borda os restos, resíduos e vestígios. (LEDA MARIA MARTINS, 2016, p. 15).

Somos, nós intelectuais pretes, considerades *outsiders within*, conceito resgatado por Patricia Hill-Collins (2016), a partir do ensaio sociológico sobre o conceito de “estrangeiro” de Georg Simmel (1921). Nós nos sentimos essa “estrangeira”, atravessada pelo epistemicídio. Mas quando se tem Orí, temos de ter os dois cadernos. E aqui me lembro de uma das conversas de Orientação que tive com minha Orientadora Janaína Damaceno Gomes, que mencionar o afrosurto²⁴ e os

²⁴ Surge das gírias da internet e Aza Njeri faz uma conceituação que dialoga com a psicologia africana: “metaforizando seria a reação que o processo de consciência racial junto à memória dos racismos vividos causa no sujeito negro.”

males do eurocentrismo e tudo mais, ela pleníssima vira para mim e diz “tá, mas você não deve também jogar fora o bebê junto com a água do banho”, trazendo uma metáfora muito usada pelas mais velhas, ao mesmo tempo que explica com uma micronarrativa de ditado. Falando algo que inclusive se desenhrou para trazer para cá que é o diálogo na fronteira, não como limite, sim como encontro, trocando saber orgânico e sintético. É necessário estarmos atentos as duas versões de uma história e a entender ambas, termos as duas visões, inclusive se o intuito for pra ser contrário, antes é importante conhecer. Sobre esses dois cadernos, que muitas intelectuais negras dizem que devemos ter, aqui busco busco escrever, ou inscrever.

Conceição Evaristo (2017) nos fala que as escrevivências ajudam a curar, e a memória é uma colcha de retalhos. Vejo os retalhos como travessias, encontros, partidas e chegadas, fato é que a escrita é uma caminhada pela introspecção, ou uma lenta meditação, ainda mais quando se é compartilhada, se é feita pelos ouvidos, e se há de concordar que algumas inscrições não conseguem ser traduzidas nessa linguagem. Como bem nos alerta Grada Kilomba (2020), “a língua por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade”.

Sempre digo, que nenhum encontro é encontro, na verdade se trata de reencontros para fazermos uma missão juntas. Não toco essa missão sozinha, disso tenho certeza, pois os ecos que se fazem presentes nessa narrativa têm vida. Dito isto, o emaranhado de lembrança, imagens e sensações se misturam e me traz de volta o dia em que conversei com Nego Bispo sobre ser um eco dessa epistemologia que ele traduz e nos apresenta, um saber de morada quilombista. A primeira observação feita por ele foi sobre a importância da contrapartida para com o Quilombo, pois não tem serventia para comunidade um diploma de Mestrado, seria dialogando com ela para saber.

A conversa com os mais velhos, é sempre muito cheia de metáforas, cheias de história e muito aprendizado. O que mais me encanta são as entrelinhas das lições de vida, os conselhos, que para ser ouvido é preciso estar atento, aos detalhes da performance gesticular, na entonação e principalmente no olhar. Nesse encontro, em uma das viagens dele para o Rio de Janeiro em 2019 mesmo, houve o convite dele para o evento em São Raimundo Nonato, Sul do Piauí, realizado pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, localizada no Município de São Raimundo Nonato,

no Estado do Piauí (Univasf), tratava-se do evento Canteiro de Antropologia – Jornadas da Caatinga, que ocorreria em Agosto de 2019. Dizendo que era bom mesmo eu ir lá pra ver as comunidades, que falaria com o pessoal do território, e que se fosse teria lugar pra ficar, que não me preocupasse não. De imediato falei com a Professora Janaína Damaceno Gomes, que também se animou por essa possibilidade de ir e ver um possível campo para a idéia desenhada que eu havia submetido ao Programa. Fui para encontrar... acabei na verdade sendo encontrada.

Imagem 10 – Celebração dos encontros em que me encontro, nos encontramos. Encontro. Reencontro. Encontro.



Mestra Rosalina²⁵ (Quilombo Queimadas) e Mestre Bispo (Quilombo Sacocurture), ambos do Sul do Piauí, no terceiro dia de evento Canteiro de Antropologia – Jornadas da Caatinga. Na foto, temos presença de duas das principais lideranças quilombolas com trajetórias na luta contra os desmandos do Estado nas investidas aos territórios quilombolas. Fazem-se presentes nos espaços institucionais para confluir, demonstrando genuinamente como buscar “transformar a arma colonizadora em ferramenta de defesa contra colonial”. Rosalina fez uma fala representativa e importante sobre o histórico da luta dos Quilombos do Piauí nesse evento. Fonte: Mona Lima, 06 de agosto de 2020, um dia antes de eu conhecer o Quilombo São João do Jatobazinho, ou melhor, nele me encontrar.

²⁵ Líder quilombola, líder sindical, trabalhadora rural da comunidade Tapuio em Queimada Nova – PI. Hoje gerente do Instituto de Terras do Piauí (Interpi), já foi Coordenadora Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí – CECQPI.

Fogo!... Queimaram Palmares,
 Nasceu Canudos.
 Fogo!... Queimaram Canudos,
 Nasceu Caldeirões.
 Fogo!... Queimaram Caldeirões.
 Nasceu Pau de Colher.
 Fogo!... Queimaram Pau de Colher...
 E nasceram, e nasceram tantas outras comunidades que vão cansar se
 continuarem queimando. Porque mesmo que queimem a escrita,
 Não queimarão a oralidade.
 Mesmo que queimem os símbolos,
 Não queimarão os significados. Mesmo queimando o nosso povo,
 Não queimarão a ancestralidade. (SANTOS, 2015, p.45).

O mais importante do caminho, não é a chegada, mas sim os encontros na caminhada. A caminhada de encontro do campo se fez através de encontros e reencontros, até eu ser encontrada pelo Jatobazinho, pela Dona Didi e es descendentes de Dona Minervina. Após o sim, Nêgo Bispo me consegue uma hospedagem solidária com um casal que trabalha junto a comunidades quilombolas do território. Raimunda Nonata é professora na Zona Rural, na Escola Manoel Auto de Souza, que atende à crianças e jovens quilombolas e seu esposo Genivaldo Coêlho trabalha na extinta EMATER, que atende a muitas das comunidades quilombolas, fazendo acompanhamentos de projetos.

Minhas vistas chegam a brilhar ao saber desse encontro. Logo pensei, Bispo promovendo as confluências certas. Assim que cheguei ao local intermediado, o mais rápido que pude (qualidade da família, ser agoniada), logo puxei conversa para saber sobre as comunidades quilombolas do território, já estava por dentro de que haviam várias comunidades quilombolas enfrentando ameaça real da mineração, pois amigos da época da graduação estavam acompanhando, e havia pessoas conhecidas e comprometidas já há algum tempo atuando por ali, como a professora Maria Sueli Rodrigues.

Estávamos em revezamento com o evento e as grandes trocas, na verdade dois grandes espaços, ambos estavam atravessados pelos territórios quilombolas, os conflitos, as lutas, as pesquisas, os investimentos que estão chegando, como do Banco Mundial e outros tipos de intervenções, direta e indireta, como o Parque Nacional da Serra da Capivara e sua administração francesa, Fida, Viva Semiárido, entre outros emaranhados de confluências e transfluências, de conquistas, perdas e luta, muita como a das titulações de terras quilombolas.

Bispo já havia falado pra Genivaldo para que ele visse se tinha como me levar em alguns quilombos, tinha dito que eu era uma “gente das nossas” e que podia levar sem medo e eu queria muito conhecer. E pessoa indicada por aquele mais velho só tinha confiança, uma máxima ainda muito atual em meu Nordeste, o povo das palavras que confiam nela e no que ela indica (quem indica). Estávamos no Sul do Piauí, região que dança na encruzilhada entre caatinga e cerrado. Essa região carrega a grande maioria dos quilombos, assim como existências pindorâmica, mesmo com a tentativa de apagamento e invisibilização de algumas etnias que compõe aquele território, como os Kariri de Queimada Nova, que só no ano de 2021 foram reconhecidos oficialmente pelo Estado Colonial, mesmo sendo de conhecimento que existem outras nações: Tabajara, Tabajara Ipy, Tabajara Tapuio, Itamaraty e Gamela.

Escolhi mirar minha flecha no Programa de Cultura e Territorialidades do Instituto de Artes e Comunicação Social, no momento que li sobre o programa e sobre a linha fronteiras e produções de sentidos. Realmente, naquele momento pensei: “é isso” e de imediato me veio à mente as aprendizagens que Nêgo Bispo carrega de suas gerações Avó. Então, quando escrevi a ideia inicial de escrita dissertativa, estava teórica e com várias ideias de pontos de partida. Assim que iniciei, ali em abril recebi Mestre Bispo em casa, que veio para participar de um evento em que eu estava na organização inclusive. Às pressas, contei a ideia que havia escrito, referenciando-o. Imediatamente ele me diz que eu deveria conversar com a Ana Mumbuca, aproveitar também voltar no Piauí e ir no Sul no evento que o professor Bernardo Curvelano, da Univasf, estava organizando e que ia estar a Rosalina dos Santos do Quilombo Tapuio, e que seria bom ir porque poderia visitar uns quilombos que pudesse somar e fazer essa troca.

Também recebi apoio da professora Janaína Damaceno, que já havia pontuado que ali tinha ideias fortes, só que faltava campo. Corri ao encontro-reencontro-encontro de Bispo, Quilombos e nós, nisso vi a modificação dessa pesquisa que não mais era só minha, desde que iniciei nunca foi. Inicialmente estava indo mais para uma linha filosófica, não que esta não esteja presente juntamente com o imagético e a poética, mas sabe aquela preocupação em demonstrar, mostrar o mundoverso que é as comunidades do território de onde venho, onde sinto a pertença, sabendo da possibilidade de trazer pra cátedra que às vezes transmitir as vivências de uma forma distante, eu não tenho como ser distante no lugar, e quão interessante é demonstrar

também pro “não lugar” que ocupo outras formas de lugar que cabe à todes, sendo sempre fronteira encontro e não fronteira limite.

À medida que Genivaldo ia me falando sobre os territórios quilombolas, eu ia desenhando mentalmente um mapa de possibilidades, observando meu sentir, me apegando aos detalhes de cada história contada. Como a do Território Lagoas, uma das maiores Comunidades Quilombola do país, quarto em termos de extensão e número de famílias, ocupando cerca de seis Municípios na bacia do Rio Piauí, sudoeste do Estado, formando mais de 100 pequenas comunidades. Comunidade Zabelê e suas questões sérias e complexas com o Parque Nacional Serra da Capivara, o Quilombo Queimadas, onde temos tradição de rezadeiras, mateiras, parteiras, benzedadeiras e outras eiras. As riquezas culturais e tradicionais contidas no Lagoas, preciso citar aqui, como os festejos, o São Gonçalo, os Reis, Capoeira de Quilombo e a dança afroquilombola, até que chegou uma história que ele até que se sentou pra contar e quando terminou de falar daquele quilombo, São João do Jatobazinho, eu só arrepiei e ali tive a resposta, ou como disse pra professora Janaína, fui encontrada.

Vale destacar algo muito importante aqui, as sensações e os sentidos, sejam eles visão, olfato, audição, paladar e tato, pois são esses instrumentos epistemológicos utilizados durante toda a pesquisa, não fosse eles não haveria conexão imediata entre sujeita e sujeita, sendo esse ponto chave desse pesquisar junto, fazendo contraponto com o pesquisar separado da modernidade, aquela que separa em dualidades racionais. O que apresentamos é o conhecimento via as sensações, emoções, intuições e buscamos fazer a escrita gingar com o sentir, apresentar os sons, sabores e os ritmos, por pensar que talvez a linguagem narrada quer também ser sentida, talvez ela até gostaria de ser comida, cheirada, pra além do vista, por isso descrevemos como forma de inscrever um encanto escrito que foi encantado no oral, essa oral memória.

Composição que valoriza a transmissão em si mesma de uma memória que civiliza as sujeitas e seus descendentes através de uma construção/reconstrução dentro da cosmossensação/cosmopercepção (OYËWÙMÍ, 1997) de mundo de perspectiva afrodiáspórica. Mundo visão a partir da junção de todos os sentidos, sensações e sentimentos que atravessam a corpa oralidade e dos seus descendentes que estão em conexão com os mundos chamados físico e o não-físico, visível e invisível, verdadeiras presenças afropindorâmicas na diáspora.

2 SER-TÃO QUILOMBO NA ALDEIA PIAUHY

Quando os escravos chegaram à região para trabalhar nas fazendas de gado, ainda havia ali alguns grupos indígenas, em especial, os Pimenteiras. No processo de povoamento do território quilombola, laços de parentesco foram fundados entre negros e indígenas. (FARIA, 2016, p. 2).

Somos afropindorâmicas. Somos seres de travessias, corpos trans-atlântica aqui lembrando Beatriz Nascimento, estamos em-migrações com nossos territórios-corpos.

Há o discurso de que no Piauí os pindoramas²⁶ foram dizimados. Por trás disso se perpetua o apagamento de identidades étnicas, cujos traços fenotípicos são “letras vivas de um crime”, como canta Gog na música “Carta a mãe África”, provas documentais de tal narrativa. Temos inclusive na etimologia do nome Piauí, as origens tupi, guarani, tupi-guarani, que significa “rio dos piaus”. Confrontando com sua nomeação o discurso ofertado pela historiografia, pela imagem que sempre é reforçada, que parte da ausência, território visto como última fronteira de desenvolvimento pro avanço do país. Como exemplificação temos a construção de narrativas sobre o sertão nordestino, com imagem somente de fome e seca, um único ponto de vista que a mídia sempre reforça.

Vamos aqui dar um giro para a trajetória da chegada no campo que me encontrou. Reportando-me novamente ao Território Lagoas, e aqui falo sobre por que estamos tratando de falar dos encontros da caminhada até o campo, tudo bem? Para não ficar confuso. Atualmente esses territórios quilombos lutam por sua titulação e pela permanência das escolas dentro dos quilombos, mas modificadas à realidade do local. Falamos também sobre a Comunidade Zabelê, que fazia a guarda e proteção do Parque Nacional da Serra da Capivara, antes de ser “encontrado” por uma arqueóloga francesa Niède Guidon, que acabou por ocasionar o afastamento e isolamento dessa uma comunidade. Após falarmos sobre essas comunidades e seus conflitos, chega na conversa Dona Raimunda Nonata Cavalcante, conhecida por Nonata, esposa de Genivaldo, família amiga de confiança de Nêgo Bispo, que me chama a atenção e diz que eu preciso mesmo é conhecer o Jatobazinho. Vendo a

²⁶ O Piauí abrigou, entre 1608 até o século XIX, pelo menos 17 etnias da nação Tupi. Seriam elas os Acroás, Anapurus, Araiozes, Aranhis, Aruás, Cariris, Guanarés, Gueguês, Jaicós, Pimenteiras, Potiguaras, Potis, Tabajaras, Tacarijus, Timbiras, Tremembés e Xerentes. Pelas pesquisas oficiais, o estado ainda tem a presença em fase de reconhecimento.

empolgação no olhar dela e também no dele quando ela cita esse nome, minha mente e energia nesse momento apita, e vai só me arrepiando, à medida que vão descrevendo, desenhando, contando os causos sobre esse Quilombo que contém vários atravessamentos, isolado em meio a caatinga, fundado por uma Matriarca chamada de Minervina.

Buscamos narrativas sobre o território. Além de umas reportagens, encontramos um curto vídeo de Dona Maria Lina, filha de Dona Minervina. O vídeo reforça o discurso sobre o sertão empobrecido e atrasado, com a imagem dos povos negros quilombolas no lugar da ausência. Sendo que se trata de um lugar de potência, de resistência forte, o qual deve sua existência a uma planta, ou melhor a plantas que os alimentaram, e antes disso ao conhecimento e pertença do território, tendo ali saberes ancestrais de sobrevivência, como é o conhecimento das plantas, dos matos brabos, que curam e dos matos que envenenam ou que são remédios. Soubemos de um material feito pela extinta, mas presente EMATER, porém até o momento não conseguimos localizar, nem mesmo o Quilombo tem posse do material.

À medida que Genivaldo ia falando sobre o Jatobazinho, algo muito forte pulsava. Estava com o imaginário do lugar e das pessoas se formando muito forte em minha cabeça, repetida a cada nova descoberta ouvida em segunda pessoa. Nonata e sua Mãe lecionam para crianças e jovens da comunidade São João do Jatobazinho, nos traz os atravessamentos sentidos por ela, mesmo se tratando de uma pessoa branca. Ela fala sobre as faltas na escola Unidade Escolar Manoel Auto de Sousa, onde não se tem bem uma aplicabilidade da lei 10.639/03, uma vez que os professores não são formados e nem capacitados para tal. Não há sequer o mínimo, que seria o atendimento relacionado a pessoas com deficiência se tem, somente uma rampa, sendo um ponto delicado já que a cegueira está presente, na escola e na comunidade. Foi nos contada a história de que, pra hoje o Jatobazinho existir, os descendentes de Dona Minervina tiveram relacionamentos consanguíneos, devido à discriminação racial do entorno, acabou então havendo alguns nascimentos de crianças com cegueira total e ou baixa visão.

À medida que foram me relatando sobre as questões que atravessam Jatobazinho, fui me interessando ainda mais, principalmente, por ser informada de que ainda restara viva a última filha de Dona Minervina e que ela guardava toda a história daquele território e suas formas de re-existir ali, isolado e vivos: Dona Rosilda Maria

da Conceição, conhecida por Dona Didi. Logo Genivaldo explicou que o quilombo São João do Jatobazinho era realmente de difícil acesso, só sabendo ir até ele quem souber o caminho, pois devia-se atravessar dois riachos. O local fica na zona rural no município vizinho, em Dom Inocêncio, inclusive pegando uma parte do Parque Nacional Serra da Capivara, do corredor florestal, ou seja, eram cinco horas de viagem de onde eu estava, em São Raimundo Nonato. Fiquei até atônita e somente joguei para o universo pra dar certo.

Então, foram estabelecidos vários contatos da parte de Genivaldo com outras pessoas que atuavam no território e conheciam o caminho. Quando retornei do evento na UNIVASF, “Jornadas da Caatinga”, onde tinha ido apresentar trabalho, soube que Genivaldo iria no Território Lagoas e me chamou para ir junto, conhecer o Mestre Seu Cláudio, liderança que continha a história falada, guardada, inscrição do território, por vozes de seus ancestrais, inclusive pindorâmicos. Lá fomos e assuntamos. Genivaldo me deu a boa notícia de que no dia seguinte sairíamos às cinco horas da manhã para conhecer o Jatobazinho, que tanto ele como Nonata haviam falado noites anteriores, bem no dia de minha chegada, recepcionada com constelações, juntando com os cosmo-sentidos, ativados pelo paladar d’um café forte e beijú com carneiro assado.

Nesse momento Bispo apareceu na cozinha dos encontros, ou melhor dizendo, na encruzilhada ali desenhada, sorriu e afirmou que havia feito a ponte e agora era comigo. Rememorei o que me disse a professora Janaína Damaceno: “vá e veja o que o campo lhe diz”. Realmente fui, ouvi e senti.

Comendo um beijú, sentada no chão com um café forte e sem açúcar, saímos após o almoço, um bode fresquinho cozido, fígado no café da manhã e ansiedade pela ida nesse primeiro momento ao Território Lagoas. Agosto é o início do verão intenso, é quando vai chegar o nosso famoso b-r-o-bró (estação mais quente do ano, setembro, outubro, novembro e dezembro), a vegetação estava com sua pele de proteção, afinal ela pertence àquele ambiente — a caatinga — o Sertão-Quilombola).

O senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele? pergunta Riobaldo. “O sertão aceita todos os nomes: aqui é gerais, lá é o chapadão lá acolá é a caatinga. (ABRANCHES, 2016)

À medida que passávamos por cada quilombo do Território Lagoas, adentrando mais e mais a caatinga do verão, com suas plumagens, sua paleta de cores marrons e cinzas, mas que mesmo assim transparecia vida, com criações de cabras, cabritos,

galinhas, muita palma plantada, que segundo Genivaldo seria para alimentar os animais, fazer também uma boa bebida. Vegetação de um seres-tão que guarda vidas e histórias próprias, que mostra um viver junto com o lugar, formulando e reformulando modos de vida, guardados nas performances, da lida com a enxada, com os bicos, com o tempo, com o chão e suas mudanças de climas, com as danças que sobrevivem a gerações, cantos, rezas e encantos. Pequenas, médias e grandes comunidades, uma próxima outra. Por cada uma que passávamos ele ia comentando, que por ali havia problemas recorrentes em todos os quilombos do território, o alcoolismo era um deles, mas o principal seria a ameaça da mineração, diante da qual mesmo assim ali re-existiam protegendo e sendo protegidos pela comunidade.

Era completamente incrível aquele trajeto que estávamos indo, tantos detalhes rapidamente passando pelos meus olhos, um sol escaldante, casas circularmente próximas uma das outras, bichos soltos, Senhoras em janelas, algumas pessoas em seus quintais na lida do arado, outras Senhoras conversando com sua vizinha, e ao mesmo tempo a poeira intensa. Muitos detalhes passavam rapidamente em meio aos meus olhos, e só pensava o quanto aquele território era enorme e o quanto de riquezas e história ali havia guardadas. Muitas gentes com pele cor da noite, de diferentes gerações.

Além de perceber a formação circular dos quilombos ali, havia a beleza intensa saltada daquela vegetação, em meio a caatinga, ao cerrado, ao semiárido, ao ser-tão, tantas misturas ali que faltavam palavras. Estávamos indo para a Lagoa do Calango, conhecer e conversar com Seu Cláudio, liderança quilombola, lavrador, mestre da oralidade do Território Lagoas, guardador da história dali.

Chegamos ao pôr do sol na Lagoa do Calango, o sol fazia sua performance em meio a um campo, e lá no fundo estavam algumas árvores que pareciam posar para uma foto e elas posaram mesmo. Outra foto foi tirada e guardada na lembrança. De Seu Cláudio nos recebendo de braços abertos e sorriso largo, já nos convidando para entrar e sentar todos em sua pequena sala. Lá estava também sua esposa Dona Maria, com um olhar meio triste e distante, em uma cadeira de rodas. Logo vi que ela lutava contra algum problema de saúde que afetava suas pernas. Ela disse que se encontrava muito doente, que os remédios só aumentavam, que se eu tivesse a conhecido antes ia ver o quanto ela era ligeira, não parava quieta, cuidava de bicho e de suas plantas e ervas, e que agora estava ali assim.

No caminho, indo pro Território Lagoas, especificamente para a Lagoa do Calango, foi falado da liderança aguerrida, da representatividade e luta de Seu Cláudio pelo/no território, muito lúcido da luta por sua identidade e direitos dos povos quilombolas ali da região, onde se vive e respira ainda ares do passado, já que fazendas escravistas ainda estão em ruínas ali próximo.

Imagem 11 – Pôr do sol no Calango



Em frente a casa de Seu Cláudio, chegamos já à tardinha, o sol já estava indo se recolher. Seu Cláudio estava nos aguardando com uma garrafa vermelha cheinha de café e com um sorriso no rosto. Estava junto com sua esposa, moram somente os dois na residência, já que não tiveram filho. Um cuida do outro, ela está na cadeira de rodas. Ele, um Senhor teimoso que luta contra a diabete. Chegamos e ele estava com um curativo no pé, pois devido ao não foco no cuidado acabou por perder o dedão do pé. Ele diz que o tempo é pouco e que a luta não espera, falando isso se referindo a ter perdido o dedão. Com isso demonstra o quanto ele vive para a luta do território. Sendo Presidente da Associação do Território Lagoas, ele vive tendo que viajar pra todos os quilombos dali, além das idas à capital e o acompanhar de reuniões e mais reuniões para que conquistas não sejam retiradas, como é o caso do fechamento de escolas. Além da perseguição das empresas mineradoras que estão presentes por ali, para conseguir apoio e parcerias de outras lideranças. Esse pôr do sol, estávamos já do lado de fora da casa tomando um vento. Fonte: Mona Lima (2019).

Nós herdamos de nossos ancestrais o nosso próprio MÉTODO DE CONHECIMENTO. O africano não estabelece distância entre ele e seu objeto de estudo. Ele toca, ele vive, ele aspira, ele vive a realidade dialeticamente. (SENGHOR, 1965 apud SIQUEIRA, 2006a, apud VANDA MACHADO, 2013, p. 79)

Somos logo apresentados por Genivaldo, que diz que sou uma grande amiga de Bispo e da família que está passando uns dias na casa dele e que queria muito vir até os quilombos, conhecer a história do lugar e da luta, da luta dele. Seu Cláudio ri e diz que então era coisa demais. Logo eu digo que já ouvi falar muito dele, demais, quando estava andando pelo rumo dos quilombos barro vermelho e contente, de São João do Piauí, ouvia falar muito dele e da resistência ali do território, e o quanto era lindo aquele lugar que eles protegiam.

É de verdade a forma como é feita a acolhida de qualquer pessoa que vá aos territórios negros com boas intenções, com coração aberto. O nosso povo é amável, feliz, mesmo com todas as batalhas cotidianas para ter o que já é seu, vivendo ameaçados, mas sem perder o brilho nos olhos e principalmente a esperança.

E começamos a conversar, ele interessado já carregando as cadeiras lá pro terreiro da frente de casa, porque a luz do sol já tava indo embora e queria pegar os últimos raios de sol. Conte pra ele que ali era minha primeira vez no Lagoas, mas já ouvi falar, tanto por Bispo como pelos meus amigos da Assessoria Antônia Flor, que ali havia ido pra conhecê-lo pessoalmente e prosear com ele, um mais velho guardador da história dali e que está à frente da luta. Pedi permissão para gravar e ele foi super aberto. Disse que falaria sim que era só perguntar, já sentando e dizendo que vivia pra luta dali, até os últimos dias de vida que ele tivesse.

Existe algo de singelo e imenso nessa habilidade de encontrar e ser encontrada por lugares e pessoas, tão nosso, tão nossa, tão daqueles todes dones da sua liberdade, paixão e respeito pelo seus mundos (visível e invisível). A comunidade ali que os protege por que os fortalecem, a raiz do lugar promove a proteção e zelo com seus filhos e filhas, dali. Estar, chegar ali e não sentir é não residir em si próprio. Como diz minha Vó, só quem vive, quem já viveu, é que sente.

Aqui, eu lhe convido para conversar conosco, já que a encruzilhada se fez em encontros do caminhar. Abaixo temos uma prosa com Mestre Claudio, liderança e presidente da Associação do Território Lagoas.

Seu Cláudio Teofilo me conta que além de ser presidente da Associação Territorial do Quilombo Lagoas (ATQL), também faz parte da Coordenação Estadual do Movimento Quilombola (CECOQ) e durante toda a vida mora na comunidade calango, há 67 anos. Na luta pela aquisição das terras da fazenda São Vitor, instalada no século XVII, que trouxe famílias escravizadas para o trabalho na fazenda, quatro

famílias da região, uma delas a de seu tataravô. Então Seu Cláudio foi nos contar um pouco sobre ali, um pouco sobre si e os seus nossos:

E antes aqui era só a comunidade calango. De 99 pra cá foi que começou a trabalhar a aquisição das terras da Fazenda São Vitor. Que foi quando a gente recebeu as primeiras pessoas da coordenação estadual procurando identificar algumas comunidades negras no município de São Raimundo Nonato. E eu peguei e conheci esse pessoal, que na época era Rosalina, Bispo e Ruimar Batista, que procuravam pelas comunidades quilombolas. Mas até aquele tempo nós só conhecíamos a comunidade Emas, mas não é que a comunidade Emas fosse quilombola, era a comunidade que o povo tratava só como comunidade de “Nêgo”. Que nas Emas, nessa época ninguém conhecia ninguém por ninguém, quando se tocasse no nome do pessoal das Emas no São Raimundo, eles diziam logo “É os Nêgos das Emas”. Ai agente tomou conhecimento desse pessoal esse pessoal que já falei antes. Ai eles começaram a nos levar a história que queria conhecer aondé que tinha fazenda que tinha tido escravo, e eu conhecendo a história contada pelo meus avôs e ainda cheguei a conhecer vestígios véi de escravidão na na época, inda cheguei a conhecer, a casa véia da senzala, que era uma casa de furquia, quase da altura daquele poste ali, inda cheguei a conhecer o curralo véi da fazenda são vitor. E ai foi o tempo que a gente tomou conhecimento da Legislação que já dizia em 88 da Constituição, que os descendentes quilombola tinha o direito de reivindicar suas terras. Adonde foram criadas, adonde suas famílias foram escravizadas. Tomando conhecimento disso chegamos mais pra perto de Rosalina, de Bispo. Lembro do meu pai falando que o pai dele era patavó, com o tempo fui entender que era Pataxó, também carrego esse sangue (Prosa com Seu Cláudio²⁷, 2019)

Essa passagem relatada me traz à memória Beatriz Nascimento que fala sobre a nomeação quilombo e o que engloba essa identidade e esse território existencial. Ela mostra no documentário “Orí” a reivindicação desse chão múltiplo que faz a guarda dos símbolos, dos modos, dos significados que compõem a nação. Em contraponto, temos a luta desses territórios por titulação de algo que já é deles, pois gerações e gerações sempre ocuparam aquele espaço re-existindo, seja quilombolas, seja pindorâmicos, os construtores desse país. Ela escreve:

É importante ver que hoje o quilombo traz para a gente não mais o território geográfico, mas o território em nível de uma simbologia. [...] Vários, vários e várias partes da minha história me contam que tenho direito ao espaço que eu ocupo na nação [...] A terra é o meu quilombo, meu espaço é o meu quilombo. Onde estou, eu estou! Onde estou, eu sou! O quilombo é memória que não acontece só para os negros, acontece para nação. (NASCIMENTO, 1989, p. 93).

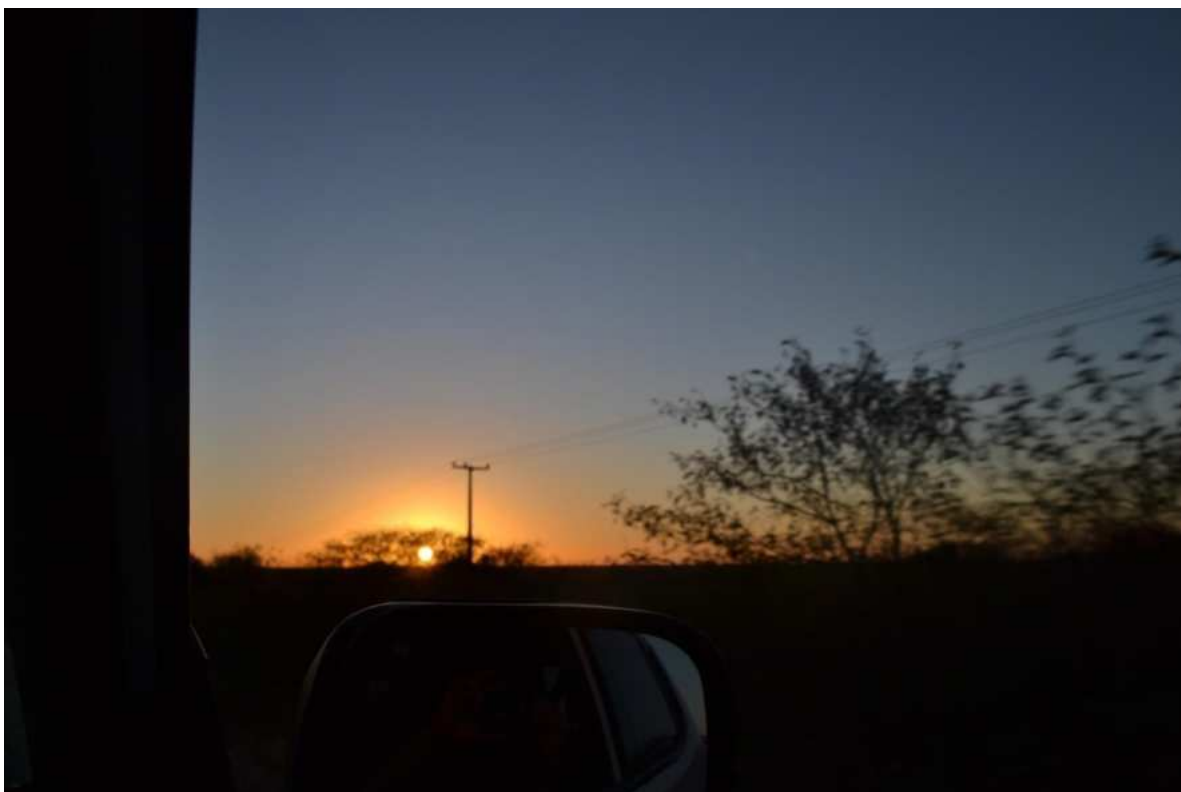
²⁷ Cláudio Teófilo Marques, líder quilombola, lavrador, Mestre de Ofícios e ancião griô do Território Lagoas, Vice-Presidente da Associação Territorial do Quilombo Lagoas, reside na Lagoa do Calango. O território lagoas abrange seis municípios da bacia do Rio Piauí. (FARIA, 2016).

Os quilombos reivindicam o que sempre foi seu, pois fazem a guarda e proteção do território, e não “terra” como é nomeado pelo colonizador, que cria normas fundiárias de regulamentação, regras colonizadoras, como forma de atingir o modo de vida e o modo de ser. Por exemplo, a escola, instituição que não busca dialogar com aquele espaço, pelo contrário, vem formatada forma de sociedade fora dali, não coloca os mestres para participar das aulas. Saí da confluência com Mestre Cláudio visualizando a guerra colonial que ainda faz a perseguição aos territórios quilombolas, a todos os territórios de resistência contracolonial.

Voltamos para casa com um convite para os festejos e rodas de São Gonçalo, experiência inclusive vivenciada esse ano de 2020, em março, na Lagoa da Firmeza.

2.1 Confluências Cosmoorgânicas com “Os Nêgos da Minervina” no Jatobazinho

Imagem 12 – Indo nascer no Jatobazinho



Saímos após um café preto e sem açúcar, uma carne de bode assada, um beiju peneirado, com manteiga de gado. Pra quem dormiu de olhos abertos, o amanhecer demorou a chegar pra ir renascer no Quilombo São João do Jatobazinho.

“Encontrei Bispo
Reencontrei o Quilombo
Encontrei a mim.” (Mona Lima, 2020)

Sáímos às cinco horas da manhã rumo à Dom Inocência, mais especificamente ao Quilombo São João do Jatobazinho, localizado na zona rural. O território possui três comunidades quilombolas reconhecidas pela União em 2014, através da certificação da Fundação Cultural Palmares: Jatobazinho, Barra das Queimadas e Poço do Cachorro.

Estávamos chegando à temporada mais quente do verão da caatinga: a vegetação bem cinza, de um céu azul brilhante, mas víamos vida em toda aquela extensão e uma certeza passava pelos meus olhos, sim o sertão um dia foi mar e a prova ali estava, aquelas enormes pedras, pedregulhos e a imagem inesquecível do que chamamos por aqui de lajeiros, paredões enormes de pedras, uma imagem de um pedaço do Parque Nacional Serra da Capivara, região dos altos vales da fronteira do Piauí com a Bahia.

A comunidade fica a 50 km da zona urbana de Dom Inocência, no semiárido mais árido do Piauí, e estávamos no mês de agosto, o mais seco, algo que era bom para quem trabalha com o caroá. Chegamos à comunidade, o sol já estava trincando. Isolada no meio da caatinga, a região tinha muita chapada e rochas. Havia uma pequena rua de paralelepípedos e em volta havia algumas casas, construídas pelo Programa Habitacional Minha Casa, Minha Vida, casas feitas no início da década de 2000. Ainda assim, ainda há algumas casas de taipa. Fomos até a associação de moradores, toda família estava engajada na confecção de uma rede de caroá, da criança à mais velha, Dona Eduarda. Uma senhora bem pretinha e com fortes traços pindorâmicos.

Um olhar forte, de quem não gostava muito de falar, seu falecido marido era o antigo presidente da associação, ela já avó, tem como principal renda a venda da rede de caroá, e como estava na seca era o grande momento de sua confecção. As crianças me levaram até onde estavam as furquias que estendiam as tiras pra secar, do caroá e onde iniciava o trançar. Conheci Genival, conhecido ali pelo nome de Beiju. Fomos apresentados e mencionei o interesse de falar com um mais velho ou mais velha do quilombo. Logo ele sinalizou: “pois é a minha Tia, a Didi, que é a última filha viva da minha Vó Minervina”.

O quilombo possui cerca de vinte e sete famílias, aproximadamente oitenta pessoas. A principal fonte de renda é a confecção de redes de caroá, vendidas posteriormente nas feiras das cidades próximas. Atualmente, também foram atravessados pelo “Projeto Viva o Semiárido”, da Secretaria de Estado da Agricultura Familiar (SAF), tendo escolhido o manejo com apicultura, outra atividade de renda.

O projeto Viva o Semiárido (PVSA) é um esforço do Governo do Estado do Piauí, em parceria com o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), para reduzir a pobreza, aumentar a produção e melhorar o padrão de vida das populações com maior nível de carência social e econômica no meio rural do Semiárido Piauiense, por meio do incremento das atividades produtivas predominantes, da geração de renda e do fortalecimento organizacional das famílias rurais. (SEMEAR INTERNACIONAL, [s.d.]

Genival, o Beiju, logo se amontou na moto e nos mostrou o caminho onde ele acreditava que estava sua tia, pois ela já estava com idade e com problema já na visão. Chegamos ao Rio Porção, onde estavam Dona Didi e suas netas, Carla e Angélica, ali elas estavam na segunda fase do caroá, que é quando se tira as tiras do caroá, para deixar somente a parte que será mergulhada no rio por mais alguns dias e, assim, seguir para secar no sol e após a confecção.

Ali estava a matriarca, Dona Didi, artesã do caroá e mestre da oralidade, guardadora da memória do Jatobazinho. Baixinha e um pouco corcunda, um olhar distante como quem vê o que fala. O Beiju e o Seu Ivon, foram chegando com a gente, um já pegando o jucá para bater no caroá e o outro já tratando de pegar as tiras do caroá de molho, e lavando-as, batendo pé dentro da água. Me apresentaram Dona Didi, falando que eu vinha do Rio de Janeiro, logo me apressei e disse que era do Piauí também, que era de Barras, no norte do estado. E que tinha ouvido falar sobre Jatobazinho e Dona Minervina, sua mãe e queria muito conhecer a história, se ela gostaria de compartilhar. E ela já se levantando e falando “pois bem”, podia sim, e que queria falar de suas memórias.

Imagem 13 – Re-Encontro. Dona Didi e o Coroá, no rio Porção, com as netas Carla e Angélica



A primeira vez que me encontrei com Dona Didi e fomos apresentadas, ela estava com as netas na beira do rio, na labuta com o caroá. Aqui mostra, muito satisfeita as tiras, após o segundo ciclo, que é a retirada da casca com espinhos, para deixar de molho nesse mesmo rio. Bem dizer, ela saiu cedim pra não ser notada, já que os filhos não querem que ela se esforce tanto, devido a idade. Mesmo assim, nesse dia ela conseguiu sair às escondidas. Depois de colher o coroá, se tira os espinhos e coloca-o de molho no rio ou nas pequenas lagoas existentes no Quilombo, formadas pelas chuvas. Fonte: Mona Lima, 10 de agosto de 2019.

Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança nos porões do navio. Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si as vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas. A voz de minha filha
recolhe em si a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.
(CONCEIÇÃO EVARISTO, 2017, p. 24-25)

O rio sempre foi um lugar de encontro e reencontros para mim, não poderia ter sido diferente esse reencontro com Dona Didi, mesmo essa temporalidade sendo nosso primeiro encontro. Ou melhor dizendo, quando o campo me encontrou, quando a água doce de novo foi encontro. Sendo eu uma ribeirinha, aquele lugar, o rio Porção, foi o lugar não só de reencontro mais também de encanto, encantamento esse feito ainda bem no início, quando no começo da prosa com Dona Didi pergunto se ela gostaria de cantar alguma reza e ela inicia uma, que é tão importante para a época de verão intenso, quando a conversa com o sagrado se faz em reza, essa cantada pra encantar o tempo e ele mudar, ele chover. Reza essa sempre muito presente em sua contação, muitos momentos sendo portal de trazer memórias:

aqui tô em vossos pés,
pedindo água com bandança²⁸,
meu Jesus de Nazaré,
pedindo água com bandança,
meu Jesus de Nazaré
Ai os outros arrespondia
quem quiser chuva na terra,
se apegue com São José,
é um santo milagroso,
pela vossa santa fé
(Dona Didi, Reza de São José)

Quando se canta uma reza ela se inscreve naquele lugar, porque dali faz parte e é daquele lugar, possuindo uma serventia no simples fato de ainda ser lembrada. Pensei nas rezas que me foram ensinadas desde pequena, uma reza para acudir cada situação. Ali tínhamos uma, o chamado para a chuva vir, uma responsável que encanta no canto pra ser atendida por São José, esse que também verá a performance da bandança. As palavras numa reza devem seguir aquelas ditas daquele jeitinho, se se muda o jeito de dizê-las já é uma outra e não mais aquela.

Quando ali cheguei e fomos apresentadas, os olhos sorriram, se vê uma a outra, sem grandes diferenças, ali sujeita — sujeita é outra forma de pesquisar, afinal o tratamento segue sendo como aprendi desde pequena, pedir licença, pedir a bença e explicar dentro da verdade. Partindo do ponto que já estava encantada com a história de Jatobazinho, quando encontro a matriarca mais velha do lugar, que também é a

²⁸ Chamamos de rudia, um pano enrolado que se coloca na cabeça pra carregar o balde com água, ou lata d'água.

guardiã da história, só se efetiva a certeza de que é ali e é com ela que pesquisaremos. Penso nesse encontro-reencontro desse dia como lugar frutificador, fortificador, ali selando possibilidade de seguirmos juntas em um propósito de resgate, ou melhor de re.memorar não só uma ancestral, mas a própria ancestralidade, ou rastro ancestral tanto simbólico quanto físico, que é viva no quilombo São João do Jatobazinho, conhecido pelos arredores como Quilombo das Minervinas ou Os Nêgo das Minervinas.

Imagem 14 – A terra que tudo dá



Dona Didi falando e apontando (procurando a planta pra mostrar) emocionada da importância que a vegetação da caatinga tem para os seus; ali nasceram muitos e sobreviveram muitos. Foi o mato selvagem que alimentou seus irmãos, que os curou também quando estavam adoentados e de onde a sobrevivência se fez ao trabalhar com o coroa que só ali nasce. Fonte: Mona Lima (2019).

Eu não me sinto só na imensidão do céu
E eu não me sinto só na imensidão do céu
E eu não me sinto só na imensidão do céu
E eu não me sinto só na imensidão do céu
(LUEDJI LUNA, 2020)

De primeiro, queremos dizer que o percurso percorrido para os reencontros nos aponta como nos constituímos dentro da coletividade, que é marca da ancestralidade africana, pindorâmica, em nossos ser, estar e dizer o mundo, os mundos.

Aqui, nessa prosa escrita, antes sentida e vivida, traremos memórias quilombistas, que um amigo me perguntou e disse ser memória de epistemologias quilombolas de uma episteme quilombista. Mas que dizemos mesmo ser as lembranças de ser quilombo, como ser e onde estar guardado, se não na biointeração quilombola, que conecta a memÓria com a ancestralidade e aqui rememoro dois confluente importantes que me trazem até aqui: Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo) e Conceição Evaristo.

Imagem 15 – Performar memÓrias



Onde se faz a guarda de uma memÓria quilombista, se não na circularidade de ser e fazer ser-sendo. A cada ato de buscar a sobrevivência se aciona a cadência de uma guarda, essa de um patrimônio, de uma identidade e de lembranças performadas na resiliência, essa que ao recriar formas de sobreviver acessam também segredos guardados pelos mais velhos, ali nas fazendas. Seja ao fazer um chapéu de palha, fazer uma rede de pesca, fazer um carretel pra enrolar as fibras do caroá. São várias as estratégias de guarda de memórias e falo aqui aquela memÓria, que não só acessa as alembanças mais também dos poderes adormecidos. Como Seu Alexandre, esse da foto, que segundo Dona Didi é o que mais tem paricença com o lado pindorâmico dos Minervinas. Ele sabe de rezas que são acionadas quando está na lida da planta. Fonte: Mona Lima (2020).

Na cosmovisão africana, nós que estamos no presente somos todos, em potencial, mães e pais daqueles que virão depois. Reverenciar a vida, sua continuidade e mudança. Somos os filhos daqueles que aqui estiveram antes de nós, mas não somos seus gêmeos idênticos, assim como não engendramos seres idênticos a nós mesmos [...]. Desse modo, o passado torna-se nossa fonte de inspiração; o presente, uma arena de respiração; e o

futuro, nossa aspiração coletiva. (THIONG'O, 1997, p. 139 apud LEDA MARIA MARTINS, 2003, p. 75).

Bora voltar pro rio?

Imagem 16 – Pisa ligeiro



Título referenciado na música cantada por muitas militantes da luta agrária, quilombola e camponesa. Carla e Angélica, netas de Dona Didi, que sempre vão atrás dela quando some, e a maioria das fugas é pra lutar com o coroá na beira do Rio Porção. Uma segue pisando ligeiro nas tiras que estão colocando de molho, que momentos antes estavam tirando os espinhos. No rio ficará de molho por uns três dias, até serem tiradas, torcidas e batidas com um pau forte, que tem muito na região, o famoso jucá. Fonte: Mona Lima (2020).

Aos atos de fala e de performance dos congadeiros denominei oralitura, matizando neste termo a singular inscrição do registro oral que, como littera, letra, grafa o sujeito no território narratório e enunciativo de uma nação, imprimindo, ainda, no neologismo, seu valor de litura, rasura da linguagem, alteração significante, constituinte da diferença e da alteridade dos sujeitos, da cultura e das suas representações simbólicas. (LEDA MARIA MARTINS, 1997, p. 21).

É que o lembrar e escrever é assim mesmo, a gente vai e volta, num tem, é como Bispo diz, tudo nosso que criamos é girando, rodando, até nosso cabelo é, por que o juízo também não seria? Bom, nesse primeiro encontro-reencontro no momento em que pisei naquele chão, ainda mais ali onde se passa o rio, foi impossível não sentir a energia emanada ali, estávamos parecia que dentro de uma enorme cratera,

isso no meio da caatinga, uns lajeiros enormes a perder de vista e toda uma vida pulsando em meio a vegetação típica dali. Pensei comigo que não foi à toa que tanto quilombos como as aldeias estão localizados naquela região.

Imagem 17 – Molho



Depois que se tira as tiras espinhosas da fibra da planta caroá, que é chamada mesmo de caroá, a próxima etapa é o molho, ali ficando por volta de três dias. Então se torce ela e a tira pra fora do rio para bater e depois estender no sol, para ali ficar secando por uns três dias também. Fonte: Mona Lima, (2019).

[...] o gesto e a voz da ancestralidade encorpam o acontecimento presentificado, prefigurando o devir, numa concepção genealógica curvilínea, articulada pela performance. Nesta, o movimento coreográfico ocupa o espaço em círculos desdobrados, figurando a noção ex-cêntrica do tempo. (LEDA MARIA MARTINS, 2002, p. 86).

A força da nascente que segura um povo não tinha melhor lugar pra resistir e ser que não ali, e Dona Didi é a prova disso. Quando ela imediatamente ao convite aceita que vai querer falar sim e até agradece, fala que quer resgatar ou lembrar sobre sua Mãe Dona Minervina, que vamos fazer essa pesquisa, ela mais do que eu inclusive. Sim, afinal é ela a personagem real principal dessa narrativa-vivida-sentida e que tentamos descrever, não sendo uma tarefa fácil, já que pra entender é preciso sentir e ver. Como Pai João diz, é silenciar e observar.

Ali no rio Porção as águas se fizeram presentes e se atravessaram no encontro, eu trazendo a de meu rio como as de filha de Dona Minervina, Vó Marta, Bisavó Rosa, mulheres rio, daquele rio, cheio de lajeiros. Penso que o fato de nosso reencontro ter sido no rio nos afirma que Mãe Oxum presencia, abençoa e permite que os olhos de Didi tragam suas imortais, e é esse exercício dos olhos que procuram pela memória e que encontram as lembranças no cotidiano da lida com trabalho, com o mato, com a performance e com a reza.

Chegamos ali, na beira do rio, e elas tinham acabado de tirar as tiras com espinho do coroaá, já estavam colocando de molho no rio, ali ficaria por pelo menos três dias, quarta etapa do preparo da fibra. Continuamos na beira do rio para conversar. Quando ela fala é como se estivesse desenhando, realmente não à toa a missão de ser guardiã foi lhe entregue. Uma memória lúcida, falando como se estivesse vendo tudo, ali do ladinho do rio, encantava com as palavras cantadas pra contar as histórias que lhe compõe. Estava avexada pra falar tudo, buscava não esquecer de nada, via-se a preocupação que ela tinha em falar, falar tudo, às vezes fazendo a performance do olhinho fechado ou voltando a falar de alguma planta ou mato selvagem que fez parte de sua alimentação, apressando para apontar onde eu poderia encontrá-lo.

Falou da trajetória caminhada por sua Mãe Dona Minervina, de onde veio, os trabalhos que ela realizava na casa de uma família branca, do Pai que carregou a Mãe pro quilombo quando deu fé dela e casou com ela, já chegando com um bucado de fi, lembrou e falou de cada irmão e irmã, até contando pra ver se não estava esquecendo de algum deles: Manelo, Nailde, Nanaia, Maria, Joaquim, José, Luzia, Amélia, Ivo, Joana, Francisco, João, ela, Juanita, Aginor e outro que faleceu. Quinze filhas nas costas, sua Mãe lutou, lutou muito, quando perdeu o marido, esse antes de morrer pediu que ela não desse nenhum filho, ela muitas das vezes levava os filhos pra comer na caatinga, cozinhar em várias águas o mato brabo, pra tirar a reimosidade. Ela por umas três vezes fez a contagem dos irmãos, pra ter certeza de que não esqueceu de nenhum.

A Mãe, quando dava cedinho, saía pelo mato pra cortar de machado, frecheira pra cozinhar. Ela afirma que Dona Minervina não tinha inveja de homi não, que de tudo ela trabalhava. Lutava e lutou muito, fazendo roça, plantando e caçando. Que um dos momentos mais difíceis enfrentados foi a seca de 1932 e que ali sua Mãe mostrou como era guerreira, pois nenhum filho morreu. Após esses tempos, os filhos homens saíram pro mundo, só ficaram as mulheres no território. Esse ponto me lembrou

bastante minha cidade, Barras, conhecida como uma das que mais envia mão de obra pros canaviais, construção civil, até mesmo pra situações de trabalho escravo. Em outro momento, a própria Didi vai falar mais sobre essas resistências de sua Mãe e de suas irmãs. Criou comendo tanta coisa véia. Depois quando Deus colocou os olhos neles, botou chuva no chão. Enquanto conversávamos a lida do coroá continuava, era ouvida e sentida ali, na beira do rio. Ivon e Genival estavam batendo o jucá na fibra que já tinha saído da água. E as netas, Angelia e Carla pisava nas fibras que estavam dentro da água de molho.

Imagem 18 – O jucá dá voltas



Primeira vez que ouvi falar de um jucá foi lá em Barras, minha casa tinha um, sempre guardado embaixo da cama, pra mode acontecer qualquer coisa a noite, era com ele que se defendia. Na casa de meus avós também tinha um Jucá. Mãe quando ia pra alguma briga levava o jucá dela, ouvia muito e via ele ali sempre guardado pra quando a precisão se fizesse presente. Mais tarde Nêgo Bispo lançou um filme falando com o Mestre dessa defesa, Seu Ernestino Damasceno do quilombo Volta do Campo grande, em que conta a história das defesas nos quilombos através do jucá, ferramenta importante que hoje em dia é difícil de encontrar, já que ele é bem durável e muito usado para fazer cerca. A vergança do pé é o que dá pra fazer o tal do Jucá, difícil de ser retirado na época que não tem vagem. Pau forte que pode é bater que não quebra, muito usado para defesa na noite e na luta. Já que Mestre Ernestino ensina a luta, que muito tem paricença com a capoeira de quilombo. Também apelidado de pau ferro, original pra fazer jucá. Que inclusive serve de remédio. Lá no Jatobazinho o Jucá é usado para bater nas fibras do coroá assim que ele sai do molho e é torcido. Que só pode ser retirado na lua clara. Temos no Jucá uma referência cultural guardada por gerações e respeitada é também guardada pelas paisagens belas dos quilombos do Piauí quilombola, como dito no filme dos mestres “O Jucá dá Voltas” representa uma luta ancestral ou “arma de defesa natural” através do “pau do jucá”. Fonte: Mona Lima (2019).

A surpresa para os colonialistas e a felicidade para nós é que, quando nós chegamos ao território dos indígenas, encontramos modos parecidos com os nossos. Encontramos relações com a natureza parecidas com as nossas. Houve uma grande confluência nos modos e nos pensamentos. E isso nos fortaleceu. E aí fizemos uma grande aliança cosmológica, mesmo falando línguas diferentes. Pelos nossos modos, a gente se entendeu. (SANTOS, 2020)

Saindo dali fomos à casa de Duarda, porque lá estavam rente na produção de uma rede. Chegando lá toda a família estava engajada no trançar da rede, a única pessoa que não estava era Luzia, pois era deficiente de um braço, mesmo assim estava lá perto. Mãe, filho e neta estavam trançando a rede. Isso imediatamente me levou lá pro que Nêgo Bispo tanto fala sobre o início, meio e início, geração mãe, filho e neta, e a importância da transmissão. E ali na nossa frente estava a biointeração confluenciando com a memória e a ancestralidade, onde temos a conexão entre a guarda da história de um povo na rede de coroa, que vem daquele meio, daquela natureza parente ali, e a transfluência através da performance trançar, essa dança que inscreve e guarda a história dos Negos da Minervina, cada rede feita é a certeza que a história tá sendo repassada, não só no âmbito físico como também espiritual, afinal é ritual de guarda da memÓria e do lembrar a trança firme.

Imagem 19 – Calambolas



Calambolas é como Dona Didi se refere a identidade que hoje faz parte do dia a dia de sua gente, daqueles e daquelas que antes eram apelidados de Negos das Minervinas, já que as comunidades rurais próximas os achavam mais negros do que eles, que não se acham negros, e sim morenos. Foi o que uma Senhora, moradora da comunidade vizinha, me falou quando viajávamos juntas pra Dom Inocencio em uma D20, que faz as viagens pra zona rural. Aqui é a casa de Dona Eduarda. Além da pesca, sua família faz a rede do coroá pra vender nas feiras da cidade, principal renda da família. A matriarca é a responsável pela atividade, já que perdeu a pouco tempo o seu esposo. Ela também, apesar do pouco estudo, é responsável por dar aula de reforço no ambiente da associação, essa casa ao lado, importante ambiente frequentado pelas crianças do quilombo. Foi lá onde passamos as sessões de filmes. Nessa lembrança em imagem, vemos o performar da memória, essa guardada na rede, no fazer em silêncio, no fazer ensinando, cantando e rezando. Fonte: Mona Lima (2019).

No fundo, no fundo, a força vem é de baixo, pois embaixo está toda a nossa ancestralidade. A gente vive nesse mundo, que a gente vê, que a gente toca, mas o mundo invisível é como que esse mundo imerso, que a gente não vê, que está embaixo da terra. Nosso mundo ancestral dos nossos antepassados e de toda a ancestralidade porque, o que são os n'kisis, o que são todos os elementos da natureza que chegaram antes da gente? Enfim, é a nossa ancestralidade. (MAKOTA VALDINA e o mundo invisível, 2020, apud FORUMDOC).

Dali as crianças (Amália, Débora e Nália) nos levam para um lugar próximo de onde estavam trabalhando na rede, onde tem um instrumento, tecnologia mesmo, utilizado para enrolar as fibras antes de trançar com as mãos. Esse instrumento, chamado de carretel, também é um brinquedo para as crianças. O brincar com carretel, que se briga também pra ver quem vai enrolando os fios e quem vai puxando as fibras

já enroladas. O instrumento fica assim rente a cerca.

Imagem 20 – Débora



A noite no Jatobazinho é iluminada por estrelas e uma enorme lua, que nesses dias que ficamos por lá estava enorme e colorida. Débora foi muito presente em todos os dias em que estivemos pelo Jatobazinho, chegava cedinho e só ia embora após as sessões do cine. Quando estávamos gravando pela comunidade, às vezes era ela quem nos guiava para encontrar o caminho de volta na noite escura, iluminada só com as estrelas. Sua Mãe Joana tinha cegueira total, e ela tinha baixa visão, infelizmente perdendo gradualmente a pouca visão. Nesse primeiro dia ela correu com Amália e Nália, para nos mostrar o carritel, que também é um instrumento de brincadeiras. Instrumento natural de resistência ancestral que sobrevive para fazer sobreviver seus filhos e filhas. Fonte: Mona Lima, 2019.

O modo de acesso ao conhecimento das estruturas que conformam historicamente nossos modos de ser no mundo é aquele da vida cultural ativa. Sem história e sem memória, o ser humano cai no esquecimento do seu peculiar poder- saber. A vida espiritual dos povos se define pelos seus modos de vida. A sabedoria humana tem sua gênese no modo de ser dos povos e nações ao longo de suas histórias reais. O conhecimento humano só se desenvolve pela acumulação de potência provinda da combustão do que é vivo e vital na memória do tempo presente. (GALEFFI, 2003, p. 121 apud VANDA MACHADO, 2003, p. 29-30).

Vê só, donde somos não somos cercado de muros, temos a cerca, de ripa, pau, bambu, de palha, de jucá, que consiga ficar juntinho um do outro, e que a qualidade aguente por um tempo, que seja quase do mesmo tamanho, não importando se é torto, o que importa mesmo é saber levantar uma cerca. Quando estive no jatobazim, Carlos

tinha recém levantado uma e me levou pra mostrar orgulhoso, ele sendo um jovem de 23 anos levanta uma boa cerca e que fica perfeita.

Lembrei das diversas cercas que tem pelo meu bairro em Barras, a de minha casa hoje é de arame. Um terreiro com cerca é muito protegido pelos vizinhos, que cuidam da casa do outro quando está ausente. Também é ponto de encontro pras prosas da tardinha. Não só no Jatobazinho, as casas são arrudiada de cercas, é assim também nos diversos quilombos, são modos e seus significados preservados, sendo, portanto, uma herança afropindorâmica, que se encontra nas comunidades rurais, nas ribeirinhas, pelos interiores ali do cerrado, do semiárido. O Muro, muros altos de tijolos você vê muito em cidades grandes, vi bastante na capital do Piauí, em Teresina, e no Rio de Janeiro, e o que falar dos muros das Universidades que frequento. Bora fazer uma prosa aqui sobre a cerca e o muro como, o que define e o que é definido e pra quem é definido a partir de ambos. Podemos fazer uma conversa sobre fronteira a partir dos dois, sendo uma orgânica e a outra fronteira sintética.

A cerca vista como ultrapassada e insegura e o muro como impotente, o melhor e mais seguro. Partimos da visão, da cosmovisão dessa cerca orgânica que não põe limite, que na verdade protege e é segura, cuidada pelos olhos dos vizinhos, lugar também de muitas trocas, escambos, sendo sim confluyente com toda diversidade e diferenças que por ali transitam, indistintamente podendo ser vista, tocada e até mesmo em seu feitio a ajuda pra levantar é bem vinda, de homem, mulher ou menino, já o muro, podemos vê-lo como sintético, àquele que tem dois lados, que divide, sem ter como os dois lados confluem, trocaram nem uma idéia e nem um fruto que tem dentro ali do cercado, impede os encontros de olhares, de visões.

Diante da encruzilhada entre as fronteiras, busco aqui trazer a conceituação trabalhada por Nêgo Bispo, que traz a lógica orgânica dos territórios que propõe confluências como caminho de diálogo. Porque o orgânico conversa na/com fronteira (a exemplo dos diálogos feitos ali na cerca, no cercado entre vizinhos), por isso que estamos discutindo entre fronteiras, pra nós mesmo que exista fronteira, não existe limites, e a fronteira/cerca é lugar de encontro, de diálogo e fronteira é onde se movimenta, se vê, ouve, fala e sente, é portanto comunicação, é confluência, é vivência.

Imagem 21 – Cunversa de cerca



Fonte: Joana D'arc, 2020.

Pro sintético existe limite, por isso que as fronteiras entre esses saberes, o orgânico e o sintético, e não entre o sintético e o orgânico. A fronteira sintética é vista e não cosmovista, como lugar de conflito e não de diálogo, é aí que mora o desafio. Do sintético perceber que existe uma fronteira como direito orgânico, dialogar, desenvolver confluência e escolher caminhos (SANTOS, 2016, p.74). Desse modo, quando trazemos a confluência convidamos pro diálogo entre as fronteiras, como um conversar pela cerca, essa que alerta a direção pela qual estamos partindo, pois sendo da lógica sintética, as possibilidades de encontro-reencontro seriam limitadas, sem conexão e trocas.

Fazemos uma caminhada na pesquisa caminhando junta e não olhando o caminhar da sujeita que aceita fazer o caminho da memória, da lembrança. Não se tratando somente de vê-la colher um feijão, mas sim ajudar na colheita do feijão de sua roça. Não é, portanto, para cumprir uma demanda acadêmica, é também cumprir uma necessidade importante daquele território e da sujeita que faz a pesquisa junta, que coloca a importância do resgate da memória, das lembranças que performam para não esquecer das histórias dali, de sua gente, seja na lida do coroá, na lida com a

comunidade, com sua cabra, sua roça, suas rezas, os passeios pela caatinga onde guarda os matos que lhe alimentaram. Para além de não querer esquecer, acha importante guardar pra não perder, surgindo então a contrapartida do filme sobre Dona Minervina e os Negos da Minervina. Sendo ela a única filha viva e a mais velha do quilombo, é a Griô que faz a guarda dessa memória, e não correremos o risco de perder essa biblioteca, como nos lembra Hampâté Bâ “cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”.

E a oralidade é vínculo, é guarda de história, de memORÍa, de segredos, de rezo, de feitiço e de milagres, e engrossamos seu coro de que essa oralidade é fonte legítima de conhecimento histórico.

Imagem 22 – Cerca



Um caminho de sensações e olhares. Caminhando pesquisANDO com as crianças, como Kaiki aí da foto, convidamos você a vir habitar fronteiras entre conhecimentos, orgânico e sintético, como colocação fundamental de sustentação dessa direção contracolonizadora, no fazer pesquisa compartilhada com as/es/os sujeitos. Ver, ouvir, sentir, tocar essa zona fronteira e ser parte daquela encruzilhada de conhecimentos, como sou, como somos, como você também, se quiser ser é ato político em defesa dessas cosmidades. Fonte: Mona Lima (2020).

Vou mostrando como sou
E vou sendo como posso
Jogando meu corpo no mundo
Andando por todos os cantos

E pela lei natural dos encontros
Eu deixo e recebo um tanto
E passo aos olhos nus
Ou vestidos de lunetas
Passado, presente
Participo sendo o mistério do planeta
(Novos Baianos - Mistério dos Planetas)

A caminhada na pesquisa vivida-sentida-narrada-descrita traz a problematização empírica sobre a invisibilização dos saberes (orgânicos) quilombolas (afropindorâmicos), dentro dos muros (saberes sintéticos) da colonialidade. A narrativa que trazemos busca demonstrar como se dá a biointeração na resistência quilombola/afropindorâmica de quem está na instituição escolar e na territorialidade quilombola. Ali nasceu a vontade também de pensar um retorno pra comunidade, pensamos então em um filme dessas memórias, dessas prosas, desse resgate que a guardiã da história memória, Dona Didi performa no ato de tecer a rede do caroá.

3 MEMORÍA E ANCESTRALIDADE NAS BIOINTERAÇÕES

Imagem 23 – Biointeração



Conceição Evaristo, em seu poema “Vozes-Mulheres”, fala do ontem - hoje – agora. Antonio Bispo dos Santos fala do início - meio - início. Falam de temporalidades resilientes, de fazenças corporificadas em performances de existir e coexistir, de ecos de liberdades, de ser lavrador de palavras, de ser junção do silêncio e vozes ecoadas. Vemos biointeração em ser sendo e resgatando memórias ancestrais, seja de tecnologias visíveis ou invisíveis, silenciosas, cantadas ou encantadas. Fonte: Mona Lima, (2020).

Afroconfluenciando
 Quando nós falamos tagarelando!
 E escrevemos mal ortografado...
 Quando cantamos desafinando!
 E dançamos descompassado...
 Quando pintamos borrando!
 E desenhamos enviesado...
 Não é porque estamos errando!
 É porque não fomos colonizados!

Uma parte do meu ser,
 que é a água...
 Resfriando uma outra parte, que é fogo...
 Por essa outra parte que é fogo...
 Por essa outra parte, que é o ar, evaporou...
 E transfluindo, pelo espaço cosmológico...
 Nessa outra parte, que é a terra, Incorporou!
 E confluindo com outras vidas,
 em outros corpos...
 Reexistindo e existindo
 aqui estou!
 (Mestre Nego Bispo, 2021, p. 39)

“O olho do sol batia sobre as roupas estendidas no varal e mamãe sorria feliz.

Gotículas de água aspergindo minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupas. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia... (EVARISTO, 2017b).

Imagem 24 – Bater roupa



Nesse dia caminhávamos pelo quilombo atrás das conversas nas roças, indo conversar com as mais velhas e ir tomar café nas casas que prometemos ir visitar. Passamos por Dona Maria da Conceição e Carla, logo pedimos permissão para tirar uma foto daquele momento biointerativo. Essa foto traz ancestralidade em sua existência, esse momento tão passado e ao mesmo tempo presente nos povos que moram rente aos rios, as águas que guardam que lavam a alma dos que a respeitam entende sua importância. Ancestralidade e Bionteração conversam e misturam-se para viver, nas convivências do cotidiano. Nessa imagem do cotidiano vemos uma poesia, relembramos também paisagens transmitidas por Conceição Evaristo. Fonte: Mona Lima (2020).

Mãe lavadeira, tia lavadeira e ainda eficientes em todos os ramos dos serviços, aprendi a arte de cuidar do corpo do outro. Aos oito anos surgiu meu primeiro emprego doméstico e ao longo do tempo, outros foram acontecendo. Minha passagem pelas casas das patroas foi alternada por outras atividades, como levar crianças vizinhas para escola, já que eu levava os meus irmãos. O mesmo acontecia com os deveres de casa. Ao assistir os meninos de minha casa, eu estendia essa assistência às crianças da favela, o que me rendia também uns trocadinhos. Além disso, participava com minha mãe e tia, da lavagem, do apanhar e do entregar trouxas de roupas nas casas das patroas. Troquei também horas de tarefas domésticas nas casas de professores, por aulas particulares, por maior atenção na escola e principalmente pela possibilidade de ganhar livros, sempre didáticos, para mim, para minhas irmãs e irmãos. (EVARISTO, 2009).

Assim como Conceição Evaristo e como minha amiga Carla, que é filha de Dona Conceição e neta de Dona Didi, cresci rente ao rio, e o lavar roupas no rio era um cotidiano que fazia parte de meu viver. Minha Mãe trabalhava nos festejos de minha cidade e das cidades vizinhas, como barraqueira, vendendo sorvete, sempre a acompanhava, era o meio de sustento de nossa família, e por onde construímos nossa casa própria, ali no Riachinho, e meu quintal é o rio, Rio Marathaoan. E o nosso ritual era sempre o mesmo, a primeira coisa que fazíamos quando chegávamos era ir para o rio lavar roupa.

Imagem 25 – Roupas



Tivemos o prazer de ouvir Joana cantar, ela diz que é algo que ama muito fazer. Ela e a prima Maria da Conceição tem cegueira. Acompanhamos uma manhã na casa dela, sentem-se felizes por dar conta de todas as tarefas de casa. Joana nos diz que ela fica muito satisfeita por poder cuidar do feijão depois de colhido e que é ela também quem faz o pulso da rede do coroá. Nos diz que uma das coisas que mais gosta é ouvir rádio e cantar. Nessa prosa a acompanhamos em sua rotina e no fim fomos presenteadas com um café. Nos falou das andanças que ela, mesmo com cegueira, fez em prol das conquistas do quilombo, que foi à reuniões na capital, Teresina para lutar pelas cisternas que hoje tem em sua casa e nas outras casas da comunidade. Fala-nos da importância da liderança quilombola Nego Bispo e Rosalina que foram lá falar sobre quilombo e sobre a luta. Fonte: Mona Lima (2020).

O rio sempre esteve presente em nossas vidas, estando antes com minha Avó Odília, que lavava roupa para as famílias do centro, esteve também com minha Bisavó Jovelina Fulô Cibanca, pescadora, Mãe de meu Avô Antônio Cibanca, também pescador, função hoje ocupada pelo meu Tio Francisco, que diferente de seu Pai, que fazia escambo de peixe por farinha, hoje é sua principal fonte de renda. Depois, é as águas de rios mulheres e homens também.

Dia desses, falando com meu Tio Francisco, antes de meu avô desencarnar, ele me falava como foi o conversar com a água dias antes de seu Pai, meu Avô, ter um AVC. Ele me narrou numa ligação como foi o momento no qual ele entendeu que precisava parar a vigília dos enganchos e ir embora pra casa, pois algo estava acontecendo. Me disse que a água é mãe, que naquela noite aconteceu algo estranho, ele que sempre passava a noite olhando os enganchos uma, duas a três vezes pra ver se estava entrando peixe, se pegou ouvindo o silêncio ali dentro da água, disse que ficou pensando pensando, que estava uma noite silenciosa, e que então começou a ver a imagem do vô e da vó na água, numa noite onde só as estrelas iluminava, ele ali estava na cidade de Piracuruca, onde vai pescar, quando a Piracema do Rio Marathaoan chega. Meu tio é um bom pescador, nunca volta sem peixe.

Ele, então, percebeu que já era de madrugada e que não tinha ido ver os enganchos, falou que sempre que viaja ele pensa em quem fica em casa, nos pais e na filha, já que sua mulher Raimundinha também vai pescar com ele. Ali, paralisado na noite em meio aos pensamentos, no silêncio veio uma voz e vontade de ir embora. Saiu de dentro d'água e foi chamar a companheira pra ir embora, pois sentia que algo estava acontecendo porque a noite estava muito quieta. Meu Tio Francisco, o chamamos de mandioca e ele me chama de macaxeirinha preta. Sobre a água, falou assim, que não saberia se eu entenderia, ele entendia que a água, que a noite, que o tempo conversa com quem quer conversar com eles, quando ele viu que os peixes depois daquela hora toda não tinha entrado nos enganchos, ali ele teve a certeza que tinha que ir embora, que a água dá quando é pra dá, é como Mãe. Tanto era pra ele ir embora que, no meio da estrada, andando devagar, ele se deparou do nada com dois jumentos e os dois ficaram pendurados no carro dele, um na frente e outro atrás, importante dizer que os mesmos estão bem.

Recentemente um Mestre da oralidade Allan Rosa defendeu sua tese “águas de homens pretos: imaginário, cisma e cotidiano ancestral (São Paulo, séculos 19 ao 21)”, assisti a mesma completamente imersa dentro da água, afinal ele trouxe que o

sonho da linguagem é ser água e ali lançou encanto da água, essa que não é dual, que é dos seres, que é casa de todes. Fiquei mesmo imaginando o performar nas águas dos homens ribeirinhos, dessa sincronicidade que tem com a água, da biointeração dialogada ali entre os viventes, os que respiram dentro e fora da água, àqueles, e aqui falo dos homens, que se permitem encantar dentro d'água.

Imagem 26 – Rádía



Joana ouve sempre o rádio, pra saber das notícias e principalmente por causa das músicas, ama cantar. A rádía sempre foi muito presente em minha infância e em minha cidade, por ser do interior, era o meio mais rápido pra se comunicar, mandar notícias e receber recados, entre a pequena zona urbana de Barras e seus interiores. Fonte: Joana D'arc (2020).

Várias são as histórias ali do Piauí, uma delas que rememorarei aqui é a do cabeça de cuia, de um lado sendo um mito da região do Piauí, ao longo da bacia do Rio Parnaíba, sendo várias em uma só. A mais difundida é de que o menino Crispim, não gostando da sopa rala que sua mãe fez, lhe atira o osso de boi que a acerta na cabeça, matando-a. Ela, antes de morrer, lhe lança uma maldiçã. O menino tem sua cabeça aumentada num formato de cuia e, a partir de então, ele ficaria vagando seis meses pelo Rio Poty e seis pelo Rio Parnaíba, onde teria que devorar sete virgens Maria. Assim a história narra como verdade essa versão, e nós a reescrevemos, pois para nós, povos que creem na ancestralidade, na encantaria, vemos nesse menino

Crispim que anda pelas águas um encantado, que pode buscar as Maria, porque sua Mãe era uma e não busca senão o perdão dela.

A história desse ser encantado que foi narrada de forma demonizada foi feita pelos colonizadores que povoaram a região. Ainda temos na versão pindorâmica Piaga que o cabeça de cuia seria um guardião das águas, que é amigo de todes que respeitam os rios, e que pode se tornar agressivo aos que profanam as águas. Trouxe aqui essa história que ouvi desde pequena, sendo eu uma Maria, filha de Maria e ribeirinha, nossos mais velhos nos diziam para ir embora do rio antes da boca da noite (quando vai chegando a hora em que os anjos dizem amém e que todo cuidado com a palavra é pouco) que ficar naquele horário no rio faz mal.

Imagem 27 – Águas de raízes



Milena foi nos mostrar como ela ainda conseguia ficar de cabeça pra baixo e Amália, com medo da água, atravessou mesmo assim, porque era parte daquilo tudo que estava acontecendo ali. Fonte: Mona Lima (2020).

Tenho dito, essa pesquisa vivida sentida descrita narrada e inscrita nessas temporalidades espiralares, me fez fazer um giro, ou melhor, nos levou a espiral, e nas voltas os encontros-reencontros feitos, performaram passadas trazidos ao presente. O caminho da volta pro campo me fez antes querer voltar à minha cidade.

Nisso, fui pra casa de vô Antônio e Vô Odilia, gravamos várias prosas e ali me vi fazendo perguntas que antes nunca havia feito e me ouvi ouvindo as histórias que já me foram contadas quando pequenas. Ali carregava a lembrança, ativada com Vovó contando a história de como ela foi parar ali, na pequena zona urbana de Barras. Entre tantas conversas emocionadas entre Vó e Neta que busca a história com uma sede grande de ouvir, se fez um reencontro ancestral que jamais imaginei, quando Vó me fala que ela, sua Mãe, sua Vó trabalharam muito fazendo rede de algodão, que só se lembra que quando sua gente chegou no interior levaram consigo um tear e que nele elas faziam rede tanto pra dormir como pra trocar por comida. No momento em que ela fala isso, peço pra ela repetir, depois de alguns minutos paralisada em algum tempo procurando o tempo pra voltar, entende?

Quando retorno a mim, pergunto novamente “Vó, como que é essa história? A Senhora faz rede algodão e suas mais velhas também? Sério?” Rio, incrédula naquela informação, e ali tenho certeza, uma vez mais que nada realmente é por acaso. Logo eu, que hoje estou neste corpo-trânsito da academia para o quilombo, onde encontrei, fui encontrada pela rede de coroá.

Chegamos, eu e Joana D’arc, em São Raimundo Nonato, já preparadas pras águas de março, temporadas de muitas chuvas nas terras Piauienses. Nesse momento a reza para São José se faz presente na terra molhada, nos rios, lagos, barragem e porções cheios. Antes, é importante falar que essa pesquisa compartilhada fez um caminho junto a coletividades, desde os empréstimos de câmeras, datashow, pé de câmara, até presenças como a de Joana, que topou pegar a estrada pra somar com o filme. Nada se faz sozinho, pois todos sonhamos juntos.

Depois de enfrentarmos caatinga adentro com uma forte chuva, cheia de correnteza, e muita muita muita água, e tentativas de passar por dois dos três rios que davam passagem pra chegar no Jatobazinho, conseguimos atravessar com muita peleja no terceiro, mesmo com a forte correnteza. No caminho, nos esperava uma árvore caída. Apesar disso, após as provações, a passagem foi dada, já que nós pedimos a licença.

Imagem 28 – Águas de março



Assim que nos entrosamos com o povo que ia conosco na carroceria, Dona Maria, moradora da zona rural de Dom Inocêncio, me pergunta pr'onde estamos indo e se trabalhamos com TV, já que estávamos com câmera. Quando digo que estamos indo pro Quilombo São João do Jatobazinho, ela logo nos responde "Ah, vocês estão indo lá pr'aquele povo negro". Nesse momento, um gatilho é acionado, lembrança do que Dona Didi me disse em nosso primeiro reencontro. De que eles eram chamados de Negos das Minervinas pelas comunidades vizinhas, Minervina remetendo à sua Mãe e Nêgos sua inscrição ali ao olhar dos outros, que são inclusive esses outros também de pele cor da noite. Essa ida se fez encontros em várias encruzadas de águas que se formam na época de chuvas, conseguimos atravessar ou sermos atravessados pelas correntezas de um desses rios, dessas águas que voltam a correr em março. Fonte: Mona Lima (2020).

Como próspero, o colonizador europeu sabia da importância da cultura e temia a ameaça que provém de homens conscientes da própria história e plenos de confiança no valor das próprias tradições. Do contrário, por que teria mobilizado tudo - potência militar, fé religiosa, força intelectual - para negar aos africanos seus próprios deuses, sua cultura, o significado de sua civilização? (James Ngugi Thiong'o, L'Africa che progredisce ha bisogno del suo passato apud PATRICIA VILLEN, 2013, p.80).

Ser é tão veredas. E várias são as veredas que atravessam nossa corporalidade, exemplo das convivências raciais em territórios pretos, onde a identidade é uma moeda cara a ser assimilada, aceita, não um aceite sem aprofundamento, no sentido histórico de ser daquela corpa e todas suas veredas. O porquê de eu estar tocando nesse ponto da raça é o fato de que estamos em territórios cheios de identidades, histórias apagadas e ou invisibilizadas. Temos povos negros

afrodescendentes e descendentes de pindorâmicos, narrativas escutadas e assimiladas em prosas com as e os mais velhos do jatobazinho.

Quando chegam lideranças de outros quilombos no Jatobazinho, para trazer junto com EMATER e Fundação Palmares a boa nova que ali é terra quilombola, para os que ali estão é visível pelas falas que a vida melhorou. Como quando é dito por Dona Didi mesmo: “quando nos colocaram no calambolas miorou demais”, soma-se ao que diz Genival, sobrinho dela, que reivindica o respeito à nossa raça, a raça dos negos. O ponto colocado aqui é o da importância da identidade, que é algo super caro para os povos, ela precisa ser trabalhada dentro e causa um espanto quando vem de fora, entendendo o todo com isso, é o ponto que Bispo levanta, sobre quem nomeia e quem é nomeado. Isso tudo após o reconhecimento do Estado brasileiro sobre os Estados Quilombistas (os Quilombos) serem sujeitos de direitos, após lutas dos movimentos negros, da Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (CONAQ) e demais organizações. A identidade é a chave que liberta, sem dúvida.

Imagem 29 – Sankofa



Retornando ao território Minervinas, com emoção e respeito. Logo vemos as mudanças proporcionadas pelas chuvas. O verde se faz presente, quanto o sertão vira mar. Fonte: Mona Lima (2020).

Voltemos para chegada no território. Fomos antes abrigadas na Escola Municipal Manoel Auto de Sousa na Lagoa dos Currais, frequentada pelos jovens e crianças do Jatobazinho. Ali já saímos com uma troca boa pra fazer, parceria essa com Nonata, esposa de Genivaldo, combinado dois dias em que ficaríamos com as turmas da escola para filmes, fazer debates e oficinas de comunicação.

No outro dia fomos pro Jatobazinho, todes estavam nos aguardando, curioses sobre o que duas meninas iam gravar ali e porque iriam ficar alguns dias pela comunidade. Mal chegamos, fomos recebidas com um café tão cheiroso, tão saboroso, que só de lembrar o gosto vem à boca. Afinal, é assim quando a lembrança é ligada ao Orí, é gatilho que ativa, ativado pela memOría. A conversa estava animada, porque os meninos estavam ali conversando pra marcar o dia de um jogo com jovens de outra comunidade, a conversa era sobre a blusa que estavam esperando chegar.

Logo reservei uma para mim e na idéia de agilizar sobre o jogo e, principalmente, sobre as camisetas, propus que fizéssemos um grupo no *WhatsApp*, já que ali tinha como forma de comunicação dois pontos de wifi, que apesar de muito caras, não são nadas boas. Logo foi criado o grupo e até hoje ele é presente em nosso dia a dia, com trocas de mensagens entre os que estão no quilombo e aqueles que estão no mundo, entre os que são de comunidades vizinhas, e aqueles e aquelas que são amigos de aparecer e somar na luta, para troca de músicas, de notícias e também de novidades.

Imagem 30 – OI NÓIS



Atrás da blusa está escrito “deixa não prestar”. Camisa feita para o time e todes da comunidade do Jatobazinho. Chegamos bem no dia de distribuição delas. O jogo seria dali há alguns dias e todos já contavam que iríamos com certeza gravar. Não só gravamos, como exibimos depois, muitos risos tirados com o comentarador que ficou atrás da câmera, que achava que o áudio não estava sendo captado. Fonte: Mona Lima, 2020.

Chegamos já sendo chegadas, pois as paricências de cotidianos e as memórias que partilhamos são de territórios irmãos, cosmunidades e suas paricências nos abrem espaço como se fossem portal e são. O momento de maior emoção naquele primeiro dia que chegamos foi saber que prepararam uma casa para que pudéssemos ficar. A casa se tratava de um cômodo puxadinho, ao lado da casa de Luzia, filha de Duarda e o falecido Policarpo, que era o Presidente da Associação na época em que teve a luta pelo reconhecimento enquanto território quilombola. Cômodo esse reserva ora para o padre que vinha rezar alguma missa ou algum pastor.

Soubemos antes de chegar que havia a história de um curandeiro de fora, motivo real da construção desse cômodo, diálogo coloca semanas depois, já que a sensação captada era de preocupação com a presença do sujeito ali, e a própria comunidade negava tocar no assunto. Logo algo me acionou uma estranheza, senti falta das mulheres jovens da comunidade, em minha primeira visita bem mais

presentes. Depois fui informada pelos jovens homens, que elas estariam ou trabalhando na cidade ou viajando a São Paulo.

Imagem 31 – Time



Oi nois ganhou de 5 a 3 no dia. Tem time masculino e time feminino também na comunidade. Os campeonatos ou jogos amistosos são feitos entre comunidades. O campo no dia mesmo é limpo pelos jogadores. Fonte: Mona Lima, 2020

Uma das idéias que tínhamos ao ir pro Jatobazinho fazer esse filme, era não chegar com roteiro pronto, mas construir junto com os jovens e crianças de lá, sendo o foco conversar com os e as mais velhas de lá. Outro ponto que achamos como forma de diálogo e de troca foram as sessões (audiovisual) de cine quilombo na Associação do Quilombo São João do Jatobazinho.

Buscamos passar principalmente filmes de outras comunidades quilombolas, em especial da região do cerrado, da caatinga, e em muitas vimos o retorno, principalmente dos mais velhos e mais velhas, que tinham lembranças de trabalhos similares praticados no território e até mesmo as viagens pro mundo. Após as sessões fazíamos uma roda de conversa para falar sobre os filmes, curtas, longas e documentários passados, principalmente tivemos a participação dos e das mais velhas. Em algumas dessas trocas as águas se fizeram presentes, e ali vimos que a escolha foi acertada, pois ao ver quilombos da Bahia e do próprio Piauí na tela, se

viram ali também. As paricências de territorialidade e de falas, histórias de resistências e resiliências faziam os/as que estavam ali presentes acessar e serem acessados via a temporalidade espiralar das memÓrias. A ativação se deu pelo cérebro-corção. As histórias passadas nas telas não só os/as faziam lembrar de si mesmos/as, faziam acessar as memórias de um povo que sabia que ali também estavam os seus.

Imagem 32 – Cine Quilombo



Se ver na tela ao assistir qualquer coisa faz uma diferença enorme. É o que pode ser chamado de representatividade, mas aqui diremos identidade quilombola. Porque é a guarda desse segredo de guardar os mundos, proteger esses mundos, mundos esses nas/das cosmuniades. Se os pindorâmicos seguram o céu, como diz Krenak, o que então os quilombos não seguram... Essa é equipa de mobilização da chamada do povo para as sessões do cine quilombo. Fonte: Mona Lima (2020).

Antes de nossa primeira sessão foi feita uma conversa com a comunidade. Eu e Joana D'arc nos apresentamos, falamos quem éramos, de onde vínhamos e qual nosso intuito e intuição de estar ali. Falei de onde era, de como cheguei ali, do Bispo, do mestrado, da ideia do filme, da confluência que queríamos propor com as sessões de cine. Abrimos para perguntas. Falamos também sobre o termo de uso de som (entrevistas, diálogos e conversas) e imagem, inclusive para as crianças, levamos os documentos impressos. Por último, Genival, Presidente da Associação, fez uma fala dizendo que já haviam conversado sobre nossa vinda, que éramos bem vindas e todes que se fossem para somar eram bem vindes.

O sucesso se fez presente nas sessões quando exibimos dois filmes, de alegrar do pequeno ao adulto: foi a animação Kiriku e a feiticeira e o filme de Nego Bispo e Mestre Ernestino, "O Juca dá voltas". Praticamente todos os dias as crianças e os jovens pediam que colocássemos Kiriku, os risos eram certos. E n'outro dia as crianças brincavam de ser os personagens.

Imagem 33 – Kiriku



Depois da primeira exibição, todos os dias queriam Kiriku. Porém passamos um curta voltado para pessoas com baixa visão, uma vez que estávamos em um território que tinha uma porcentagem significativa de moradores com baixa visão e cegueira. Fonte: Mona Lima (2020).

Imagem 34 – Quilombos



Os curtas, longas, filmes e Documentários que tratavam sobre a resistência quilombola foram visivelmente marcantes para as mais velhas que ali estavam. Viam-se as memórias em seus olhos e as águas corriam pela pele. Fonte: Mona Lima (2020).

Sobre as sessões, quando vimos que apesar da mobilização algumas pessoas não estavam mais indo, entendemos que precisávamos mudar de lugar. Então começamos a exibir em frente a casa de Genival, na parede de sua casa. E ali mais umas vezes vimos lotar as sessões, que arrancavam risadas, emoção e transmitiam as emoções sentidas. O datashow qual estávamos fazendo as exhibições era da instituição Cáritas Piauí, uma instituição pastoral católica.

Fizemos uma conversa com dois jovens, Reginaldo e Henrique, que tinham participado de oficinas de comunicação do Projeto Viva Semiárido para que propusessem idéias sobre as gravações para o filme. Porém, foram realmente as crianças e os adolescentes que tomaram o filme para si, acompanhando tudo, desde as oficinas até todas entrevistas, inclusive entrevistando seus avós.

Imagem 35 – Cabras



Imagem 35: Cabras. Uma parte da equipe de gravação pro filme. Todo dia caminhávamos pela comunidade e sempre as cabritas nos seguiam, isso é biointeração. Amália, Marcelo, Kaike, Joana e Mona. Fonte: Mona Lima (2020).

Imagem 36 – Rosalda



Chegamos e ela tava dibuiando o feijão. Ficou feliz por termos ido lá conversar com ela, disse que fica sempre em casa, só sai dali pra ir pra casa da Mãe, fala da dificuldade de viver com a cegueira e ser mãe de duas crianças que enxergam — e que bom, porque a mais velha, Tamara, de 6 anos, a ajuda muito. Diz orgulhosa que quem faz tudo em casa sozinha é ela. Outra parte da equipe. Fonte: Joana D'arc (2020).

Vimos a necessidade de fazer oficinas de comunicação, mesmo que a comunidade não tivesse uma boa rede wifi. A internet mal sobe e baixa áudio, dependendo muito do horário, fora isso não existe rede telefônica. O propósito do filme a partir da partilha tinham interessados em ver acontecer, porque queriam estar na tela. Joana é formada em comunicação social, habilitação em jornalismo, além de ser uma baita realizadora audiovisual. Quando pensamos na proposta do filme, logo ela me veio à mente, por saber que ela teria um olhar que, assim como o meu, tem seu nascimento no interior, em seu caso de Caxias, Maranhão. As oficinas animaram muito, todes queriam pegar na câmera, pegar o gravador, fazer perguntas.

Imagem 37 – OficinaAção



Nas oficinas houve muita participação e interesse, logo ouvíamos que alguns queriam trabalhar na TV. O olhar atento não deixava nada escapar. As crianças sem dúvida foram as que mais curtiram esses momentos. Fonte: Mona Lima, 2020.

Para além das trocas nas melhores prosas, conversas, o tomar cafezinho se tornou ritual, na verdade não se tornou, é. Só não mais que a umbuzada. Entendi que o umbu, por mais que não esteja no quintal, tem um dono que o plantou, o cuidou e o zelou. Certa vez comi uns umbus na casa de alguém da comunidade e depois, ao ir

visitar um mais velho que me ofertou uns umbus, notei que se tratava do mesmo umbu que havia comido há pouco tempo e carregava alguns comigo para o caso de sentirmos fome. Quando me ofereceram umbu, eu disse que já havia comido e ainda tinha alguns, mostrei e ao mostrar, o mais velho disse já saber quem estava tirando os umbus ainda verde do pé, não respeitando o tempo. Não dizia isso para mim, e sim para quem foi tirar. Respeitar o tempo, aqui ecoou.

Imagem 38 – Umbuzada



Falam sempre que os piauienses falam cantando, e num é que é mesmo? Falamos cantando por que nossa resistência é dançada. E sobre o umbu, fruta que tive acesso no Jatobazinho — já que na região que nasci não tem esse pé — me lembrei das épocas em que, pequena, me juntava com outras crianças pra roubar manga verde pra comer com sal. De novo e em todas as prosas, entrava na espiral do tempo e acessava as lembranças. Fonte: Mona Lima (2020).

Allan Rosa falou da linguagem sonhar em ser água. Eu acho que a linguagem sonha em ser um ser encantado, por isso essa tentativa de transmutar-se os que a leem e que conseguem acessar os sentidos, poder atravessar o portal e se encantar. Das muitas andanças e conversas que fizemos, gostaríamos que se inscrevessem aqui, como a de Dona Irene e Seu Raimundo, netos de Vó Marta, que tiveram três

filhos com cegueira total e que tem netos com baixa visão. Narrativas que serão narradas em primeira pessoa no filme que estamos editando, pois o espaço dessa dissertação é pouco pra história de um povo.

Imagem 39 – Chão de Preto



No barracão, o primeiro aprendizado que temos é o respeito pelo chão, esse considerado sagrado, andamos descalços e batemos cabeça no mesmo para pedir a bença ao Orixá. O chão do quilombo é sagrado, por isso refiro como comunidade, uma unidade não só pela terra, não é só essa a questão, é pelo território existencial, essa que respeita todas a existência daquele chão, protegendo e sendo protegida. Comunidade porque também falamos de encanto, de magia, de feitiço que reza o viver e o sobreviver, seja pra chuva vir, seja para espantar a cobra cascavel. Se vive na terra e a respeita, se planta, se colhe, dá o tempo pra se recuperar e repassa assim o cuidado. Aqui rememoremos a Mestra das palavras Neusa Gusmão que escreve sobre essas Terras de Preto. Fonte: Mona Lima (2020).

a heterogeneidade e diversidade constante do social, informa e constrói a identidade particular que resulta da compreensão de mundo e também, das relações vividas no cotidiano. No cotidiano a família e a sociedade articulam-se através de uma história, uma tradição e uma memória particular. (NEUSA MARIA MENDES DE GUSMÃO, 1994, p. 82)

Histórias de comunidades negras, ou “Terras de Preto”, como nos lembra Neusa Gusmão. E ainda acrescento que vejo Terras Pretas Mulheres quilombolas, pois são territórios de existências, re-existências e resiliências negras femininas. Elas não são senão guardiãs da resistência, constroem e reconstroem tecidos da memória de um povo, dessa terra preta, dessa terra de pretos.

Mulheres de territórios negras que tecem redes de coroá e tecem histórias ao performar a guarda das memórias de seu povo, descendentes da Minervina, no costurar o coroá. Diz Dona Irene que na lida do coroá “se canta, se dança, reza, fofoca, faz de um tudo, até o silêncio para ouvir o tempo se faz presente.” Ela também diz que a rede não se faz sozinha, e que hoje sente muitas saudades daquele ritual. Tenho pra mim que o costurar rede é como escrever, ou melhor inscrever a história do povo do jatobazinho ali, performando a costura do passado no presente, para re-existir para num devir.

Aqui lembrando do que Neusa Maria Mendes de Gusmão traz em sua obra sobre o Quilombo Campinho da Independência, quando a pesquisadora vivenciou com os sujeitos as particularidades que as comunidades tradicionais vivenciam até hoje, movimento da luta pela terra, da construção no dia a dia de sua identidade e na proteção da memória, esse componente importante e que dialoga com o que nos propomos a trazer e evidenciarmos, que é esse cuidado que Dona Didi, única filha viva. Dona Didi enfatiza o cuidado de não deixar morrer a memória de suas ancestrais, e a comunidade por si só carrega um signo muito forte com um significado potente, esse reconhecimento, mesmo que seja de forma pejorativa, que é essa nomeação de “Nêgos da Minervina”, mas que passou a ser ressignificado. Temos ali a relação forte de parentesco, por conta dos diversos casamentos feito entre eles. Muitos pontos dessa pesquisa gingham com a escrevivência de Neusa Maria Mendes de Gusmão.

O ponto da territorialidade da Minervina, que foi reconhecido pela Fundação Palmares como São João do Jatobazinho e não Minervina, é um ponto, por exemplo a se pensar. Essa terra não é uma qualquer, é Minervina quem dá origem a ela, junto e lembrada bastante por Dona Didi das outras duas, Dona Rosa, a bisavó que fazia a guarda do saber de trançar a rede de caroá e a avó Marta de descendência pindorâmica, que tem forte presença na terra, sendo a única que ela viveu bem. De acordo com o relatado por Didi, essa mulher lutou pela vida enquanto estava escravizada.

Portanto, assim como Neusa Gusmão traz a importância de três mulheres para a terra preta, temos em Jatobazinho três mulheres que não são esquecidas pelo lugar que as guarda. Saber a história do Jatobazinho é saber a história dessas mulheres. Território ancestral existencial, territorialidade ou comunidade ancestral, que faz a guarda da memória pela convivência, confluência pela biointeração. Com-viver com a terra e tudo que nela dá, respeitando ela como Mãe. Inscrevendo para além das

memórias, mas guardando na rede de coroa, nas rezas e no próprio lugar que carrega o nome de Minervina a história coletiva de uma arvorá. Como aponta Neusa Maria Mendes de Gumão e trazemos pra cá, é que o espaço físico e social é marcado pela origem comum e pelo parentesco, o que permite que seu uso seja marcado por relações de solidariedade e reciprocidade de grupo. (GUSMÃO, 1994)

Imagem 40 – Artesanias



Dona Deuzuita é vó de Marcelo, jovem de 15 anos que fez parte da equipa de produção para realização do filme, muitas vezes esteve na câmara, no gravador, carregando os equipamentos, dando ideias, fazendo as perguntas. Gosta muito de celular, apesar de não ter um. Durante os dias nos tornamos irmãos, ele colocou pra nós que queria fazer uma fanpag pra vender as redes que sua família fazia e também o chapéu de coroa. Quando vimos o chapéu que Dona Deuzuita, logo perguntamos se ela não fazia também bolsa, ela disse que nunca tinha feito mas poderia fazer. No outro dia tínhamos a bolsinha e os chapéus e uma ideia sendo colocada em prática, um ensaio fotográfico com Marcelo e as artesanias que sua Avó fazia. Ela ressignificou as tiras do coroa a fazer os chapéus e a bolsa. Aqui me recordo de algo importante, que foi a confluência entre quilombos de Pernambuco e o Jatobazinho para trocas de artesanias. Daí não saiu só o chapéu, mas também um centro de mesa feita do coroa. Fonte: Mona Lima (2020).

Nossa alegria foi tamanha em poder ter dois dias na escola para trocas de saberes, vivências e utilizar o instrumento audiovisual para falarmos pontos importantes, quer sejam eles sobre identidade, gênero, capacitismo e acreditar. Aconteceu por dois dias com todas as turmas, de diferentes idades. Pegamos carona com a van que buscava e deixava es estudantes do Jatobazinho e trocamos idéias a partir da utilização dos curtas e animações, com personagens pretos na tela, estratégia importante e que fez total diferença na hora de conversas, e muito mais ouvir.

Imagem 41 – Escola



A época mais difícil de ir pra escola é essa, em que as chuvas se fazem presentes, fazendo rios na estrada, ou melhor, lembrando a estrada que na verdade ela é rio. Fonte: Joana D'arc, 2020.

Certo dia trocamos ideia, nós e as pessoas do quilombo, do porquê a escola que existia ali ter sido fechada se ainda havia demanda. Chegamos a conclusão de que a verba ainda poderia existir, porém a escola estava como fantasma, a pergunta que ficava era pra onde está indo a verba. Esse assunto foi levantado pelo fato de estarmos no inverno e esse fato dificultar a locomoção até a escola, uma vez que para sair do território precisa se passar por alguns rios, e estando chovendo aumenta o nível de água e ninguém consegue passar.

Fizemos meio que uma árvore genealógica para saber quantos haviam frequentado a escola e quantos hoje frequentariam se a escola ali ainda funcionasse. Vimos a possibilidade de uma possível luta para o retorno do funcionamento da escola:

O município fechou a Escola Municipal São João do Jatobazinho, a mesma iniciou as atividades em 1998 e foi fechada em 2013, na gestão do Prefeito Nene. Ao ser fechada, a verba da escola deveria ser transferida para a Escola Auto de Sousa, na comunidade rural Lagoa dos Currais, algo que suspeitamos que não aconteça, e que a verba na verdade esteja no bolso de algum vereador.

Conversando, tentamos levantar números sobre a alfabetização ali. De acordo com o que a comunidade nos falou, foram atendidas cerca de 86 estudantes do ano de 1998 para 2013. A comunidade acredita ter direito a ter sua escola em pleno funcionamento, pois acredita que a perda é grande quando chega o período das intensas chuvas, quando a van não consegue entrar no território para pegar os alunos. Foi levantado que hoje o quilombo conta com 26 famílias, sendo que 34 pessoas estudam, entre crianças, adolescentes e adultos. Isso não justifica o fechamento da unidade escolar. O debate do fechamento de escolas dentro das comunidades quilombolas do Piauí está na ordem do dia, pois está acontecendo bastante em outros territórios.

Imagem 42 – Abandono



Fonte: Joana D'arc, 2020.

Quanto às trocas na Escola M. Manoel Auto de Sousa, foi muito muito importante, principalmente vermos a reação das crianças quilombolas de baixa visão se sentido inclusas, no momento em que se fez uma sessão voltada para elas, em que todos devem fechar os olhos. Ari, uma criança de baixa visão do quilombo, não ficou quieto, ficou super agitado, tentando olhar pras pessoas. Isso e os jovens que

participaram do debate sobre quilombos, identidade e futuridades, muitos fizeram perguntas sobre como ser possível estudar, estar na Universidade, não se viam nesse lugar. Ao mesmo tempo que muitos expuseram o respeito pela mãe terra e a importância de estar ali, e de ter amor pelo seu território.

À medida que os dias foram passando, fomos trocando mais e mais com a comunidade e algo sempre ficava martelando, por conta da ausência das meninas jovens, as que havia conhecido quando vim pela primeira vez, e sempre que perguntávamos às pessoas, elas desconversavam. Até que certo dia me perguntaram se eu era de religião espírita e se eu acreditava nisso. E o que significava o cordão em minha cintura e o símbolo do brinco que eu usava e de minha conta. Respondi que eu era do candomblé, que já tinha alguns anos e que aqueles adornos todos tinham a ver com a proteção de minha energia.

Entreolharam-se afirmando e me confessaram que as meninas não estavam ali porque estavam cumprindo preceitos²⁹ recolhidas no terreiro localizado no Salgado, comunidade vizinha e que não podiam ficar falando sobre isso porque sofriam preconceitos das comunidades vizinhas e algumas professoras, por receberem e acreditarem nesse curandeiro. Então escolheram por ele não vir mais ali e sim irem até lá. Realmente fui alertada sobre essa questão de o curandeiro estar no Jatobazinho, ao mesmo tempo que aguardei ter algum retorno da própria comunidade sobre isso.

Trazemos um alerta atual pelo que vem acontecendo nas comunidades quilombolas do Piauí, que é a presença das religiões pentecostais que estão ocupando esses territórios com promessas de ajudar, ao mesmo tempo que doutrinam, fazem campanhas de arrecadações de doações, promovem atividades com crianças, jovens e adultos. Cumprem muitas das vezes um papel que as políticas públicas do município deveriam estar fazendo, só que se aproveitam do isolamento da comunidade para deixá-los mais longe ainda, como é o caso da saúde pública. Ainda bem que na comunidade ainda contam com parteiras, pois a maioria dos partos são feitos ali mesmo, só sendo feitos na cidade vizinha quando o caso é complicado.

Calhou de no início da pandemia do Covid-19 eu estar no Jatobazinho, me encontrava em campo, bem no meio da caatinga, isolada também por conta das enchentes que fechavam as estradas de terra. O Estado só tem um plano pro povo

²⁹ Na religião afrobrasileira quando se inicia na religião.

preto, o genocídio. Vimos ali a necessidade de puxar uma campanha para compra de cestas básicas, higiene pessoal, máscaras e álcool em gel. A campanha super aconteceu e conseguimos arrecadar um valor para além das cestas básicas, também máscaras, além de doações de alimentos orgânicos.

Tantas coisas para falar das vivências vividas sentidas, aqui tentadas ser narradas-descritas, porém o papel é pouco pra vida, mais antes seria muito se fosse inscrito numa árvore. Por isso um curta, um longa e um filme, além das fotos. É que a existência afropindorâmica transpassa, transflui o ser sendo, porque reexiste ao ser, por isso se encanta e encanta, como no tempo e para além vida, dos viventes visíveis e invisíveis. Algo sem dúvida que preciso expressar é a alegria de termos pego a segunda colheita de mel das “zoropas” ou também chamadas de abelhas selvagens. A apicultura é o projeto que está sendo implementado pelo banco mundial ali no quilombo, via diálogo com a extinta EMATER. O ponto negativo que vemos é que não querem investir em equipamentos para a permanência tradicional de uma rede ancestral, mas sim com um projeto permeado de propagandas que acaba por ser abraçado por grande parte da comunidade, apontando pro futuro e mirando no passado. O presente se utiliza da rede pra encantar os seus e não deixar esquecer a sua própria história, que são sim os negos da Minervina, da rede do coroa.

Imagem 43 – Zoropa



Cedim nos preparamos pra sair pra não perder a colheita do mel das zoropas. Fui de moto com Dentyinho, acompanhar Genival colhendo há alguns quilômetros dali. Ele nos fala que antigamente pegava baldes de mel, sem equipamento algum. Que agora está mais difícil o mel, que as abelhas a grande parte delas, as boas, foram embora, acredita que é por conta dos venenos que espantaram. Agora precisam colher um pouco distante da comunidade. Esse ponto não é diferente do coroa, que não se planta, e a cada dia que passa tem que caminhar muito para encontrar uma moita. Fonte: Mona Lima (2020).

Ser Quilombo, ser afroquilombola, ser afropindorâmica, se autonear, construir trajetórias encruzilhadas com trajetórias de outres é entrar dentro do olho espiralar e fazer girar, ou melhor gingar com o corpo, esse oral, esse ancestral, esse que invoca, que é sendo, que se torna, que transflui pro múltiplo. Respeitando o tempo, sendo fiel na entrega do dito e do não dito.

4 CULTIVAR A PRÓPRIA MEMÓRIA É COMO IMPRIMIR O PRÓPRIO MUNDO: AUDIORALIDADE COM A MESTRA DIDI TECELÃ DO COROÁ NO QUILOMBO DAS MINERVINAS

Imagem 44 – Cosmунidade



Quilombo São João do Jatobazinho. Onde imagináramos que em meio a caatinga conseguiríamos uma parceria para tirar umas fotos e gravar uns vídeos do quilombo e das redondezas, aconteceu, o caminho estava aberto, sem dúvida. Fonte: Daniel Cavalcante (2020).

Quando eu usei o termo é... *escrevivência* [...] se é um conceito, ele tem como imagem todo um processo histórico que as africanas e suas descendentes escravizadas no Brasil passaram. Na verdade, ele nasce do seguinte: quando eu estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo, é... me vem muito na memória a função que as mulheres africanas dentro das casas-grandes escravizadas, a função que essas mulheres tinham de contar história para adormecer os da casa-grande, né... a prole era adormecida com as mães pretas contando histórias. Então eram histórias para adormecer. E quando eu digo que os nossos textos, é..., ele tenta borrar essa imagem, nós não escrevemos pra adormecer os da casa-grande, pelo contrário, pra acordá-los dos seus sonhos injustos. E essa *escrevivência*, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo. (CONCEIÇÃO EVARISTO, 2017a).

Imagem 45 – Ancestralidade



Pergunto pra onde vamos, ela diz que é para a roça e que algumas vês que vai. Hoje vamos colher feijão. “ia mais mamãe pa roça e arrastava ramo. E arrastava ramo pa botar dento dos capão, pa botar na roça. Iiixe, minha fia, se eu for te dizer o tanto que eu trabalhei, do tamanho de uma porqueira, você vai cansar de tirar foto. (risos). Aí ela ia com nós no mato. Botando os ramos, arrastando os ramo réi, puxando os marmeleiros. A gente vinha aqui... (alguém espirra próximo a Dona Didi e ela responde: Deus te favoreça!) Deus te favoreça... Fonte: Mona Lima (2020).

Oralidade é uma conversa com muitas existências, que tem o poder de reconstruir, re-inventar a origem “perdida”, é tradição, ritual, é história, é herança. Recordar é preciso.

Rosilda Maria da Conceição, automeada Didi e respeitosamente chamada por todes de Dona Didi. É Mestra de ofícios contracoloniais, no Quilombo São João do Jatobazinho, no Município de Dom Inocêncio, no estado do Piauí. É tecelã do Caroá, planta que só nasce na caatinga. Ela além de fazer redes de caroá, ensinou às gerações filhas e netas. É Griô da Oralidade, pois é a guardadora das memORÍas do Quilombo e dos descendentes de sua Mãe Dona Minervina e de sua Avó Dona Marta. É ainda lavradora e rezadeira, espantando qualquer cobra que apareça pelo seu caminho. Confluindo com suas aprendizes e amigas Mona Lima, Joana D’arc, Carla, Marcelo, Amália, Anália, Carla e Marcelo.

4.1 Confluência geração avó e geração neta: início, meio e início

Carla: Mãezinha, avise aí pra gente seu nome com sobrenome.

Dona Didi: Meu nome é Rosilda da Conceição.

Carla: Quantos anos a senhora tem?

D. Didi: Tenho cento e um ano... Oitenta e um.

Carla: É...diz aí pra nós aí um pouquinho da sua infância.. comu era?

D. Didi: No tempo, hum? Do tempo de que, da minha infância!? Era de minha infância (risos). Era do tempo de minha infância eu gostava de muita coisa, gostava de festa... muita coisa...gostava de dançar, namorar... e namorar e farriar com as minhas colegas e colegas e tudo bem ajeitava com minhas amigas, meus amigos, minha mãe, minhas irmãs e tudo. Eu queria muito bem minha mãe, minhas irmãs. E hoje tou aqui só, jogada, num tenho ninguém, só meus netos, três fi que ainda tem, e meus sobrinhos, cunhado, primo, prima, sobrinha, neto e neta, bisneto, eu tenho muito graças a Deus, graças aquele pai do céu eu tenho muito, graças a Deus. Mas meus irmãos já foram tudo, tiver algum pur aí vivo eu não sei, mas Deus é quem sabe e nos tempos que eu fui criada, fui criada quaiem pai, meu pai morreu muito novo. Minha mãe botava a gente pra trabaiair no tamanho de uma porqueira, destamain miudin. Levava nós lá em riba de uns alto lá, cortava uns ramo véi de mãrmeleiro e aí marrava três pé numa corda, botava em nossas costas (risos) pra nós arrastar, pra fazer roça, tirava madeira, fazia cerca, nós no pé, botava nós pra trabaiair. Inchada não, eu só... inchada... hoje é que eu não trabalho mais de inchada, mas no outro tempo eu trabaiaiva de inchada era muito, num tinha inveja de homi não e fazia cerca mais minha mãe, corria muito atrás de bode nos capão, tirava muito leite nas vereda, fazia os caldeirão das veredas e tirava os leite das cabra lá, deixava as cabra nos mato e trazia o leite pra cá, e isso nos ia levando... arrancava muita raiz de pau brabo pra comer, macambira de frecha, macambira de porco, juá, pé de juazeiro. Ooh comi muito e era gostoso, que fome não fizer, nada faz. Aí nós catava tudo, comia, aí tirava embú, fazia embuzada, arrancava cuca de embuzeiro, comia lá no mato, os que não prestava trazia botava no solo pra botar no leite, pra pisar no pilão, botar no leite pra comer, botava no leite que era de se assentar no fundo das vasia, fazia era boiar e nego botava pra dentro da barriga...vamu pra dentro. Aí minha mãe deixou de arrancar raiz véia de embú, aí passou pra roça trabaiair, botava nós pra capinar, aí botava uma dum lado, ota do outro, outa no mei e vai que vai, a inchada ia mandando, capinando, bora capinar,

bora capinar, feijão, tirar o mato quando a chuva chegar num taí matado demais, nós vamo vamo que vamo. Aí levava uma irmã minha pra roça, lá ela chegava lá, nós tirava num sei quanto de eita de carreira de mato e ela só numa. Minha mãe brigava muito com ela, batia ela no mei da roça, mandava embora da roça pra casa. Agente ficava com pena, mas a muié era pirigosa demais... aí ficou... aí nós tinha muito irmão, tinha muito irmão, nossos irmão saíram tudo, os homi saíram tudo foram embora, ficou só a mulherada. Aí ela ficou sem marido, pediram nós que cansemo, pediram até de dois d'uma vez, ela disse "não, eu num vô dá não, por que o Lino disse que num era pra eu dá meus fi, quando eu morrer, quando ele morrer, se ele morresse premeiro de que eu num era pra modé eu dá meus fi, os fi dele, num era pra dar ninguém e daí assim ela fez, num deu". Quinze muleque pra ela cuidar, mas também ela cuidou trabaiando que só burra vêia de carroça, que arr maria. Deus me livre, que eu tô dizendo muita coisa errada cum minha Mãe. Mas botava nós pra trabaiar, nós trabaiava mais ela até que vencemo, virou tudo, aí ficou ficou ficou ela foi ficando veia, mas também num perdia carreira, ela ía pá... trabaiava, dara dia de serviço pro zotro e nós atrás ia mais ela, trabaiando mais ela, pra ajudar ela ganhar o pão pa criar os zotros mais pequeno. Aí povo dizia, e ela tinha muita colegagem com o povo, o povo dava muita coisa a ela pra criar nós, pra dar comer nós, dizia "aah muiezinha num passe fome não, quando você". Num era todo mundo que tinha as coisa, "num passe fome não, quando você se achar com fome vá lá em casa que nós pega um jumento, bota ele numa cangaia, no surrão e vá buscar mandioca pra você relar, pra fazer beiju pra dar os menino pra cumer, botar no leite pra dar os meninos pra cumer. Mamãe ia. Nós ficava em casa, quando ela chegava, chegava pendendo de coisa, era um mi, era o feijão, era abóbora, era batata, era tudo, eles pegava dava a ela e ela chegava num tinha era vasia pra trazer as coisas. "Muié ai tá quente muié". Aí nos fiquemo, aí eu fiquei, Mamãe num queria que eu saísse de dendi casa que logo eu... tinha umas fia dela que gostarra muito de trabaiar, a Mãe mermo daquela Deusuíta ali, era a mais vêia da turma, minha irmã, mas também ela era boinha, ela saia caçando coisa por fora pra dá nos pra comer. Ai pegou ter os fi dela, aí ajeitara pra ela, dá de comer os fi, botava pra mamãe dá a nós, num podia vê nós com fome, quando ela via um dizendo que tava com fome, ela i as lágrima ia e já caia logo no chão chorando, ai nós, não num precisa chorar não Mana, num precisa chorar não que dextá que, nós tem fé em Deus que nós... uma hora nós acha o que comer, aí Deus ajudou que o padre Lira. Deus bote ele num bom lugar donde ele tiver, soube que nós vivia aqui morrendo

de fome, essa famia de gente morrendo de fome, aí pegou dá uns leite, umas massas de feijão, uns feijão dum preto que tem, que o povo, inda hoje tem dele... aí pegou dá pra minha mãe, nós saia daqui pra ir buscar de pé lá na Fundação - do Dom Nucêncio pra cá. Aí graças a Deus fumo comendo comendo, foi a fome foi cabando, aí foi Deus, foi mandando chuva, que de primeiro mandava muita chuva, nós fumo prantando e aí panhava muito legume graças a Deus. Hoje é que agente apanha pouco, tem vez que chove pouco e num dá pra gente apanha muito, mas premero nos apanhava muito legume. Aí graças a Deus fumo indo fumo indo aí num faltou o que nós comer, ela trabaiava muito, botava os fi tudo pra trabaiar, ajudava, nós, nós ajudava ela, e com o tanto que ela morreu, ela morreu com oitenta e oito ano, oitenta e oito ano e graças a Deus dá pra cá nós um passemos mais fome, até no tempo que ela morreu, o povo ainda passava muita fome, e dai quando ela morreu pra cá ninguém num passou mais fome não por que Deus é bom e que os homi de bem dava. Alí no porção morava o finado Plínio, fazia promessa pros fi dela, cum ela mais os fi e o marido, quando a gente darra fé ele chegava com as coisa pra dar a nós pra comer, graças a Deus foi um homi também que morreu a família dele tá viva, graças a Deus ajudou muito nós também, que Deus é aquele pai que é, quando ele ajuda ele ajuda mesmo, aí ela, minha mãe ficou viúva, pidiro os fi, ela num deu, aí fiquemo aí trabaiando trabaiando trabaiando, aí trabaiando muito, mas graças a Deus a vencemo a bataia. Ela faleceu lá vai com mais de uns trinta ano que ela faleceu e ela morava na Vajota, quando ela veio trouxe eu, um gatin véi no colo e uma mala do lado dum jumento, um pilão do outro lado, eu pequena, eu só segurava no mei duma caixa, eu era pequenininha véia. Eu passava de baixo dos pau e perguntava a papai: Pai que pau é esse? Passava de baixo do embuzeiro, Pai que pau é esse? É um embuzeiro. Tivesse embú ele tirava e dava aquela frutinha a nós, ói aí bote essa frutinha aí. aí nós ia tirano. E eu gosto muito de bataiar com as minhas coisas. Premero quando eu tinha muita saúde eu gostava muito de labutar com cabra, assim criar. Criava muito poico, poico que eu não crio mais, a idade que tenho num boto mais força pra criar. Criava, Trabaiar na roça não, eu tenho muito vontade de trabaiar na roça, mas meus braço num dá mais, mas assim mesmo ainda luito na roça, devagazinho mas ainda luito na roça. E tenho esse povo todo aqui ao redor que é meus subrin, é primo, é parente... tudo, graças a Deus num tenho nada o que dizer deles, nós somo uma famia que nós somo fraco de recurso, mas somo uma famia unida. Graças a Deus ninguém num anda brigando com nim um. Nós somos graças a Deus e aí qui véio esses calambolas pra qui, butou nós tudo

nos calambolas, nos Calambolas e aí tamo aqui. Tivemo sorte que aí apareceu aí essas casas pra nós, essas casinhas nós tamo morando, de premero era umas casinha réia de taipa, feita de barro, graças a Deus nós ganhemo isso aí e com isso tamo vivendo. E aí trabaio nuns coroarsin. Agora eu num sei se ainda vou trabaiair mais não. Que já tô ficanu...

Carla: Pois fale aí pra nós aí, Mãezinha, um pouco do Caroar, sua profissão que cê gosta de trabaiair assim.

D. Didi: Gosto de trabaiair no meu coroar, gosto de arrancar, gosto de bater, gosto de tirar, gosto de fiar, tenho meu manivelin d'eu fiar meus coroarsin, eu gosto de meus coroar. E hoje só num rô rancar mais por causa dos meus fi, meu povo num quer que eu arranque mais, que eu já tô de idade.... mas minha vontade é de trabaiair. Rancar, tirar, pra botar dentro d'água, bater, trabaiair nele, fazer minhas redinhas pr'eu ganhar meu trocadim. Gosto muito e aí eu gosto mermo, por que eu gosto mermo. E prantar não, que eu num posso prantar mais, mas eu, indá atento assim...

Carla: Mãezinha fale aí pra gente também assim como você aprendeu e pra quem cê já ensinou.

D. Didi: Eu já aprendi com minha mãe, minhas irmãs, minhas tias, madrinha e cunhado, e hoje tô ensinando minhas netas, e já ensinei meus fi, já ensinei minhas neta e tinha vontade indá trabaiair mais pra ensinar meus bisneto, mas eu digo que num ensino mais não, num sei quantos dias Deus vai me dar daqui pra frente (risos). Aí mas eu acho bom. E tenho aí graças a Deus eu tenho meu povo aí tudo que trabaia e quanto mais eu trabaio nesse coroar aí mas eu tenho vontade. Tôôô, mais tô aguniada por que eu num tenho pra trabaiair. Só que os meus fi num quer que eu trabai mais, meus netos num quer que eu trabai mais. Quandi eu falo de arrancar uns pézin de coroar é uma briga mininu "pra quê Mãezinha, pra quê? Você mesmo é dessas, pra quê Mãezinha que cê vai arrancar? ... E o sobrinho bem aí, pra quê, pra ir cair no mato?" A história é essa, mas eu tenho vontade de rancar e sei que inda vou rancar. E sei que inda vou rancar mais, pr'eu fazer minhas dobrinhas que eu faço,num sei quantas veiz mas eu digo que eu vou ... rancar.

Carla: Fale ai pra nós também como é ser irmã única. Que a única que está restando é a Senhora.

D. Didi: meu irmão um? Siiiiim... oxente. Assim, por que minhas irmãs morreram tudo, meus irmãos, os que saíram, saíram pelo mundo, eu num sei se ainda tem um ou dois

vivo, no Maranhão, no Maranhão diz que tem um, num sei se inda é vivo. Tinha um pur São Paulo, de São Paulo remexeu inda vei morrer no Maranhão. E o único que tem é eu, de homi ou muié aqui é eu. Pronto, aí? Tá bom assim?

Carla: É, e cuma a sua convivência lá atrás com seus pais?

D. Didi: A minha convivência com meus pais era bom, num respondia meu Pai, num respondia minha Mãe, num respondia ninguém. Minha mãe brigava comigo móde uma cunhada que eu tinha, brigava comigo móde uma cunhada que eu tinha, mas eu num... Graças a Deus eu fui bem com minha Mãe e meu Pai. Meu Pai morreu eu fiquei aqui assim, bem assim. Minha Mãe...meu Pai morreu, minha Mãe ficou com minha irmã, que é a comadi Luzia, Luzia Mãe do Genivaldo. Grávida de três mêis, mas pra donde ela metia a cabeça eu entrava atrás dela, nunca deixei ela ir só, ela sempre dizia que só tinha eu mermo pra acumpanhar ela, pra móde, tudo que ela ia fazer as outras tudo ia mais ela, mas a do carrasco véi dela mesmo era eu. Com tanto que ela adoeceu, a casa caiu por riba dela, foi eu que cuidei dela, aí quando cuidei dela, fiz di cumer pra trabaiador levantar a casa pra botar ela dentro, outra casa. Num foi a que caiu mais não, pra botar ela dentro, passei nove dia na casa dela. Quando eu cheguei em minha casa, que minha menina caçula nos braços, que fui armar a rede pra deitar ela, a casa rodou comigo. Igual a casa cair por riba dela, eu vi a casa emborcar bem assim por riba de mim, mas num era não. Era por que a casa caiu por riba dela. É porque nesse tempo aí eu fui, as outras fia dela tudim, ficava na casa dela mas quem cuidou dela foi eu, nove dia... passei nove dia e nove noite de plantão na casa dela. A casa caiu por riba dela eu cheguei lá ela fazia dó, tooda coisada de ponta de coisa que caiu por cima dela, dizendo que num tava sentindo nada e eu: "-Mãe cê tá sim, cê tá sentindo dor, fala pra mim que cê tá sentindo dor. - Tô não minha fia, num to sentindo dor não. - Mamãe cê tá sentindo dor e ela dizia que num tava." Mas eu vendo que ela tava. Mornei um bucado de água, quando cabei botei um salo dentro, cabei dei um banho nela e aí fui caçar coisa pra passar nela, fui dar remédu ela, com tanto que graças a Deus eu cuidei dela, bem cuidado que ela ficou boa. Aí depois, quando foi pra ela morrer aconteceu uma merma com ela sem quê sem pra quê. Diz que era uma gripe, mas num era gripe não...

Carla: Mãezinha fale pra nós também como é que vai ser o futuro do quilombo.

D. Didi: O futuro do quilombo? O futuro do quilombo é pra nós. Coma é que é o futuro do quilombo? Cuma é? É por que futuro do quilombo vai ser bom por que elas tão aqui, com nós, tem a dilicadeza de ter vindo do Maranhão, do Maranhão. Tu mora

onde, neguinha?

Mona: Eu? No Rio de Janeiro.

D. Didi: No Rio de Janeiro pra vim pra qui, pr'a donde tá nois e é assim o os quilombos, o quilombo é bom, é bom. E graças ao meu Deus, bom Deus, que Deus é bom que elas estão aqui mais nós, fazendo tudo por nós. Elas tão fazendo por nós, não é por elas, é por nós, que sabe que nós samo fraco de recurso, num tem nada, elas vem pra esclarecer muita coisa a nós e fazer muita bondade pra nós, graças a bom Deus, nós e elas também.

Carla: Fale ai pra nós também de seus irmãos.

D. Didi: Meus irmãos?

Joana: Sim, quantos eram no começo? quantos foram ficando.

D. Didi: Meus irmãos eram bom demais. Um saiu daqui de casa num tinha nem vinte anos, desceu pro canto do Buriti, passou trinta ano no canto do Buriti. No canto do Buriti ele casou, a muié num quis viver com ele, largou. Que era o Joaquim, meu irmão. Foi po São Paulo, com trinta ano que ele tava no São Paulo ele vêi aqui, pr'onde tá nós. Minha Mãe ficou muita satisfeita, inda era viva. Ele vêi duas vezes, ela ainda tava viva. Quando foi na segunda vez pra ele vim, ele num vêi mais, por que ela faleceu. Adoeceu e faleceu logo. Ai ele não vêi mais. E meus irmãos era muito. Era Joaquim que era o mais véi, Anália que era a mais veia, Nair, Maria, Jusé, Angilô, Joana, Francisca, Luzia, Omero, Manelu, Ivo. - O Angilô, só aqui tem um... Diz que tá em Goiás, num sei se ainda é vivo, mas eu digo que não morreu não, que não saiu nuticia. E a Juanita, a Joana, Francisca; a segunda foi a comade Luzia. E quinze, quinze fi.

Mona: Cê falou que morreu um né?

D. Didi: Jusé. an ?

Mona: Era quinze ou dezesseis com um que morreu?

D. Didi: Dezesseis com a perca. isso foi só os que criou. E ela criou todas quinze, num deu nenhum. Graças a Deus.

Carla: Fale ai pra nós também Mãezinha, que o seus pais, depois que morreram como foi que cês fizeram pra viver, só vocês?

D. Didi: Oh minha fia, foi trabaiano que só burro de carroça. Dando dia de serviço pá o povo de fora. Olímpio cacheado, o Plínio, pra todo mundo, pro Lalau na Volta. Trabaiano pra poder viver, sobreviver, arrumar o pão de cada dia pra comer. Ai o coroarsim ficava pra comprar aquela roupinha véia, ai nos espinhaço pra nós andar

vestido, era assim. Hoje a coisa pra nós tá boa, graças ao meu bom Deus, meu Deus, que Deus é bom, num falta nada pra nós comer, depende de achar o dinheiro pra nós comprar. Nós trabaia na roça, trabaia e aí nós vamo tirano. Mas no outro tempo era muito sofrido, era muito sofrido. A gente passava meio dia apanhando água do lado de fora pra cá na cabeça pra poder beber, quando vinha fazer alguma coisa pra comer, já era mei dia e o sol virando, caminhando com os pés descalços na terra quente, lá de fora pra cá.

Carla: Mãezinha, e antigamente tinha as brincadeiras que tem agora, cuma era as brincadeiras de vocês lá?

D. Didi: As brincadeira era essa mermo que tem agora. Brincando aí, caçando, sendo...farreando mais os outros. Hoje que eu não farreio mais, mas eu já farreei muito, graças a Deus

Carla: Mas fale aí os tipos de brincadeiras assim, quais eram que vocês gostavam mais de brincar?

D. Didi: Ar Maria... Ar Maria... Ah minha fia nós gostava de brincar era de... fazendo boneca, era brincando de coisinha, fazendo casinha de pau, cavaquin de lenha, era como a gente brincava de primeiro. Num tinha história não, era os homi e as muié tudo misturado e brigasse pra vê... pra vê se num apanhava até...

Mona: D. Didi?

D. Didi: Senhora?

Mona: Queria que a Senhora, se possível, falasse um pouco sobre a formação do quilombo, por que no início, no início quando chegou aqui só tinha uma família né!? Que ficava ali perto da Lagoa, que Seu Sebastião disse, então através de Dona Minervina, sua Mãe que chega com 15 filhos, o quilombo começou a aparecer.

D. Didi: Foi...foi, começou a aparecer minha fia o quilombo começou a aparecer. Apareceu muita gente, minha mãe tinha muita família, meu avó, Manelu Antô, pai de meu pai, ninguém dava noticia de família dele não. Era difícil, por que ninguém sabia da família da Mãe dele não. Era Marta, num tinha família, pra chegar o ponto de dizer, que ia chegar o ponto de nós conhecer ti, primo, bisavô, avô, mas nós num conhecemo não. Conhecemos Manelu Antô, eu conheci meu avô Manelu Antô e minha bisavó Rosa, minha Vó Rosa, minha Vó Rosa.

Mona: E o que que eles falavam dos avós deles ou bisavós deles?

D. Didi: Falava minha fia, eles falava que num sabia, que num sabia contar da família da Vó, da Mãe dele, por que a família da Mãe dele num era conhecida, ela num tinha família. Ela foi uma muié que apareceu aqui, mas num tinha família. Num tinha família. Robaro ela, meu Bisavô Dominguin roubou ela na estrada caminhando daqui pra Remã. A Marta...

Mona: Quando foi isso?

D. Didi: (risos) Ela tarra empregada numa casa. Ela tarra empregada numa casa e aí pegaro ela, o Pai dela disse que tinha um... no tempo da fome do trinta e dois. Cê já ouviu falar no trinta e dois? Tempo da fome, fome braba. Ele disse que... o Pai dela disse que ... meu vô Dominguin achou ela assim, pai de Manelu Antôï achou ela assim...Porque ele viajava pra Remanso, era tropeiro, viajava pra Remanso e aí chegou um dia na casa dos pais dela, ai disse que tara eles prali conversando, conversando, conversa vai, conversa vem, e esse povo desconhecido assim num quer ver, quando é assim num conversa nada com ninguém. Aí chegou essa tropa lá no terreiro dele, aí passou, pra ir pra lá, pro onde eles botara a barra de noite. Aí ele chegou lá na casa do pai dela, ai tava ela, os outros tudo pra li, dissi que muribundim de fome, prali e ela chorando prali. Era mais forte que tinha diz que era ela. O Vô Dominguin contou muito pra meu avô Manelu Antôï, mas o finado Pedro da Boa Vista que era meu bisavô. Aí diz que foi e perguntou ela - “que era que ela tinha que ela tava chorando?” e a coivarona da fogo pra li, sentida... Ai foi que que perguntou ela, “que era que era pra li”, que era bem fortuna, diz que era bem fortuna. Ai diz que perguntaram, perguntou ela “que é que cê tem que cê tá chorando, moça?” Ai diz que ela chorando e eles prali, e uma coivarona de fogo assim. Ai diz que ela disse, ela disse que contou pra ele: - “Óia eu vou contar pra você, cuidado pro meu Pai não escutar. Essa coivara de fogo ai diz que é pra me matar, pra pelar pra dar os outros pra comer, que num tem o que dá os outros pra comer, tão ai tudo chorando de fome, diz que o apelo que tem diz que é eu, vão me matar pra mode dar de comer os outros.” Tempo do trinta e dois. Repare que fome né bicho de brincadeira não. Ai diz que ele foi e disse: - é assim? Disse com Vô Dominguinho. - É assim? - É. Ai disse que ela chorando pra culá, ai disse que ele foi calentando ela, num chore mais não, chore não, num chore mais não. Tenha fé em Deus que dessa daí você num cai não, pode cair outra vez mas dessa vez você num cai não. Ai disse que ela disse que: “- por quê?” “- Porque eu vou dá um jeito”. Disse que agarra montada numa burrona de esquipe, diz que muito gorda, muito gorda. Minha gente, é fome, tem a cara de

fome. Ai disse que falou pra ele, chamou ele, perguntou ele: “- Ei moço, cidadão.” Ai diz que perguntou ele. “- Cidadão, que que essa moça tem, que tá chorando?” Ai diz que ele contou o caso. “- Moço, é por que eu tô com minha família toda morrendo de fome, ó tem coisa ai estirado de fome, disse que tinha mesmo estirado de fome, por que não tem o que dá pra comer. O apelo que tem, cê num tá vendo esse fogo aceso aí? É pra eu tirar vida dessa moça aí pra dar de comer os outros”, quando ele disse assim, diz que chega arrupiu os cabelos. Ele disse que disse “- o quê, essa história!?” “- Esse fogo tá acendido aí que é pra mode eu caçar um jeito dar fim nela pra dar de comer os outros que tão ai estirado.”

Ai disse que ele disse: “- Ei, se eu lhe fizer uma proposta, cê aceita. Cê aceita?” Ele Disse “- aceita”. E o véi num era fraco não, tinha condição. Ai disse que ele disse se eu lhe fizer uma proposta você aceita e ele disse aceito. Dispôs vou lhe fazer uma proposta, “- você quer tirar a vida dessa moça pra dar vida os outros.” - É o jeito é o apelo que tem. Ai disse que ele disse: “- pois...” já foi tirando a cela da burra, botado ali pro chão. Tirando os afojão chei de coisa, jogano ali no chão. Tirou tudo, jogou lá pro chão, tirou tudo. Ai falou pra ele: “- pois eu vou fazer uma proposta com você, com o Senhor. Você quer essa burra, pra você dar de comer seus fi, no lugar dessa moça?” Ai disse que ele disse que queria. Disse: “- Ô moço, cidadão, só mermo o Senhor, que vai fazer isto comigo por que, eu ia tirar a vida dela, mas era com dó, só afim de dá a vida aos outros irmãos dela, por que outro apelo num tem.” Ai disse que ele disse: “- pois de hoje em diante você num trisca mais nessa moça.” Pegou a burra, quando cabou só fez puxou: “- tome, vá matar e quando cabar, vá dá de comer seus fi e ela de hoje em diante ela num é mais sua não, ela é minha, ai você vai fazer o que vc quiser, ela vai ficar ai mas num trisque mais e nem falar de dar fim nela, der fim nela cê num vai prestar não.” Ai disse que ele disse: “- Não, por hoje ela vai passar...” mas já tava dizendo que se tivesse outra vez, pra bom entendedor...

Mona: Mas era o pai dela?

D. Didi: Diz que era o Pai. Diz que era o Pai, ou era empregada eu num sei cumo é. Aí diz que “- Não, pois de hoje em diante essa dai quem domina ela é eu, outro num domina não.” Ai disse “- óia, cê pega a burra, vá dá de comer seus fi e deixe ela em paz.” Ai disse que ela disse pra ele: “- ô já que o senhor me tirou dessa boca, num me deixe aqui não, se me deixar aqui, quando eles acabar de comer isso ai, aí quem volta pro pau é eu.” Ela pediu ele que num era pra deixar ela não. “- Se você me deixar aqui eles vão me matar outra vez, só essa carne ai acabar eles vão me matar pra dar

de comer eles de novo.” A fome era grande.

Mona: E essa família que ela estava, a Senhora sabe se eram pessoas brancas?

D. Didi: Rapaz, eu penso que era, eu penso que era gente de classe né. Só que no tempo de trinta e dois num tinha história não.

Mona: Tinha uma família né, que possivelmente ela era propriedade deles.

D. Didi: Era. Ai dava fim em tudo. No tempo do trinta e dois num tinha história não, ou cê matava ou morria. Ai disse que ele mandou os tropeiros vim embora com a tropa, ai mandou um caba de confiança vim e quando acabar ir na casa dele e apanhar dois animal, era pra botar cela em dois animal e tinha muito animal. O caba era rico rapá. Ai disse ele que era móde panhar dois animalu pra botar a cela num e levar um semana que era pra mode ele vim embora, trazer os trem que tava lá, lá donde a moça tava e o outro era pra mode ele ir amuntado na cela, tudo de cela que era pra mode ele vim amuntado pra trazer ela. Ai quando foi num dia, ele marcou uma viagem, ai quando chegou lá deixou o caba escondido, o caba foi e ficou escondido e ele mandou, ele ficou escondido e mandou o caba ir buscar ela – Marta, mandou ir buscar ela. Ai ela foi, “- mas quando chegar lá, você vai com jeito, qu’ela já ta sabendo, eles tão dormindo.” (susurrando) - Ela era do varandeira deles, do caba, aí o caba queria matar ela, agora me lembrou, que meu avô falou que ela era varandeira. Ela era varandeira desse moço lá, aí ele quis matar ela pra mode dá de comer pros fi, família, tava com fome.

Mona: E o que que era varandeira?

D. Didi: Hum? É que morava na casa deles, era empregada na casa. Compreendeu?

Mona: Eles num pagava ela não?

D. Didi: Nada, pagava nada, naqueles tempos era um cativoiro do caramba... Ai rapaz, quando ele foi, ele disse: “ - agora fulano você chega aqui. Um animal pra eu botar minha cela preu ir embora, as coisas d’eu embora e o outro você deixa escondido, deixa o outro escondido.” Que era mode deixar o outro escondido, que era pro moço levar ela na garupa. Ai ele Dominguin ficava escondido e aí panhava ela, o menino chegava lá, ela já sabia que era pra sair. Ela já deixou tudo no jeito, ficou tudo combinado com ela. Ai ele levava o animal, ele vinha, chegava cá, ficava esperando ela, d’onde ele deixava o animal e ai ia buscar ela. O menino, o moço dele ia buscar ela. E bem assim ele fez, panhou ela num dia p’uma noite, pisou o chão e ela morreu aqui eles num souberam d’onde ela entrou. E ela num tinha família, nós num damo

notícia de família dela.

Mona: Mas ela falava se tinha conhecido a Mãe dela?

D. Didi: Minha Bisavó Marta? Não, falava não. Nesse ponto ai minha bixinha eu num posso lhe dizer.

Mona: Nem falava se se conheceram?

D. Didi: Se falou, falou pro meu Bisavó, meu avô o Manelu Antô. Pra meu Bisavó Domingo, mas pra outro num falou não.

Mona: Ai foi ela, sua Bisavó Marta que veio pra cá?

D. Didi: Foi, minha bisavó Marta foi que veio pra cá, foi como começou essa família, desse povo ai do Manelu Antô, que é nós, foi como começou, começou por essas duas famílias, Manelu Antô e Minervina Marli, foi como começou essa família de gente aqui.

Mona: Marta era a mãe, Manel Antôin?

D. Didi: Era a Mãe de Manelu Antô.

Mona: Dona Marta foi morar lá na Varjota?

D. Didi: Na Varjota? Não senhora, ela ficou aqui mais Manelu Antô, Dominguin era daqui. Dominguin era daqui.

Mona: Mas como Dona Minervina foi parar na Varjota?

D. Didi: Dona Minervina era de lá, nasceu lá, ela nasceu lá.

Mona: E seu Manelu Antôin como ele foi pra lá?

D. Didi: Manel Antoin? Manel Antoin foi pra lá assim... foi de Manelu Ontô, Manel Antoin foi pra lá assim... que os filhos de Manel Antoin que era o cumpade Alixandre, pai desse Francisco aí, meu pai e o finado Domingo que era tudo irmão, Lorenzo e tudo trabalhava na moagem lá na Varjota, no município do Zé Varjoleiro. Ai minha mãe quem criou foi Joaquina e Gapim, dois Cuêio que criou ela, a mãe dela morreu ela ficou pequena, aí ficou o meu avô, Pai dela.

Aí Mãe branca pediu ela, era uma Cuêia... pediu ela pra ele. Ele judiava muito dela, ai deles ai, ela foi e pediu ela pra criar, ai eles foram e deram. Deram... Mãe a eles pra criar, Vovô Gapim mais Joaquina. Criaram ela bem criado, só não deram foi o saber ela, mas ela sabia de tudo, era muié que num sabia ler, mas também o que ela visse, que num passasse nos zóis dela, ela fazia tudo. Ela era rendeira, era tercelona, era tercelona de rede no tiar, era rendeira, era bordadeira, fazêdera de roupa ... todas as peças que ela fazia eu vestida eu gostava, se ela fizesse um vestido eu gostava, já

pensou!?

Mona: Aprendeu tudo lá na Varjota?

D. Didi: Aprendeu tudo lá, na Varjota.

Mona: Ela fazia tudo isso lá?

D. Didi: Fazia. Fazia tudo isso lá e fazia aqui.

Mona: Ela falou com quem ela aprendeu a fazer essas coisas?

D. Didi: Nhôra? Foi, ela falou que quem ensinou ela foi essa Véia que criou ela, Joaquina mais Gapim.

Mona: Ela era uma senhora que trabalhava nessa casa também?

D. Didi: Era. Ela era e trabaiava nessa casa. Na casa de Gapim.

Mona: E ela era preta ou indigena?

D. Didi: Ela era bem moreninha, bem pretinha... mais pretinha que essa menina aqui..

Mona: E a que criou ela?

D. Didi: Minhã Mãe? Aaah, era Cuêia. Cuêia, Cuêia. Cê sabe o que é Cuêia? Aquele povo véi branco, branco, branco, branco, era família era Cuêia. Eles num passava fome não, era rico, toda vida, no tempo do trinta e dois podia chegar num sei quantas carradas de gente no terrêro dele, ele dara de cumer todo mundo, só saia coisa pra sair, beber uma xicrinha assim de leite e era três veiz, botado na boca, só saía quando saia caminhando com os pé, por que eles era fazendeiro, tinha muito coisa, não faltava nada na casa não. Faltava nada. Tinha muita coisa, tinha muita coisa. Tinha muita coisa minha fia, lá eles tinha muita coisa, eram rico num faltava nada não.

Mona: Ai ela trabalhava pra eles?

D. Didi: É ela morou. Eles criaro ela e ela trabaiava lá. Saiu depois que...

Mona: Mãe dela que deu ela pra eles?

D. Didi: Nhôra? O pai. O pai de minha mãe deu ela pra eles.

Mona: E a mãe dela?

D. Didi: A mãe dela morreu, mãe de minha mãe.

Mona: E a sua mãe era pretinha né?

D. Didi: Era pretinha, mas era gamada de todo mundo. liiiiiiiiihhhhh.

Mona: Mas quem foi que ensinou ela a fazer essas coisas? Tinha uma outra senhora que trabalhava na casa desses Cuêi?

D. Didi: Foi a mãe dela ... a véia mesmo que criou ela. Trabaiava, ensinou as fia dela

tudim, dela Joaquina. Tudim e ensinou ela, ai ela ensinou, as que ela criou ensinou tudo. Tanto fazia ser os homi com as muié. Ensinou bordar, ensinou tecer, ensinou fazer tudo, ensinou bordar, ensinou fazer renda. Adonde ela botava as fia dela que era cuêia... tá compreendendo, tá compreendendo? Aonde ela botava as fia dela pra sentar, pra ensinar pra fazer a renda, ela botava ela no mei. Botava ela no mei, dizia "Minervina senta aqui". Botava a Minervina pra sentar junto dela e quando acabava arrudiava as Cuêia, que era muita Cuêia, ela tinha muito fi. Acho que ela teve uns dezesseis fi entre homi e muié. Minha vó Joaquina ... mãe branca, que nós chama mãe branca. Num chama ela Joaquina não.

Mona: Foi ela que criou a sua mãe?

D. Didi: Foi ela que criou minha mãe foi com todo gosto. E tinha nós tudim como dela.

Mona: Ela num judiava não?

D. Didi: Judiava nada. Judiava nada, minha mãe foi criada, só que minha mãe foi criada mais ela, com ela, mas minha mãe num respondia a ela e nem vovô Gapim e nem os irmãos dela, os fi dela tudo tinha minha mãe como irmã, ainda hoje tem os Cuêio. Os Cuêi, ali no São João tem muito Cuêi, irmão de minha mãe por parte de criação. Aonde ver a família da mamãe, ar maria só num falta é deixar nem centavo, um trocadim.

Mona: Mas eles tudo tem dinheiro, essas coisas?

D. Didi: Tem, tudo tem. Tem dinheiro, eles tudo tem. Eles tudo tem muita coisa e são tudo bem de vida, tudo bem de vida.

Mona: Quando foi que sua mãe se separou?

D. Didi: Foi, minha mãe separou minha fia eu num posso nem dizer que tá com muito tempo, tá com muitos tempos minha fiinha de Deus. Quando minha mãe chegou aqui eu num sei nem se num foi ... se eu sou ruim de juízo minha fia. Mas minha mãe tara véia, que tara véia, quando tava comigo, quando ela morreu já tava com muitos anos que ela tinha vindo simbora, muitos anos. Ela alcançou o sogro aqui, ela alcançou sogra, mas foi demorado.

Mona: Você sempre morou aqui ou você morou em outro lugar?

D. Didi: Quem? Eu? Eu já rondei ai por esse mundo ai tudo, trabaiando nas nas casas dos outros. Do São Raimundo pra cá, Canto do Buriti, São Raimundo, Moreira, tudo eu já morei, trabaiando nas casas dos outros. Eu sempre fui andeja quando eu era moça nova, andei muito morando nas casas, trabaiando nas casas, empregada da casa.

Passava era anos nas casa. Quando eu vim de São Raimundo mesmo, quando eu passei na casa da Maria do Tiago, quando eu morei lá mais ela, eu passei p'um e cinquenta. Um e cinquenta eu fui pra casa da Maria Tiago, A Daia tava grávida da bixinha aqui, ai eu fui pra casa da Tia Maria, nesse tempo ai nos fumo pro São Raimundo, eu passei mais de ano na Maria da mamãe Januária, só vim mimbora daqui, quando eu vim de lá fui pro Canto do Buriti, passei seis meses no Canto do Buriti, no Joaquim meu irmão foi o que morreu em São Paulo, mas véi que morreu em São Paulo, dai pra cá num sai mais. Cheguei, ai pari, coma diz a história ai fui criar os fi, ajudar minha a criar os fii. Minha mãe num deixava sair por que eu toda vida fui danada. Ajudava ela trabaia pra criar os outros, criei os meus, ela ajudou criar os meu e eu ajudei ela criar os mais pequeno dela, quando cumade Luzia minha irmã morreu também, já vai, já faz seis ano que morreu, ajudei criar um sobrinho da minha irmã mais véia. Nós vamo criano devagasin.

Mona: Quantos filhos a senhora teve?

D. Didi: Eu? Tive seis. Vingou, Maria, Degai, o Stenio, Socorro, morreu dois pequeno. Um morreu logo na hora que nasceu, depois eu tive outro morreu com malu de sete dias. Eu chorei, ele era pequeninin.

Mona: Quando sua mãe falava sobre as redes de caroá, ela falava de onde assim, ela tinha aprendido e de onde que a pessoa que ensinou ela tinha aprendido?

D. Didi: Mas ela aprendeu foi aqui com a sogra, Marta, toda uma vida trabaia com Rosa e muler de Manelu Antoin que era quem... pra lá eles num trabaia nisso ai não minha fia, trabaia era de carnaúba fazendo trança de chapéu, fechã, aquele que a Ideusuíta faz ali.

Mona: [inaudível.]

D. Didi: ... Ensinou a Rosa esse povo ai nosso, aprendi trabaia nos coroar, ai ela chegou e aprendeu a merma arte. E ai nisso aí foi as fia foi nascendo e ela ensinando ensinando, foi nascendo ela foi ensinando. Ai tai a Rebançan aí toda sabendo fazia a arte. E ai cada qual sabia óia mãe de Seu Francisco bem ali, que cê fazia a pesquisa indagora, era nega macha pra fazer uma rede, a muié era perigosa ave maria, todo dia ela ia no mato arrancar coroar, ai criou os fiin dela óia trocando rede de coroar lá no São João por uns bagui pra comer. Nós aqui sofrimo minha fia, sufrimo.

Mona: Será que a Marta dizia de onde ela tinha aprendido a fazer a rede de coroar?

D. Didi: Ahhh Manel Antoin? A Marta num sabia não, ela vei trabaiair que ela chegou ai e aprendeu com minha vó Rosa, Rosa muié de Manélu Antoin. A rede de coroar, ela aprendeu a fazer adepois de chegar ai, ela fazia ai mais minha vó Rosa, minha vó Rosa muié de Manel Antoin. Óia por aqui tudo era coroar. Cê chegava aqui era os capãosão de coroar aqui, num era coisa não, era só coroar, oiá dacadá da onde aquele Sebastião mora pra cá até naquelas roças por aculá tudo era só os capão de coroar muié, ai foi indo acabou. O povo criava muito porco ai acabou. Ai pareceu um fogo aí, muié e pegou fogo ai nas caatinga e acabou com os coroar, se não tinha muito coroar aqui. Ai nós pra fazer rede, tem vez que pede o povo de fora, toda a valência que o povo daqui pede o povo de fora minha fia, o povo tem dá. E dá com gosto. Vai arrancar lá no caminho de Dom Inocência lá, perto de Dom Inocência quase.. Arrancar e depois buscar ou pagar carro pra trazer.

Mona: Deixa eu só entender aqui, quem é dona Marta, vamos tentar fazer essa árvore genealógica dessas famílias ai por que é meio confuso. Tem a dona Marta...dona Marta era a mãe de seu Manel Antonio. “- Era.” A dona Marta foi essa menininha que iam pegar ela e iam comer “- É, iam comer.” ela só que ela foi resgatada. “- Foi resgatada”. A dona Marta foi quem trouxe a tecnologia do caroar pra cá. “- É, foi, a Minervina...”

D. Didi: É, foi, a Minervina, a Marta. a Rosa... Marta num trouxe, quem tinha era Manel Antoin mais Rosa o negócio do coroar já era aqui que quando Marta chegou, Rosa já era casada aqui, já tinha. Já trabaiaiva.

Mona: E a Marta é mãe de quem?

D. Didi: A marta é mãe de Manel Antoin.

Mona: E o Manel Antoin...?

D. Didi: Manel Antoin era marido de Rosa. Rosa é do povo da Boa Vista do meu avô Pedro da Boa Vista.

Mona: Aaah entendi, a Marta é mãe do Manel Antônio. E o Manel Antônio aprendeu a coroar com quem, com Rosa?

D. Didi: Com Rosa, que Rosa já trabaiaiva mais Manel Antoin

Mona: A Rosa e Manel Antônio são mãe e pai de quem?

D. Didi: Rosa e Manel Antoin?

Mona: Isso.

D. Didi: Era pai de meu pai.

Mona: Pai do seu pai...

D. Didi: Pai de meu pai, sogro de minha mãe

Mona: Seu pai como se chamava?

D. Didi: Meu pai se chamava Lino. Lino Vieira. É ti de Francisco ali.

Mona: Então a Rosa mãe de seu pai que já morava aqui né...

D. Didi: É Manel Antoin, meu pai morava aqui já.

Mona: Rosa era pretinha também?

D. Didi: Era assim amarelada.

MONA: Ela era indígena?

D. Didi: Era... era. Cê num viu a cor do Francisco ali!? O Francisco é que é queimado do sol mas aquilo ali é amarelo vei.

Mona: Parece índio né?

D. Didi: Era... Agora pretin pretin era minha mãe.

Mona: Achei. Achei. É isso. Tendeu.

D. Didi: Achou? (RISOS)

D. Didi: Tá feita a pesquisa?

Mona: Porque eu tava tentando encaixar, encaixar, perae gente, que o que que acontece... eu mostrei essa rede pra uma mulher da Colômbia...

D. Didi: Mostrou, aquela vez que você levou, num foi!?

Mona: Isso. Que ela falou que o trançado parecia muito com umas aldeias de indígenas lá do México e lá da Colômbia.

D. Didi: Das aldeia, aldeias. Poiser. Achou.

Mona: Mas é isso, a dona Rosa, sua bisavó.

D. Didi: Minha vó, mãe de meu pai.

Mona: Mãe de seu pai. Era amarela.

D. Didi: Era, ela era amarela, bem amarela, num era branca não, que ela num era Cuêia.

Mona: Agora a gente vai falar sobre a dona Rosa. É ela que a dona, cabeça da rede do caroar. Né isso?

D. Didi: Era, minha vó Rosa. Óia quando minha mãe chegou aqui ela já fazia rede, ai ela prendeu, a família prendeu.

Mona: Por que eu tava achando desde o inicio, que quem tinha trazido a rede de caroar....

Por que o que que acontece, eu tava achando que quem tinha aprendido e repassado

a fazer a rede de caruar era dona Minervina. E não deixa de ser, por que ela repassou pra todos os filhos que se tornou esse quilombo.

D. Didi: Não, quando mamãe chegou aqui, minha vó já fazia mais as fia.

Mona: E ai daí depois eu achei que era dona Marta e agora eu cheguei na verdadeira que é a dona Rosa, amarelinha E a senhora sabe dizer se seu pai falava se ela era pataxó, Tremembé, qual era o povo dela?

D. Didi: De quem da Marta ou da minha vó?

Mona: Da sua Vó Rosa.

D. Didi: Dona Rosa? Desse povo da Boa Vista. Rosa era fia de Pedro da Boa Vista.

Mona: Onde é que ele mora Pedro da Boa Vista?

D. Didi: Ele morava lá no Riacho que vem do Salgado assim, fica perto de nós, mas é longe.

Mona: Esse riacho do salgado fica perto ali do Pernambuco né?

D. Didi: Fica não, ele fica pra cá, fica entre esse nosso aqui e o outro lá.....da Boa Vista.

Mona: Ai ela era filha do seu avô?

D. Didi: Era filha do meu avô Pedro da Boa Vista.

Mona: Boa Vista é o nome do lugar?

D. Didi: É o nome do lugar. Ai o cumpade Sebastião tem um irmão que mora lá, uma fia do Gabriel que era casado com irmã de minha vó Rosa. É. Ai ele mora ali, ela morava lá na Boa Vista.

Mona: E a mãe dela?

D. Didi: De quem?

Mona: Você conheceu seu Pedro da Boa Vista? Como ele era?

D. Didi: Conheci. Ele era bem moreninho, baixinho, grosso. Era morenim, morenim, pretin, pretin, mais escurin que essa menina bem aí.

Mona: E a mãe dela?

D. Didi: A mãe dela? De quem? De Pedro da Boa Vista?

MONA: Mãe da dona Rosa.

D. Didi: Ah eu num conheci. Num conheci.

Mona: Mas ela falava dela?

D. Didi: Falava, falava pra minha mãe. É ói elas era tudo assim alta, morena, bem morena era um moreno assim diferente meia clara, cor de café de leite.

Mona: Sim, indígena mesmo né.

D. Didi: É, poiser.

Mona: A mãe dela?

D. Didi: É a mãe de minha vó Rosa. Cor de minha vó Rosa era assim bem amarela e meu avô era amarelin véi, bem amarelo chega era vermelho, cabelinho duro...

Mona: Qual seu avô?

D. Didi: Manel Antoin. Pai de meu pai.

Mona: Mas ele era pretin?

D. Didi: Ele era amarelo véi.

Mona: Igual a sua avó? Então os dois eram indígenas né.

D. Didi: É. Era, amarelo igual minha vó.

Mona: Ele era quase vermelho?

D. Didi: Era, cê num tá vendo aquele dali, ele era mais alvo que aquele, assim amarelin, cabelinho duro, chega o cabelinho era vermelho. O cabelo dele chega era vermelho, esse Francisco bem aí foi quem puxou ele, amarelo véi.

Mona: Aí ele num era preto, era tipo amarelo?

D. Didi: Era, meu avô e minha vó era tudo de uma cor só.

Mona: Era tudo amarelo?

D. Didi: Era. Com tanto que a Maria minha irmã puxou foi a família dele, meu pai era bem amarelo, nós saimo tudo moreno causa que minha mãe era pretinha. Minha mãe era bem pretinha mas era gamada por todo mundo, quando ela morreu num deixou um intrigado, todo mundo gostava dela. Todo mundo, vishe...Quando chegava no adjunto e num via ela já perguntavam "Cadê a Minervina, tá doente? Tá não. Num veio por que? Por que não deu pra vim. Mas quando dava praí juntava a caravaninha dela e entrava tudo, era um rodeira de moleque e moleca fêmea, graças a Deus.

Mona: E eles falavam assim, sobre os pais deles?

D. Didi: Falava, mas eu esse tempo eu era pequena num sabia de nada.

Mona: A senhora consegue lembrar se alguma vez eles falarem pataxó, patavó...?

D. Didi: Aham, falava. Ói, minha vó é vó é Patavó, bisavó, tataravó e aí ia levando quando tava tudinho com a minha mãe contava pra nós, falava patavó, óia fulano é patavó, tataravó é bisavó e cacaneto.

Mona: Cacaneto?

D. Didi: Cacaneto é os netos. Passa pra cacaneto já ta véi, já é ali a família já vai com

cacaneto. Óia num vai nascendo os netos num é, os tataranetos, bisneto, cacaneto e ai vai seguindo, dos avô, tá compreendendo, dos pais, dos avôs, dos bisavôs e vai seguindo. É rapaz mas vou te dizer uma coisa é coisa muita, minha mãe eu sei lá, tinha juízo pra tudo, mas meu juízo tá ficando ruim.

D. Didi: As fia dela era tudo ai, esse Gabriele que eu to falando e do cumpade Sebastião é casado com a fia do Gabriele irmão do cumpade Sebastião é casado com a fia do cumpade Gabriele.

Mona: Seu pai ele era amarelin também?

D. Didi: Meu pai era bem amarelo, bem amarelo.

Mona: Como era o cabelo dele?

D. Didi: Era mei lá, mei cá. Era bom e era ruim demais.

Mona: Mas ele não era pretinho?

D. Didi: Não, era amarelo.

Mona: Como o povo indígena, povo indígena é assim, ele num é nem preto e nem branco.

D. Didi: Nem preto nem branco, era café com leite.

Mona: Isso, exatamente. Então é isso.

D. Didi: Meu pai era bem amarelo.

Mona: A dona Rosa e seu Manel Antoin queria entender qual povo deles. Ai eles sempre moraram aqui.

D. Didi: Moraram, eles moravam lá fora.

Mona: Eles moravam em Boa Vista? Mas eles era o que do Salgado ali da Boa Vista?

D. Didi: É, tem sangue do salgado e tem da Boa Vista, que minha vó Rosa é da Boa Vista.

Mona: A senhora era muita pequena né?

D. Didi: Era muita pequena, mas conheci ela. Conheci minha vó e meu avô. Meu avô era bem pequenininho, grossin, mas trabaiava bem ai nessa roça, amarelin...

“CHOVEU NO SER-TÃO QUILOMBOLA”: COSMOSENTIDOS NA ESCREVIVÊNCIA DA CORPA AFROPINDORÂMICA EM DIÁSPORA

Imagem 46 – CorpasOralidades



Um dia de roça começa cedo, é preciso ser mais ligeira que as formigas que estão ali também trabalhando. Esse ano deu melancia na roça de Dona Didi também, ela disse que quem plantou foram os passarinhos. Dia anterior catamos maxixe e comemos uma senhora maxixada, diz que serve pra fortalecer. Depois de uma maxixada um chá de uma erva da caatinga que ela disse que serviria pra fortalecer o sangue. No caminho da ida, ela foi orando e Carla foi catando umas pedrinhas no caminho, que ela achava bonita, brilhava no sol. Fonte: Mona Lima (2020).

O corpo negro, simultaneamente afro-brasileiro e afrodiásporico, leva a deglutinação de culturas a sério como metáfora, como performance e como linguagem na recepção do outro. Linguagem que nasce do corpo, corpo que cresce na linguagem. Esta prática interacional e produtora de renovados sentidos que adentra o universo do colonizador como um marcador cultural é também uma prática deglutinadora dos sentidos da alteridade. Instrumento para escrever e inscrever a própria narrativa. Potente a ponto de permitir o aparecimento de uma nova pragmática na qual o operador centra-se na totematização do corpo, espaço do agir, pensar, combater, orar e jogar. (TAVARES, 2020, p. 23)

Então, este trabalho tem uma visão... na verdade ele tem uma cosmovisão. Ele tem e é uma cosmossensação. Uma visão que é afroquilombola, contracolonial. E visa levantar, trazer ideias que estão sendo maduras coletivamente... que não são minhas, que estão em mim, que são nossas. Agora também são de vocês. Estão

sendo desenvolvidas em campo. O campo São João do Jatobazinho, conhecido como As Minervinas ou Nêgo das Minervinas. Muito importante esse comunicado que eu vou fazer aqui: se trata de uma pesquisa sujeita-sujeita. Com narrativa, escrita coletiva, vivida, sentida, narrada, descrita.

Imagem 47 – Destrançar



Estava em nossa casinha provisória tirando as tranças em um raro momento em que estávamos sozinhas ali naquele pequeno quartinho, logo as meninas chegaram, Milena, Renilde, Domingas e Nália. Me ajudaram a destrançar, fosse sozinha demoraria muito, já que tenho muito cabelo, rapidinho destrançamos juntas e meu pescoço se fez livre outra vez. Fonte: Joana D'arc (2020).

Cabral acreditava na influência que a cultura pode exercitar para mudar a história. As reivindicações culturais do movimento da negritude são interpretadas por ele como um embrião que permitiu o desenvolvimento sucessivo das lutas de libertação nacional. Essa cultura de revolta contra os sistemas de opressão colonial foi, para ele, o fundamento das lutas de libertação em seu propósito de afirmação da identidade cultural dos povos dominados. (PATRICIA VILLEN, 2013, p. 186).

Os quilombos são grandes arcabouços de conhecimento e intelectualidade, ou seja, criam, recriam e continuam a repassar esses conhecimentos, essas epistemologias. Criam também e como criam (!) tecnologias de reexistências. Que graças a essas também se guardam memória, no performar de sua própria história. Essa que é territorializada e ancestral, guardada pelas tempOralidades das sujeitas que são guardiãs da memOría.

Imagem 48 – Pendrives



Antes de começar as sessões do cine quilombo nós ficamos colocando músicas, nessa cada um trazia seu pendrive para tocarmos. Então fizemos umas trocas de ritmos, eu repassava músicas que tinha ali no meu notebook e eles também me passavam músicas que tinham em seus pendrives. Cedinho quando passava pela casa de Maria da Conceição e Atail, estavam ouvindo músicas na caixinha com o seu pendrive, ela disse que sempre quando enjoava dava um jeito de colocar músicas novas. Ia colocando pra tocar as músicas que eu tinha e iam escolhendo. Todo dia quase apareciam pendrives pra receber ritmos diferentes, trocas trocadas ali embaixo do pé de wi-fi. Fonte: Joana D'arc (2020).

E quando falo territorializada, eu tô falando que o quilombo é existencial como Beatriz Nascimento (1989) disse, é vivido em sua prática existencial que guarda também heranças, que são transmitidas via merecimento daquele que encarna com a missão dada. E eu tô falando também que esse território também é uma cosmunidade. Uma cosmunidade. Mas porque será que a gente não tem acesso a essas sabedorias

na cátedra do saber? Há uma separação, ou uma dualidade, será? Eurocêntrica... A qual coloca como inferior esse conhecimento gingado... e diz que conhecimento, conhecimento mesmo, é aquele colonizado, ou melhor do colonizador.

Nessa ginga aqui que tentei trazer para vocês, a gente quer mesmo trazer o saber orgânico. Do saber fazer, fazendo. Do saber ser, sendo. Que são elaborados, alimentados, compartilhados cosmologicamente por mestras e mestres de ofício, povos de terreiro. São também compartilhados pelos parentes, os povos originários... são também compartilhados pelos visíveis e invisíveis. São verdadeiros feitiços!, ou milagres, como diz Nego Bispo, de sobrevivência desses povos. Esses povos que valem a pena e é importante dizer são contracolonialistas. Essa pesquisa compartilhada teve a audácia de ser uma escrita contracolonialista... ela tem o objetivo de demonstrar que é possível uma etnografia autoetnografada contracolonizada. É possível ser feita, escrita, vivida, sentida, descrita de forma compartilhada, junta. A mestra do Caruá, as crionças, né?!

Mestra essa Dona Didi que falou anteriormente aí e quem sou eu para falar mais alguma coisa?! Uma verdadeira griô da memOría, trazemos aqui Orí, esse alimento que ela faz com as suas palavras e a todos vocês que as lêem e conseguem ouvir esse encanto. Esse encanto vem lá do São João do Jatobazinho, terra dos Nêgo da Minervina, no Cerrado piauiense. Esse Cerrado, essa Caatinga, esse ser-tão. Esses sertanejos, sertanejas... que inclusive tentam também nomeá-les assim, há também o discurso do sertão seco e sem vida, vejam as fotos e me digam que não vidas são essas dessas vegetações, que se encantam no verão e se transmutam no inverno.

Essa confluência é atravessada pelo afeto e pelas águas, é inscrita, podemos dizer assim, pela oralitura que faz a guarda da memória, ato de viver via biointeração, essa que traz consigo fazendas ancestrais, seja a guarda de um peixe no rio, como diz Bispo, seja a guarda do umbu verde no pé. É pela convivência, do cotidiano. É esse cotidiano que faz a vida andar. Foi esse cotidiano que me levou a encontrar, reencontrar essa griô, essa irmã... essa Oyá, essa Iyá.

Por falar em Oyá, quando saio do território chega a notícia que uma daquelas empresas internacionais estão se organizando para se instalar ali na região do Quilombo, que não será afetado diretamente, mas indiretamente, uma vez que vão mexer no vento. Onde já se viu tanto desrespeito? Com vento não se brinca, vento não se vende, mas falamos aqui das élicas, apelidadas de energia limpa.

São tantas as questões que surgiram nessa pesquisa que, como já falamos em outro momento por aqui, a escrita não consegue transmitir tantas sensa-emoções e transfluências vividas de dentro pra fora e de fora pra dentro. Por isso, essa dissertação não se acaba aqui, nem tem como. Ela se transmuta em um curta, em um longa e por fim em um filme, esse último sendo retorno para o Quilombo, mas podendo ser exibido na Semana de Estudos do PPCult assim que for lançado no território. Disponibilizaremos os links do curta e longa na bibliografia e entregaremos à biblioteca junto com dvd's.

Dona Didi é a personagem principal, a protagonista. Ela trança no seu cotidiano não só o caruá, mas também o viver, o reviver, o recontar, o rememorar, o recordar as histórias de Dona Minervina, as histórias de Dona Marta, as histórias de todos os seus quatozes irmãos/irmãs que não estão mais no Ayê, mas estão em Orun. Uma trança que tentamos transmitir a partir das imagens aqui colocadas, no corpo dessa escrita, inscrita nesse tempo-espaco aqui espiralar que a gente está conversando, que pode ser agora presente, passado, futuro, porque nós somos circular. Essa trança, é importante dizer, é uma escrevivência, uma trança de escrevivências atravessadas, feita na encruzilhada da memória com a bio-interação, termo cunhado também pelo Nego Bispo.

E aí, quais foram as referências epistemológicas utilizadas por essas corpos, né? Porque a gente precisa dançar, né... a ginga... o dançar da academia. A gente se referenciou naqueles e naquelas que têm trajetórias circulares, quilombistas e ancestrais, é Nego Bispo, Conceição Evaristo, Leda Martins, Neusa Gusmão, Júlio Tavares, Maria Sueli, Janaína Damaceno, Beatriz Nascimento e suas cosmovisões sobre identidades no território existencial... Kilombo.

E aí, para não me delongar tanto, né? Vamos falar do porquê e como esta pesquisa se tornou possível. Damos graças ao mestre Nego Bispo, a todas as matriarcas que me conduziram na caminhada. Também foi possível devido a Mãe que me teve, Dona Maria do Socorro. E ela foi super possível através desse encontro-reencontro com a Dona Didi, do confiar pelo olhar no olho e acreditar. Naquele rio porção, as águas disseram sim, tanto é que aqui estamos.

A metodologia praticada foi a orgânica, a compartilhada, a do assuntar, ouvir, a do pedir bençã! De participar da tarefa, mas participar só quando se é chamado, né! Pedir licença é importante. E aí também, é importante colocar que essa confirmação da resistência quilombola... ela se faz através dessa rede, a rede do coroá. Buscamos

identificar esses atravessamentos de identidade, de território ancestral, na performance do trançar. É afropindorâmico! A lida do nosso cotidiano no Jatobazinho foi estadia em uma espiral de tempo Oralidades, essas compartilhadas de forma orgânica, na colheita de um feijão, na ida pra roça cedinho, numa roda de conversa comendo melancia também na roça de Seu Raimundo e Dona Irene, na conversa animada nas cercas de cada casa, naquela conversa no rio da barragem quando íamos banhar e Dona Conceição ia lavar roupa, entre outros momentos, do fazer filme e do fazer amizades. Assim como o caruá, tem as suas várias etapas tivemos também vários momentos de trocas.

Imagem 49 – Ora iê iêu



Foi aí que a gente se encontrou. Foi nosso primeiro encontro. Nosso reencontro. Fonte: Daniel Cavalcante (2020).

E aí que nós não fazemos nada calado e nem quieta, só quando se sente que devemos ouvir o silêncio, ou melhor o tempo. A gente não chega, a gente é de chegada, dessas que já chega tagarelando, do nosso modo, cantando. Como diz um ditado do povo, “quem é de verdade sabe quem é de verdade”. Assim com nossa chegada ali, ao sair percebemos que encontramos uma outra família também.

Falamos cantando, você fala falando, você, ela fala repassando as histórias, aí a mestra ela faz sempre essa reconexão, né? No qual Leda traz em seus trabalhos e em suas vivências, temos ali a performance do traçar. Ela, Dona Didi, trança, mas ela também fala, não só com a boca, mas com as mãos, com sua corpaOralidade. Então essas orais – memórias, elas também são territorializadas nessas redes. Para a construção coletiva dessa narrativa vivida, sentida, narrada, trouxemos também pra ginga das palavras, o griô Amadou Hampâté Bâ.

Imagem 50 – Coroá



Se pega o caruá só na seca, não pode se pegar na cheia, porque se não ele solta uma toxina. Depois que você pega o caruá, você coloca de molho. Depois você tira de molho, você tira as tiras, você bate, você seca no sol por três dias... e você vai ali, né... você ali fazer a rede, com várias mãos. Fonte: Mona Lima (2020).

É importante a gente entender, né... que o nosso corpo é afro... é africano, e nós somos atlânticas. E aí que falar de oralitura, de ancestralidade e memOría é caminhar junto com a espiritualidade, que guia suas filhas, como Oyá me guiou, o axé veio também com a yalorixá Vanda de Araújo, porque ela fala do vivido-sentido e aqui buscamos falar do sentido, vivido e performado no cotidiano, procurando sempre entrar na espiral da tempOralidade narrada e alemburada por Dona Didi.

Queremos aqui demonstrar o enorme respeito que tivemos ao pisar no chão do quilombo São João do Jatobazinho, temos em nós que pra falar do chão, dessa terra de preto que Neusa Gusmão fala também, é preciso pedir licença, pedir a benção, é preciso sentir. Por isso nos propusemos a tentar apresentar aqui essas audioralidades vivida, sentidas, narradas, inscritas nas performances de lembrar, seja redes, de algodão e do coroá, as águas dos rios, marathaoan e porção, além do cuscuz com bode, do beijú, da umbuzada e do olhar aquela junto as noites em que o céu se aproxima do chão, alumando mais também se conectando.

Esperamos que vocês consigam perceber que o desenrolar dessa narrativa, é a construção de discurso, é construção de imagem... entendeu? E uma das justificativas desse projeto, dessa história, desse conto que estamos falando, né? Um dos desenrolar é um filme, esse que é da comunidade, é contrapartida, apresentamos o curta e na defesa apresentaremos um longa. O filme pertence ao quilombo, porque quem está fazendo e fazendo junto é nós. Porque eu não sou eu, eu sou nós.

E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação (EVARISTO, 2007, p. 20- 21).

Nossas corpos, nossas mentes, nossa subjetividade, nossos cabelos, tudo nosso é circular. Desse povo que dança, que ginga, que canta e que reza em roda. Não poderiam ser diferentes as nossas considerações serem contínuas e não finais, como fala Ana Mumbuca do Quilombo Mumbuca do Jalapão, Tocantins. Já que somos início, meio e início, e o círculo nunca tem fim, tem encontro, tem reencontro, fim não. Somos povos sem fim porque somos encantados pela espiral tempOral, seguimos então nessa consideração pra mesma transmitir nossa existencialidade contra colonial inté na hora de re-transmitir o transmitido.

Reservamos aqui um momento de ser vento, aquele que carrega consigo a poeira dos tempos. Eu sei, é audácia né, digamos que quem consegue brincar de imaginar-se, imagina e só. E imaginar é ter a continuidade da criança que carregamos e que está em nós. Por que ser vento, talvez por que esta confluência pesquisada esteja e seja uma poeira dentro desse vento tempo, pode ter sido no ontem, mas está presente em nosso hoje, no meu e no de vocês que leem em seu agora, estará no amanhã dos que lerão. Estará em qualquer tempo, pois o acesso é pela lembrança.

A brisa que está passando aqui, nesse frio que estou, vai passar também onde tá os negos da Minervina e onde você estão, entende?

Só reencontrar aquele lugar mágico em meio à caatinga, não tem museu no mundo como esses territórios existenciais espirituais, cosmológicos, não tem. Essa tentativa de repassar o vivido sentido é ideia de provocar movimentos, inquietações, de entender o inexplicável, não nessa língua que fomos adestradas a escrever, sendo bom mesmo é ver, por isso as imagens, com elas tudo se movimenta dentro de quem vê.

Não queremos impor cosmovisões, o movimento é mostrar essas cosmologias, que muitas das vezes são expressadas de forma folclorizadas e subjulgadas, expressá-las aqui é também respeitar minha ORÍgem, expressá-las aqui demonstra o quão importante é trazer a contracolonialidade para espaços colonizados, no caso da academia. Que mesmo tentando invisibilizar, atualmente, demonstra como pensamentos de David Kopenawa, como Ailton Krenak, Nêgo Bispo, Makota Valdina, Dona Didi e outras griôs da oralitura são importantes para “segurar o céu”, para “adiar o fim do mundo”. Tempos de estar ao lado, de se aquilombar e contra colonizar.

Ancestralidade pra mim é tudo que vem antes de mim, então a natureza é a minha ancestralidade. Muita gente "Ah porque orixá é ancestral", ancestral na medida em que a essência dos nkisis, dos vodunsi, dos orixás está na natureza. E a natureza não foi o homem que fez, o homem veio depois da natureza criada né, pra dar uma intenção de vida pro homem, então a minha ancestralidade é toda natureza que foi criada pela primeira semente viva que iniciou esse mundo e eu acredito nisso. Minha ancestralidade é a natureza. (MAKOTA VALDINA, 2021)³⁰

³⁰ Valdina Pinto é uma encantada, que foi educadora, religiosa, militante negra e Makota do Nzo Onimboya, em Salvador - BA.

Imagem 51 – A bença



Relação ritual, imagens, sensações, gestos e práticas. A corpa preta é encruzilhada, é atravessamento de elementos e saberes - fazeres que nos compõe. Um ser é um universo, carrega o cosmo, ali se transforma em comunidade, dimensão performada no tempo que troca afetos, histórias, que eternizadas ficam nas lembranças. Corpo é portal, performance ritual, que quem tem “pele cor da noite” e transmite, no encanto modo de ser, modo carregado de significado. Fonte: Joana D’arc (2020).

REFERÊNCIAS

- PIAUÍ. Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural Do Piauí. **Missão do EMATER**. [online], [s.d.]. Disponível em: <http://www.emater.pi.gov.br/missao.php>. Acesso em: 11 jul. 2020.
- FARIA, Ana Tereza Dutra Pena de. Comunidade quilombola Lagoa. Belo Horizonte: FAFICH, 2016. Disponível em: <https://antigo.incra.gov.br/media/docs/quilombolas/memoria/lagoas.pdf>. Acesso em: 17 out. 2020.
- ABRANCHES, Sérgio. “A ecologia de Grande Sertão: Veredas”. 2016. acesso no <https://www.oeco.org.br/colunas/sergio-abranches/16507-oeco-15318/> em 08.08.2020 às 09:00.
- SEMEAR INTERNACIONAL. **PROJETO VIVA O SEMIÁRIDO – Piauí**. [online], [s.d.] Disponível em: <http://portalsemear.org.br/fida/projeto-viva-o-semiarido/>. Acesso em: 9 jul. 2020.
- MAKOTA VALDINA. **Ancestralidade**. In: AGÔ – MÚSICA E ANCESTRALIDADE. [online] 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N9I4diwjRbU&ab_channel=Ag%C3%B4-. Acesso em: 9 jul. 2021.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozie. Os perigos de uma história única. In: CONFERÊNCIA ANUAL – TEDGLOBAL 2009, 21-24 jul. 2009, Oxford. Oxford: TED, 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia>. Acesso em: 16 jun. 2018.
- ANJOS, R. S. A. Geografia oficial, cartografias invisíveis, geotecnologias & educação geográfica. **Boletim Paulista de Geografia** – BPG. v. 99, 2018.
- BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino Fula**. São Paulo: Palas Athena, 2003.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Diário Oficial da União, Brasília, DF, n. 191-A,5 out. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 16 jun. 2020.
- CARVALHO, J. J de. Sobre o notório saber dos mestres tradicionais nas instituições de ensino superior e de pesquisa. **Cardernos de inclusão**, n. 8, p. 5-13, 2016.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Anísio Garcez Homem. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.
- QUILOMBHOJE (org.). **Cadernos Negros**. Poesia e Contos. São Paulo: Edição dos Autores. 15 vol. 1992.

DAMACENO, Janaina. O corpo do outro. Construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro: O caso da Vênus Hotentote. **Fazendo Gênero 8** – corpo, violência e poder. Florianópolis, de 25-28 de agosto de 2008. ST 69 - Pensamento negro, corporeidade e gênero: textualidades acadêmicas, literárias e ativistas

SILVA, Ana Claudia Matos. Uma escrita contra-colonialista do Quilombo Mumbuca Jalapão-TO. 2019. 107f. Dissertação (Mestrado profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

BRASIL. **Decreto nº 4.887**, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 nov. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 16 jun. 2020.

DU BOIS, W.E.B. **As almas da Gente Negra**. Rio de Janeiro, Lacerda Editores, 1999.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (orgs.). **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: UFPB, Ideia/Editora Universitária, 2005, p. 201- 212.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antonio (org.). **Representações performáticas Brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007, p. 16-21.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (org.). **Um tigre na floresta de signos**: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 132-142.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. A questão política das chamadas “terras de preto”. **Textos e Debates**, Florianópolis, ano I, n. 2, 1990.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Campinho da independência**: um caso de proletarização caiçara. São Paulo: PUC-SP, 1979.

GYASI, Yaa. **O caminho de casa**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

HALL, Stuart. **Representation**: Cultural Representations and Signifying Practices. London: Sage, 1997.

BRASIL. **Lei nº 9.985**, de 18 de julho de 2000. Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 de jul. de 2000.

MARTINS, Leda. Performance da Oralitura: Corpo, Lugar da Memória. **Língua e Literatura: Limites e Fronteiras**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM, Santa Maria, n. 2, p. 63-81, jun. 2003.

MARTINS, Leda. Oralitura. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (org.). **Performance, exílio, fronteiras, errâncias territoriais e textuais**. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Poslit, FALE/UFMG, 2002. p. 66-89.

MARTINS, Leda. **Afrografias da memória, o reinado do rosário do Jatobá**. São Paulo Ed. Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

NASCIMENTO, Abdias. do. **O Quilombismo**. 2. ed. Brasília/Rio de Janeiro: Fundação Palmares/OR Editor Produtor Editor, 2002.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento**, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. Por um território (Novo) Existencial e Físico. In: NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento**, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: Elementos Gerais para uma ética Afroperspectivista. **Revista da ABPN**. v. 3, n. 6, p. 147-10, nov. 2011-fev. 2012.

OYĔWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. **La invención de las mujeres**. Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Bogotá: la frontera, 2017.

PAZ, Francisco Phelipe Cunha. MemORÍa, a flecha que rasura o tempo: reflexões contracoloniais desde uma filosofia africana e a recuperação das memórias usurpadas pelo colonialismo. **Problemata**, v. 10, n. 2, p. 147-166, 2019.

RAMOSE, Mogobe B. **African Philosophy through Ubuntu**. Harare: Mond Books, 1999, p. 49-66. Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcellos.

RATTS, Alex (org.). **Eu sou Atlântica**: Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

SANTOS, A.B. **Colonização, quilombos, modos e significações**. Brasília: INCT/UnB, 2015.

SANTOS, A. B. Somos da terra. **Piseagrama**, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, 2018.

MACHADO, Vanda. Pele da cor da noite. Salvador: EDUFBA, 2013.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, M. A . A.; SILVEIRA, M.L. (orgs.) **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: Annablume/Hucitec/ANPUR, 2002.

SODRÉ, Muniz A. C. **Pensar nagô**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOUZA, Maria Sueli Rodrigues. Conhecimentos tradicionais associados a biodiversidade, racismo e territorialidades quilombolas: racismo institucional e ambiental na titulação de territórios quilombolas. In: LIMA, Solimar Oliveira; Adelmir FIABANI (orgs). **Sertão Quilombola**: comunidades negras rurais no Piauí, EDUFPI, Teresina. 2017, p. 79-129.

SILVA, Fabiana Carneiro. **Remate de Males**, Campinas-SP, v.40, n.1, p. 105-119, jan./jun. 2020.

TAVARES, Julio Cesar de. **Gramáticas das corporeidades afrodiáspóricas**: perspectivas etnográficas. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. **A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau**: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil. 2019. 234f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2019

VILLEN, Patricia. **A crítica de Amílcar Cabral ao colonialismo**: entre a harmonia e a contradição. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

PRODUTOS DA DISSERTAÇÃO

Teaser/Curta:

LIMA, Mona. AudiOralidades no SER-TÃO Quilombola com a Griô Didi. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rpOA9aITew8&t=9s&ab_channel=MonaLima

Apresentação Jornada:

LIMA, Mona. AudiOralidades no SER-TÃO quilombola. Jornada Discente 2020. Programa de Pós Graduação em Cultura e Territorialidade - PPCULT – UFF. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=n9bo7r4Yqx4&ab_channel=MonaLima